

**RAFAELA COTA DA SILVA**

**SIGNWRITING: UM SISTEMA DE ESCRITA DAS  
LÍNGUAS GESTUAIS – APLICAÇÃO À LÍNGUA  
GESTUAL PORTUGUESA**

**Orientador: Manuel Costa Leite**

**Co-Orientadora: Isabel Correia**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Lisboa**

**2012**

**RAFAELA COTA DA SILVA**

**SIGNWRITING: UM SISTEMA DE ESCRITA DAS  
LÍNGUAS GESTUAIS – APLICAÇÃO À LÍNGUA  
GESTUAL PORTUGUESA**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de  
Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias  
de Apoio, conferido pela Universidade Lusófona de  
Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Manuel Costa Leite  
Co-Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Correia

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

**Lisboa**

**2012**

## Epígrafe

(...) o melhor caminho para a cultura passa pela linguagem. Esta tem de ser-nos tão familiar como o próprio apartamento ou a própria casa. Não temos de estar a utilizar continuamente todas as suas divisões. E não utilizamos a cave da gíria, a lavandaria das emoções transbordantes, e a casa da caldeira das erupções apaixonadas com a mesma frequência que o quarto-cozinha da linguagem, o quarto da conversação familiar permanente e a sala de estar da comunicação normal no seio da sociedade. O mesmo se aplica às águas-furtadas dos enunciados formais e enfáticos, e de igual modo ao quarto dos hóspedes que alberga uma conversação de alta craveira, crivada de palavras estrangeiras. No entanto, todas as divisões e todos os andares da linguagem têm de nos ser acessíveis por igual: temos de saber movimentar-nos neles de um modo rotineiro e hábil, e até será caso para dizer que temos de o fazer com a segurança de um sonâmbulo.

Schwanitz, D. (2009). A Casa da Linguagem. In *Cultura. Tudo o que é preciso saber*. Alfragide: Livros D’Hoje., p. 431

## **Dedicatória**

Ao meu pai.

Porque há parte dele aqui.

Porque há muito dele em mim.



## **Agradecimentos**

Quando nos deparamos com o final de uma etapa, olhamos para trás, analisamos o percurso e percebemos que, efetivamente, sozinhos nunca o teríamos alcançado. Por isso, e porque os agradecimentos nunca são em excesso, há que os prestar aqui:

- Ao Professor Doutor Manuel Costa Leite na figura de orientador;
- À Professora Doutora Isabel Correia, nossa co-orientadora, por acreditar no tema, pelas extraordinárias ideias, pela presença, acompanhamento, incentivo e imprescindível orientação a nível científico;
- À minha mãe, pela extrema paciência na ausência da minha, pelo amor incondicional, pelas palavras compreensivas e amigas, pelo simples mas importante e poderoso “tu consegues”;
- À Joana, Luísa e Neuza, colegas e amigas, pela constante motivação;
- À Filipa, pela ajuda em termos técnicos;
- À Gabriela, pelos documentos importantes para a fundamentação do trabalho;
- À Raquel, pela disponibilidade e prestável ajuda;
- Ao Adam Frost, pelo crucial apoio na escrita dos gestos;
- Ao João Ventura, pela edição dos vídeos;
- À comunidade surda no geral, por me mostrar o quão fantástica é a língua gestual e em especial às pessoas surdas que colaboraram respondendo aos inquéritos.

## **Resumo**

A língua gestual (LG) é a língua natural da pessoa surda, sendo utilizada como forma de expressão e comunicação da comunidade surda de um determinado país. Porém, é de todo impossível escrever estas línguas através de um alfabeto comum como o da Língua Portuguesa (LP). Em 1974, na Dinamarca, Valerie Sutton criou o SignWriting (SW), um sistema de escrita das línguas gestuais, contrariando assim a ideia de que as línguas espaço-visuais não poderiam ter uma representação gráfica. Para o surgimento deste sistema foram fundamentais os estudos pioneiros de William Stokoe que reconheceram o estatuto linguístico das línguas gestuais, atribuindo-lhes propriedades inerentes a uma língua, como por exemplo a arbitrariedade e convencionalidade.

Neste trabalho apresentamos o SW, sistema de escrita das línguas gestuais já utilizado noutros países, e questionamos se é exequível e profícua a sua adaptação à língua gestual portuguesa (LGP). Nesse sentido, concretizamos a escrita da LGP com base em áreas vocabulares distintas e presentes no programa curricular do ensino da LGP. Por último, efetivamos tal proposta através de um modelo de ação de formação em SW.

**Palavras-chave:** Língua Gestual, Língua Gestual Portuguesa, SignWriting, Sistema de escrita.

## **Abstract**

Sign language is the natural language of deaf people, being used as a form of expression and communication of the deaf community in a given country. However, it is absolutely impossible to write these languages through a common alphabet as the Portuguese Language. In 1974, in the Denmark, Valerie Sutton created the SignWriting (SW), a sign language writing system, thus contradicting the idea that visual-spatial language could not have a graphical representation. For the emergence of this system, the pioneering studies of William Stokoe were fundamental, which recognized the linguistic status of sign languages, giving them properties inherent in a language, as for example the arbitrariness and conventionality.

In this work we present the SW, the writing system of the sign languages already used in other countries, and we wonder if its adaptation to the Portuguese Sign Language (LGP) is feasible and useful. In this regard, we materialize the writing of the LGP based on the distinct vocabulary areas, present in the education curricular plan of the LGP. Lastly, we accomplish such proposal through a model of formation action in SW.

**Key-word:** Sing Language, Portuguese Sing Language, SignWriting, Writing system.

## **Abreviaturas e siglas ou acrónimos**

### **Abreviaturas**

coord.	coordenação
<i>et al.</i>	e outros
fig.	figura
org.	organização
p.	página
pp.	páginas
s.d.	sem data

### **Siglas ou acrónimos**

ASL	<i>American Sign Language</i>
DAC	<i>Deaf Action Commitee</i>
EREBAS	Escola de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos
L2	Língua Segunda
LG	Língua Gestual
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LGs	Línguas Gestuais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
ONG	Organização não-governamental

O-S-V	Objeto-sujeito-verbo
PCLGP	Programa Curricular da Língua Gestual Portuguesa
PPEB	Programa de Português do Ensino Básico
S-O-V	Sujeito-objeto-verbo
S-V-O	Sujeito-verbo-objeto
SW	SignWriting

## Índice

Epígrafe .....	1
Dedicatória .....	2
Agradecimentos .....	3
Resumo .....	4
Abstract .....	5
Abreviaturas e siglas ou acrónimos .....	6
Índice .....	8
Índice de figuras .....	12
Índice de gráficos .....	14
Introdução .....	15
Capítulo 1 – Fundamentação teórica .....	18
1.1 - O estudo das línguas gestuais .....	19
1.2 - História da escrita .....	24
1.3 - A escrita das línguas gestuais .....	27
1.4 - SignWriting .....	30
1.5 - Aplicação do SignWriting .....	32
1.5.1 - Princípios básicos do SignWriting .....	33
1.5.2 - Perspetiva do emissor .....	36
1.5.3 - Configurações da mão .....	37
1.5.4 - Símbolos de contacto .....	40
1.5.5 - Movimento interno da mão .....	41
1.5.6 - Localização e movimento silábico .....	44
1.5.7 - Dinâmica dos movimentos .....	54
1.5.8 - Expressão facial .....	55

1.5.9 - Posição do corpo.....	56
1.5.10 - Sinais de pontuação.....	58
1.6 - Aquisição da linguagem .....	59
1.7 - Representações escritas nas crianças.....	61
1.8 - A escrita do surdo.....	64
1.9 - A importância do SignWriting .....	66
Capítulo 2 – Léxico: SignWriting e Língua Gestual Portuguesa .....	72
2.1 - Apresentação.....	73
2.2 - Constituição da amostra.....	73
2.3 - Metodologia e recolha de dados.....	74
2.4 - Resultados dos questionários .....	75
2.5 - SignWriting – resultados dos questionários.....	89
2.5.1 - SignWriting e Língua Gestual Portuguesa: proposta de escrita .....	89
2.6 - Programa curricular da Língua Gestual Portuguesa.....	100
Capítulo 3 – Plano de formação.....	103
3.1 - Apresentação.....	104
3.2 - Análise dos resultados da aplicação prática.....	104
3.3 - Plano de formação .....	108
Sessão 1 .....	108
Sessão 2.....	110
Sessão 3.....	112
Sessão 4.....	115
Sessão 5.....	117
Sessão 6.....	119
Sessão 7.....	120

Sessão 8.....	122
Sessão 9.....	123
Sessão 10.....	125
Sessão 11 .....	126
Sessão 12.....	128
Sessão 13 .....	129
Conclusão .....	130
Bibliografia.....	133
Apêndice 1 – Questionário de recenseamento das áreas vocabulares .....	I
Apêndice 2 – Formação em SignWriting (aplicada a 28 de maio de 2012).....	IV
Apêndice 3 - Questionário de avaliação da formação em SignWriting .....	XIX
Anexo 1 – Configuração da mão: grupo I – dedo indicador .....	XX
Anexo 2 – Configuração da mão: grupo II – dedos indicador e médio .....	XXI
Anexo 3 – Configuração da mão: grupo III – dedos indicador, médio e polegar .....	XXII
Anexo 4 – Configuração da mão: grupo IV – 4 dedos.....	XXIII
Anexo 5 – Configuração da mão: grupo V – 5 dedos.....	XXIV
Anexo 6 – Configuração da mão: grupo VI – dedo mínimo .....	XXVII
Anexo 7 – Configuração da mão: grupo VII – dedo anelar .....	XXVIII
Anexo 8 – Configuração da mão: grupo VIII – dedo médio.....	XXIX
Anexo 9 – Configuração da mão: grupo IX – 5 dedos indicador e polegar .....	XXX
Anexo 10 – Configuração da mão: grupo X – dedo polegar.....	XXXII
Anexo 11 – Movimentos retos para cima e para baixo.....	XXXIII
Anexo 12 – Movimentos retos para a frente e para trás.....	XXXIV
Anexo 13 – Movimento circular paralelo à parede da frente .....	XXXV
Anexo 14 – Movimento circular paralelo à parede ao chão e movimento circular à parede do lado.....	XXXVI



Anexo 15 – Movimento curvo paralelo à parede da frente .....	XXXVII
Anexo 16 – Movimento curvo paralelo ao chão.....	XXXVIII
Anexo 17 – Movimento curvo paralelo à parede do lado .....	XL
Anexo 18 – Movimento horizontal de rotação do antebraço com os dedos para o lado .....	XLII
Anexo 19 – Movimento horizontal de rotação do antebraço com os dedos para a frente ..	XLIII
Anexo 20 – Movimento vertical de rotação do antebraço .....	XLIV
Anexo 21 – Movimento rápido de rotação do antebraço .....	XLV
Anexo 22 – Movimento de rotação do pulso .....	XLVI
Anexo 23 – Expressão facial: zona da testa .....	XLVIII
Anexo 24 – Expressão facial: sobrancelhas .....	XLIX
Anexo 25 – Expressão facial: olhos e olhar .....	LI
Anexo 26 – Expressão facial: orelhas e bochechas .....	LIII
Anexo 27 – Expressão facial: respiração e nariz .....	LIV
Anexo 28 – Expressão facial: boca.....	LV
Anexo 29 – Expressão facial: língua .....	LVII
Anexo 30 – Expressão facial: dentes .....	LIX
Anexo 31 – Expressão facial: queixo.....	LX
Anexo 32 – Expressão facial: outras partes.....	LXII
Anexo 33 – Posição dos ombros.....	LXIII
Anexo 34 – Posição do tronco.....	LXIV
Anexo 35 – Posição da cabeça .....	LXV
Anexo 36 – Sinais de pontuação.....	LXVI
Anexo 37 – Representações escritas de uma criança surda portuguesa.....	LXVIII
Anexo 38 – Vídeos dos gestos da LGP escritos em SignWriting .....	LXX

## Índice de figuras

Figura 1: Escrita na vertical .....	33
Figura 2: Escrita com o corpo inteiro .....	33
Figura 3: Grafia do gesto de surdo.....	34
Figura 4: Configuração de mão – diferença entre mão esquerda e mão direita .....	35
Figura 5: Posição de contacto - grafia correta e grafia incorreta.....	35
Figura 6: Perspetiva do emissor.....	36
Figura 7: Rotação da mão.....	37
Figura 8: Lado esquerdo e lado direito da cabeça .....	37
Figura 9: Configurações básicas da mão.....	37
Figura 10: Adição de linhas para representar os dedos.....	38
Figura 11: Vista de frente e vista de cima .....	39
Figura 12: Grupos de configurações da mão .....	39
Figura 13: Símbolos de contacto .....	40
Figura 14: Símbolos de contacto - exemplos em LGP .....	41
Figura 15: Movimentos dos dedos.....	42
Figura 16: Movimentos dos dedos - exemplos em LGP .....	43
Figura 17: Movimento sequencial dos dedos .....	43
Figura 18: Plano paralelo à parede .....	45
Figura 19: Plano paralelo ao chão.....	45
Figura 20: Movimentos laterais .....	46
Figura 21: Movimentos com a mão direita, mão esquerda e mãos juntas .....	46
Figura 22: Movimentos retos.....	47
Figura 23: Movimentos diagonais .....	47
Figura 24: Movimento reto e diagonal - exemplos em LGP .....	48
Figura 25: Movimento circular paralelo à parede da frente .....	48
Figura 26: Movimento circular paralelo ao chão.....	49
Figura 27: Movimento circular paralelo à parede do lado .....	49
Figura 28: Movimento circular - exemplos em LGP .....	49
Figura 29: Movimento curvo paralelo à parede da frente .....	50

Figura 30: Movimento curvo paralelo ao chão.....	50
Figura 31: Movimento curvo paralelo à parede do lado .....	51
Figura 32: Movimento horizontal de rotação do antebraço com os dedos para o lado .....	51
Figura 33: Movimento horizontal do antebraço com os dedos para a frente .....	52
Figura 34: Movimento vertical do antebraço .....	52
Figura 35: Movimentos rápidos de rotação.....	52
Figura 36: Movimentos de rotação - exemplos em LGP .....	53
Figura 37: Movimentos de rotação do pulso .....	53
Figura 38: Movimentos de flexão do pulso - exemplos em LGP .....	54
Figura 39: Dinâmica dos movimentos .....	54
Figura 40: Dinâmica dos movimentos - exemplos em LGP .....	55
Figura 41: Expressões faciais .....	55
Figura 42: Expressões faciais – exemplos em LGP.....	56
Figura 43: Linha dos ombros.....	56
Figura 44: Linha da cintura - exemplo em LGP .....	57
Figura 45: Linha dos ombros vista de cima .....	57
Figura 46: Posição do tronco.....	57
Figura 47: Posição da cabeça - exemplo em LGP .....	58
Figura 48: Sinais de pontuação.....	58
Figura 49: Representações escritas de crianças surdas brasileiras .....	70

## Índice de gráficos

Gráfico 1: História dos surdos .....	76
Gráfico 2: Comunidade surda.....	77
Gráfico 3: Educação.....	78
Gráfico 4: Língua e linguística .....	79
Gráfico 5: Cultura .....	80
Gráfico 6: Saúde .....	81
Gráfico 7: Ambiente .....	82
Gráfico 8: Economia .....	83
Gráfico 9: Desporto.....	84
Gráfico 10: Justiça .....	85
Gráfico 11: Comunicação social.....	86
Gráfico 12: Vocabulário do uso diário.....	87
Gráfico 13: Outro vocabulário relevante.....	88

## **Introdução**

O surgimento da humanidade pressupõe que se estabeleçam relações entre as pessoas o que gera, naturalmente, a necessidade de comunicação. Nestas interações, o ser humano enquanto ser racional dotado de capacidades intelectuais precisou de expressar as suas ideias e pensamentos o que fez com que as línguas emergissem. Todavia, com o aumento das civilizações, quer em quantidade, quer a nível de localização e afastamento, a língua de modalidade oral por si só deixou de ser capaz de possibilitar uma interação que não fosse presencial. Desta forma, surgiu a representação escrita que veio permitir que a comunicação à distância e a comunicação diferida se tornassem exequíveis e que as línguas permanecessem no tempo. De fato, sem a escrita é mais difícil existir a possibilidade de representar uma língua e de a conservar, quer em ordem à distância quer em ordem ao tempo.

Por sua vez, as pessoas surdas, cidadãos desta humanidade, são também detentoras de capacidades que lhes permitem estabelecer uma comunicação de modalidade distinta da oral mas não menos sólida. Assim, a língua gestual fornece à pessoa surda ferramentas linguísticas, atribuindo-lhes uma identidade própria e gerando na comunidade que se serve desta língua para comunicar um sentimento de pertença e de afinidade no que toca a valores culturais. Contudo, quando pensamos na transmissão de geração em geração da língua gestual e na sua preservação ao longo dos tempos deparamo-nos com uma necessidade que, neste momento, tem como única solução o registo visual, nomeadamente os formatos filmados ou em suportes fotográficos. Se a língua gestual possui todas as propriedades que a tornam uma língua de expressão, comunicação, de aquisição natural e com falantes nativos, o que a impede de ter uma forma de apresentação que passe pelo registo em papel? Não poderia a escrita da língua gestual conceder-lhe um novo patamar, admitir que o seu estatuto linguístico fosse verdadeiramente reconhecido como tal e, por último, autenticar a pessoa surda como indivíduo com direitos linguísticos próprios?

Numa sociedade que se assume como sendo da informação e do conhecimento é imprescindível que os sujeitos estejam munidos de capacidades que lhes permitam dar resposta às inúmeras solicitações com que se deparam diariamente. Assim sendo, a preocupação com a aquisição das bases fundamentais para o desenvolvimento do ser humano enquanto participante ativo na sua própria construção é uma constante em todos os contextos e o educativo não é exceção.

A motivação para a escolha do tema deste trabalho prendeu-se com a possibilidade de facultar à comunidade surda em geral e às crianças em particular, por estarem em processo de aquisição e aprendizagem da língua, um instrumento que possa de alguma forma colmatar as falhas que existem nesse processo e que pode ser profícuo tanto para a aquisição da língua gestual como para a aprendizagem da língua portuguesa. Assim sendo, o objetivo deste trabalho consiste na proposta de adaptação de um sistema de escrita das línguas gestuais já utilizado noutros países, o SignWriting, à língua gestual portuguesa, procurando perceber se a sua aplicação é ou não viável e se o mesmo poderá assumir a responsabilidade de estruturar o pensamento da criança.

Desta forma, pensando nas crianças surdas enquanto elemento principal que poderá usufruir do sistema de escrita e considerando a sua inserção no ambiente escolar, o acesso tardio à língua que uma grande percentagem apresenta e as dificuldades que, por diversos motivos, surgem no percurso educativo, consideramos que há algo a fazer pois, tal como refere Stumpf (2011):

“não é a surdez em si, a causa dos maiores problemas dos surdos e sim alguma das consequências da surdez principalmente a dificuldade e distorção da vida comunicativa que ocorrem nos casos de surdez congênita ou pré-verbal em que a criança, nascida em família ouvinte, fica impedida de adquirir a linguagem. Capacidades lingüísticas e intelectuais existem. Há obstrução no desenvolvimento dessas capacidades” (Stumpf, 2011, p. 18).

Por sua vez, analisando o Programa Curricular da Língua Gestual Portuguesa (PCLGP, 2007, 2008), documento que contém as diretrizes que devem ser seguidas a nível nacional, constatamos que um dos temas presentes diz respeito precisamente ao ensino do Signwriting. Neste sentido, questionamo-nos como poderá tal conteúdo ser posto em prática se, de fato, não existe em Portugal documentação oficial que permita aos docentes de língua gestual portuguesa recorrerem aquando do ensino deste sistema de escrita? Qual a formação específica necessária para que estes docentes, em articulação com os conteúdos programáticos da sua disciplina, passem a incluir o ensino de SignWriting na prática letiva? Tais questões fizeram com que sentíssemos necessidade de provar que é possível e exequível a adaptação à língua gestual portuguesa, e demonstrar como se poderá concretizar a utilização deste sistema na língua gestual portuguesa.

Nesta ótica, este trabalho divide-se em três partes:

No primeiro capítulo faz-se uma descrição teórica sobre aspetos que sustentam a nossa temática, nomeadamente estudos realizados sobre as línguas gestuais e que, por analogia com as línguas orais, comprovam o seu estatuto enquanto língua, o surgimento e evolução da escrita da língua orais; seguidamente e conjugando os dois itens anteriores, descrevemos detalhadamente o sistema de escrita que pretendemos aplicar à língua gestual portuguesa sendo que, posteriormente, esclarecemos como se processa a aquisição da escrita pelas crianças no geral e em particular pelas crianças surdas, revelando os problemas e dificuldades que as mesmas apresentam e terminamos com a apresentação das vantagens que poderiam advir da introdução e aplicação do SignWriting no processo de ensino-aprendizagem das crianças surdas.

No segundo capítulo concretizamos a escrita da língua gestual com base em áreas vocabulares distintas e presentes no plano curricular. Com efeito, e tendo em conta que não seria exequível abarcar todo o vocabulário existente na LGP, houve necessidade de colocar algumas questões que permitissem afunilar o campo de investigação, nomeadamente, quais os vocábulos com maior relevância no seio da comunidade dos surdos e perceber segundo áreas específicas, quais os gestos que possuem mais representatividade para os nativos da língua gestual, bem como tentar ir ao encontro do vocabulário que se coadune com as orientações pedagógicas presentes no programa curricular da língua gestual portuguesa.

Por último, no terceiro capítulo efetiva-se tal proposta através de um modelo de ação de formação que sustente, fundamente e sirva de orientação à aplicabilidade prática do SignWriting. Como forma de validar e verificar a credibilidade da formação em questão, decidimos fazer uma adaptação e testar parte dela com um público-alvo constituído por agentes responsáveis pelo ensino do sistema. A formação é estruturada de maneira a incluir quer uma parte teórica quer uma parte prática, havendo no final espaço para a heteroavaliação por parte do grupo-piloto. Tal atividade justifica-se, pois só aprendendo SignWriting se poderá aprender a ensiná-lo e a incluí-lo no lugar que merece: as salas de aula.

## **Capítulo 1 – Fundamentação teórica**



## 1.1 - O estudo das línguas gestuais

A língua gestual é a língua usada por uma comunidade que pode ser constituída por pessoas surdas e por pessoas ouvintes conhecedoras e utilizadoras da língua. O seu surgimento e desenvolvimento acontece de forma espontânea no seio de cada comunidade, sendo por isso uma forma de comunicação natural. A língua gestual não é universal uma vez que é diretamente influenciada pela cultura onde está inserida, apresentando características próprias e diferindo de país para país.

Desta forma, a língua gestual portuguesa é a língua utilizada por grande parte da comunidade surda portuguesa para comunicar, estando consagrada na Constituição da República Portuguesa desde 1997, enquanto instrumento de ensino, da seguinte forma: “proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades” (Constituição da República, artigo 74º, ponto 2, alínea h).

Para o conceito de *língua* existem várias definições passíveis de serem consultadas, ainda que todas elas apresentem pontos em comum. Mateus & Villalva (2006), por exemplo, referem que *língua* identifica uma delimitação do espaço geográfico com respetivo sistema linguístico de comunicação entre pessoas, e acrescentam ainda que *língua* reflete o conhecimento e o uso que cada indivíduo tem e faz da capacidade da linguagem que lhe é inerente enquanto parte da espécie humana. Por sua vez, Fernandes (2003) aborda este conceito como sendo um sistema abstrato de regras gramaticais. Faria, Pedro, Duarte & Gouveia (1996) definem *língua* como um sistema organizado de signos convencionais e arbitrários, isto é, um conjunto de sinais dotados de significado e significante, onde o primeiro diz respeito à imagem mental de um conceito e o segundo à representação gráfica, oral ou gestual desse mesmo conceito.

Nos últimos 40 anos vários linguistas começaram a demonstrar interesse pelas línguas gestuais (LGs), abrindo assim espaço para um novo campo de investigação com base no propósito de que as línguas orais e gestuais teriam de apresentar, simultaneamente, semelhanças e diferenças. Tal justificava-se pela necessidade de se comprovar que uma língua gestual também é uma língua que surge de forma natural no meio das pessoas que a utilizam

para comunicar, o que já acontecia com a língua oral. Quadros & Karnopp (2004), afirmam que:

“o que o linguista quer saber é se as línguas naturais, todas, possuem em comum algo que não pertença a outras sistemas de comunicação, humano ou não, de tal forma que seja correto aplicar cada uma dela a palavra ‘língua’, negando-se a aplicação deste termos a outros sistemas de comunicação.” (Quadros & Karnopp, 2004, p. 24)

Com o mesmo intuito, Amaral, Coutinho & Morais (1994) sugerem que o estudo da adequação das propriedades estruturais das LGs aos critérios exigidos pelas línguas naturais é especialmente útil. Nesta medida, Chomsky (2002) refere que, contrariamente àquilo que se acreditava durante muitos anos, a faculdade da linguagem não está diretamente associada a modalidades sensoriais específicas. Assim, o mesmo autor acrescenta ainda que a língua gestual é estruturalmente muito semelhante à língua oral, bem como a forma de aquisição da mesma, revela afinidades com a das línguas de modalidade oral.

Segundo Quadros (2006), o estudo linguístico da LGs partiu dos pressupostos já reconhecidos nas línguas orais e dos seus universais linguísticos, obtidos através de estudos e análises feitos às línguas faladas, propondo-se a aplicação destes às línguas gestuais. Com efeito, faremos em seguida uma listagem destas propriedades comuns atribuídas às linguagens humanas que podem também ser encontradas nas línguas gestuais:

- **Generatividade:** qualquer língua humana utiliza um sistema finito de unidades sonoras significativas que através de combinações formam elementos maiores com significação, os morfemas e as palavras que, por sua vez, formarão um sistema infinito de frases (Fromkin & Rodman, 1993). Tal pressuposto também poderá ser aplicado às línguas gestuais uma vez que, pela combinação das unidades mínimas de um gesto é possível produzir um novo gesto com significado diferente e, por sua vez os mesmos poderão criar uma infinidade de enunciados gestuais;
- **Arbitrariade:** esta propriedade pressupõe a inexistência de uma relação direta a forma de uma palavra e o seu significado, isto é, entre um objeto e a sua representação linguística, pois vendo a forma não é possível prever o significado e vice-versa. A este propósito, Amaral *et al.* (1994) dizem-nos que:

“é tão arbitrário chamar ao objecto *mesa* como *table*. Estes sons, manipulados pelos seus utilizadores segundo as regras de cada língua e que eles dominam, têm a faculdade de gerar significado e permitir a veiculação de informação entre os homens” (Amaral *et al.*, 1994, p. 38).

O mesmo se passa com as línguas gestuais, onde é impossível adivinhar o significado de um gesto apenas pelo visionamento do mesmo. Assim, os gestos usados não pretendem imitar o real nem estabelecem com ele relação direta (Correia, 2008) <sup>1</sup>;

- **Convencionalidade:** os símbolos utilizados numa língua são convencionais na medida em que foram propostos e determinados a nível linguístico, ou seja, existe uma decisão acerca da formação e atribuição das palavras que é aceite pela comunidade utilizadora da língua. Por sua vez, as línguas gestuais também apresentam convencionalidade pois a configuração dos gestos obedece a normas definidas pela história e pela comunidade, o que significa que um falante <sup>2</sup> dessa língua não pode fazer alterações por vontade própria, pois faria com que se tornasse difícil estabelecer a comunicação <sup>3</sup>;
- **Criatividade:** a criatividade de um língua não tem barreiras, pois o falante dessa língua pode, a qualquer momento, produzir novos enunciados em conformidade com as regras que regem essa língua (Amaral *et al*, 1994). Nas línguas gestuais também é possível identificar esta propriedade, pois:

“a criatividade está presente nas produções (...) realizadas pelos seus gestuantes nativos, que produzem enunciados novos, não parecendo haver limite criativo para aquilo que podem enunciar gestualmente, em função de situações novas e das necessidades de utilização dessas línguas para de adaptarem a essas situações” (Amaral *et al.*, 1994, p. 39);

- **Comunidade linguística:** as línguas são dotadas de estruturas que permitem que os seus utilizadores compreendam os elementos internos de uma frase, independentemente de ser a primeira vez que a percecionam ou não. Desta forma, para Amaral *et al.* (1994) a evolução histórica de um língua acontece como resultado da interação e do uso da mesma, visando ir ao encontro das necessidades que são impostas pelo progresso sociocultural. Nas LGs esse aspeto também é notório pois é fulcral a criação de novos gestos que possibilitem a representação visual de termos que

---

<sup>1</sup> Segundo Quadros & Karnopp (2004), é possível encontrar nas línguas gestuais alguma iconicidade que confere aos gestos um grau de transparência, permitindo que o significado seja facilmente apreendido. Os gestos icónicos têm relação com a forma do referente que representam, porém, muitas vezes, essa relação de semelhança é contextual e apenas pode ser decodificada numa frase ou percebida por gestuantes da LGP. Assim, não se trata de mímica ou reprodução do real, mas sim de interpretação da realidade que, numa língua que se serve do espaço tridimensional, pode manter relações de proximidade com o referente que designa. Acrescentamos que essa relação tende a esbater-se com o evoluir do gesto e com a velocidade de elocução.

<sup>2</sup> Entenda-se o termo *falante* como associado à pessoa que põe em uso uma língua quer seja sonora ou gestual, não estando este termo diretamente relacionado com a língua oral.

<sup>3</sup> Apesar de existir convencionalidade na língua gestual, faltam instrumentos de fixação dessa convencionalidade, como por exemplo, mais dicionários ou ferramentas que permitam a fixação da língua padrão como é o caso da escrita.

diariamente surgem na sociedade. Todavia, tendo em conta que cada língua se desenvolve no seio de uma comunidade, e estando a comunidade surda portuguesa espalhada pelo país, é natural que em diferentes regiões surjam gestos distintos para representarem o mesmo conceito. Sobre isto, Mateus & Villalva (2006) referem que este processo é inerente a uma língua e acrescentam ainda que, sabemos da existência de variedade dialetal da língua portuguesa ao longo do país, visível em diversos falares e variantes lexicais e fónicas.

Desta forma, é possível afirmar que as línguas gestuais utilizadas por comunidades surdas de todo o mundo são efetivamente reconhecidas com o estatuto de línguas pois possuem vocabulário e regras específicas. Quadros & Karnopp (2004) reconhecem isto ao afirmar que “a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, (...) e transmissão cultural” (Quadros & Karnopp, 2004, p. 28).

William Stokoe foi dos primeiros linguistas a dar atenção à estrutura das línguas espacio-visuais <sup>4</sup> e nos anos 60 iniciou um estudo centrado na *American Sign Language* (ASL), chegando à conclusão de que um gesto pode ser decomposto em unidades mínimas. Assim, Stokoe foi pioneiro na proposta de uma nomenclatura distinta para o ramo da linguística da língua gestual, tal como refere Correia (2009): “considerando a mão enquanto elemento central da produção do gesto, este estudioso americano propôs que o estudo das unidades discretas da LGP se chamasse quirologia (do grego Khiros=mão) e as unidades significantes distintivas da LGP seriam designadas por queremas” (Correia, 2009, p. 61).

Stokoe distinguiu três categorias de queremas: a configuração da mão, o local de articulação e o movimento <sup>5</sup>, unidades que juntas determinam o significado global de um gesto, isto é, se alterarmos alguma delas o gesto obtido é diferente. Porém, os três queremas sugeridos tornavam-se insuficientes para uma distinção integral entre gestos.

---

<sup>4</sup> Línguas onde a informação é produzida pelas mãos e recebida pelos olhos.

<sup>5</sup> Por configuração da mão entende-se todas as formas que a mão pode admitir aquando da execução dos gestos. Por sua vez, o local de articulação diz respeito aos pontos onde os gestos são articulados e produzidos. Por último, segundo Quadros & Karnopp (2004) para que exista movimento é necessário haver um objeto que é representando pelas mãos da pessoa que está a produzir os gestos, e o espaço correspondente à área onde os mesmos são produzidos. Para as mesmas autoras, o movimento pode abarcar diferentes formas e direções, nomeadamente “os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço” (Quadros & Karnopp, 2004, p.54).

Trabalhos subsequentes como os de Battison (1974, 1978), referido por Quadros & Karnopp (2004), e os de Liddell & Johnson (1986), mencionado por Amaral *et al.* (1994), vieram introduzir duas novas noções: a orientação da palma da mão e os aspetos não-manuais, completando assim o quadro querológico das línguas gestuais. Para Liddell & Johnson (1986) a orientação da mão é importante, pois determina a posição para a qual a palma da mão aponta aquando da execução de um gesto. Por sua vez, os aspetos não-manuais também constituem um traço importante já que representam toda a expressão a que se recorre durante a execução de um gesto (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco).<sup>6</sup>

Esta evolução social e linguística resultante das pesquisas atrás referidas culmina com as investigações de Chomsky (1995), mencionado por Quadros (s.d.), que introduziram a noção de que o termo “articulatório”, até então aplicado unicamente às línguas orais, não era exclusivo das mesmas. Para Chomsky (1995), as línguas gestuais também albergam esta modalidade respeitante à expressão da faculdade da linguagem, não tendo obrigatoriamente de ser representadas através dos órgãos vocais.

A LGP apresenta uma estrutura sintática que é disposta espacialmente de forma tão complexa como as línguas orais. Para se analisar a sintaxe de uma língua gestual, onde se estuda a organização das palavras e das frases, há que não esquecer que os gestos, articulados em modo visuo-espacial, requerem sempre o estabelecimento de um local onde, a partir daí, é possível estabelecer relações gramaticais através de diferentes formas. Assim, a ordem das palavras numa estrutura gramatical típica da língua portuguesa é, predominantemente, ditada por sujeito-verbo-objeto (S-V-O), como ilustra a frase: *eu vou para casa*. Apesar de esta ser a estrutura dominante, as línguas são flexíveis e podem existir variações da ordem das palavras, o que não compromete o significado da frase. O mesmo se passa com as línguas gestuais, que por serem idiomas que utilizam referentes espaciais podem apresentar alguma flexibilidade na ordem sintática, consoante o discurso do sujeito. Na LGP “a ordem que parece mais frequente é a O-S-V” (Amaral *et al.*, 1994, p. 124), ou seja, referindo-nos ao exemplo anterior, a frase seria produzida gestualmente com a seguinte ordem: *casa eu vou*. Todavia, na LGP, talvez devido ainda à falta de fixação da língua, a que já aludimos, encontra-se, por diversas vezes, a estrutura S-O-V.

---

<sup>6</sup> Na LGP a expressão facial pode ser parte integrante de um gesto quando surge como um parâmetro fundamental que determina sentidos diferentes e que é imprescindível para a compreensão global do sentido do gesto, ou suprasegmental quando se relaciona com a entoação ou com a emoção que o utilizador pretende atribuir ao seu discurso. Sobre este assunto veja-se, Correia (2009) e Sandler & Lillo Martin (2006).

## 1.2 - História da escrita

A língua oral é constituída por fonemas, unidades mínimas indivisíveis que representam os sons da fala humana e que se combinam para formar os morfemas, elementos linguísticos portadores de significado (Chomsky, 2002). Estas características atribuem às línguas propriedades como a arbitrariedade e convencionalidade, aspetos que já desenvolvemos anteriormente.

O aparecimento da escrita libertou o ser humano dos limites físicos e temporais, permitindo-lhe comunicar à distância e preservar um registo ao longo dos anos. Fromkin & Rodman (1993) referem que, nos dias que correm, é difícil imaginar uma língua sem escrita e que, por isso mesmo, este sistema afigura-se como uma das grandes invenções da humanidade.

As diferentes formas de representação escrita das línguas, tal como as conhecemos hoje em dia, não foram sempre feitas da mesma forma. A evolução da história da escrita deu-se em várias fases que foram sendo alvo de mudanças contínuas até chegar à forma utilizada na atualidade.

O primeiro registo daquilo que se pode considerar como escrita remete-nos para as representações nas grutas, nomeadamente os pictogramas, onde era evidente a necessidade que o ser humano tinha de exteriorizar e registar algo que não fosse tão efémero como a produção oral. Todavia, para alguns autores, estes desenhos que representavam situações do dia a dia ou objetos e não possuíam aspetos linguísticos, mas sim artísticos (Faria *et al.*, 1996). A partir do momento em que as representações deixaram de simbolizar apenas objetos e começaram a apresentar ideias e conceitos, passaram a ser denominadas de ideogramas, sendo estes sistemas considerados como o início da representação da escrita simbólica.

Depois desta primeira fase, que segundo Faria *et al.* (1996) constituiu um marco importante no desenvolvimento da inteligência humana assim como na representação de si mesmo, foram dados vários passos na evolução da escrita.

Os sumérios, uma civilização que vivia na Mesopotâmia <sup>7</sup>, local favorável à agricultura, pesca e pecuária, começaram a aumentar as suas trocas comerciais e sentiram necessidade de efetuar um registo das mesmas. Assim, este povo criou um sistema de escrita em forma de cunha denominado escrita cuneiforme, o qual misturava pictogramas e associações a objetos. Com o passar do tempo esta escrita foi evoluindo e cada símbolo passou a representar não o objeto em si mas o nome do mesmo, sendo que a partir desse momento, podemos dizer que estamos perante a escrita de palavras. Dá-se então um corte conceptual nos sistemas de escrita pois estes, que até então representavam conceitos ou ideias com carácter global, passam a estar diretamente associados à língua oral e aos sons. Muitos outros povos adotaram o sistema de escrita dos sumérios e ao adaptá-lo ao som da sua língua passaram a ter uma escrita por sílabas. Esta capacidade de atribuir um símbolo a uma unidade sonora menor do que uma palavra foi batizada de escrita silábica.

Os hieróglifos usados pelos egípcios e mais tarde pelos gregos são outro exemplo de escrita de palavras que evoluiu para um sistema de escrita silábica, onde as primeiras formas de representação eram relativas aos sons das palavras passando mais tarde a representar unidades sonoras menores que a palavra (Fromkin & Rodman, 1993). Assim, o sistema de escrita silábica permitia fazer a representação de um som que era o resultado das possíveis combinações entre consoantes e vogais e, posteriormente, aplicar essas junções silábicas em diferentes palavras. Apesar do progresso, o sistema silábico mostrou-se insuficiente para, por exemplo, uma língua como o grego onde abundam estruturas silábicas complexas (Fromkin & Rodman, 1993).

Perante esta problemática, o passo seguinte passou pela associação de um símbolo específico a fonemas, sons da língua, deixando os mesmos de serem representados em conjuntos. Desta forma, chega-se à escrita alfabética onde cada letra pode ilustrar um ou mais fonemas e, também, um fonema pode ser representado por mais do que um grafema. O nome desta forma de escrita tem a sua origem na palavra *alfabeto* que “deriva de *alpha* e *beta*” (Fromkin & Rodman, 1993, p. 160), que correspondem às duas primeiras letras do alfabeto grego, sendo que existem vários tipos de alfabetos, por exemplo, o grego, o cirílico, o árabe, o romano, entre outros.

---

<sup>7</sup> Região localizada no Médio Oriente entre dois rios, o Eufrates e o Tigre. Atualmente corresponde ao território do Iraque.

Segundo Faria *et al.* (1996), este tipo de escrita apresenta uma grande vantagem pois

“cada letra representa um som da fala, podendo assim representar-se todas as palavras da língua apenas com o pequeno número das letras do alfabeto. Neste caso, podemos dizer que a escrita é totalmente dependente do oral, que os seus caracteres se associam de forma a corresponder aos sons da palavra, sendo esta a portadora do significado” (Faria *et al.*, 1996 p. 89).

Por sua vez, Fromkin & Rodman (1993), a propósito dos sistemas de escrita alfabética referem que estes “(...) foram um dos maiores feitos da civilização. São fáceis de aprender, práticos de usar e extremamente eficientes na descrição de qualquer língua humana” (Fromkin & Rodman, 1993, p. 164).

A escrita alfabética é um sistema funcional que permite ler qualquer palavra, seja ela conhecida ou nova, que reflete a gramática intrínseca à própria língua. Para Stumpf (2005), este sistema dota o ser humano da capacidade de autoaprendizagem, nomeadamente através do processo de leitura que, aos poucos, ajuda na perceção da representação ortográfica de cada palavra. A mesma autora refere ainda que a escrita possui sempre uma motivação, uma vez que tem a intenção de ser lida por alguém.

Em qualquer dos sistemas de escrita, um aspeto parece ser comum e unânime: a representação gráfica do que é dito oralmente assume uma função imprescindível na conservação da evolução da própria língua. Sem estes registos não seria possível afirmar e, consequentemente, comprovar que o tempo trouxe mudanças e progressos na forma de se escrever, que permitem à língua ser dinâmica.

Da mesma forma, não podemos esquecer que a compreensão de uma língua deverá encarar a escrita como uma aproximação da linguagem falada, sendo a primeira mais conservadora que a segunda, pois quando escrevemos existe uma atenção redobrada às regras de gramática da língua assim como ao estilo. A este propósito, Fromkin & Rodman (1993) afirmam que para se descrever a língua que é usada pelas pessoas diariamente não se pode ter em conta apenas os registos escritos. Com efeito, só através de um contacto contínuo com os sujeitos fluentes na língua se poderá perceber verdadeiramente as características e, previsivelmente, descrevê-las.

Após esta breve introdução histórica sobre a evolução da escrita vamos perspetivar o estudo da escrita das línguas gestuais.



### 1.3 - A escrita das línguas gestuais

As línguas gestuais, por possuírem todas as características descritas anteriormente, são merecedoras de uma representação escrita que não seja apenas uma tradução daquilo que é produzido. Assim, segundo Costa (s.d.):

“os surdos precisam escrever nas suas línguas de sinais <sup>8</sup> (...) como os ouvintes o fazem utilizando os diferentes alfabetos inventados para as diversas línguas orais. Todos sabem a importância da invenção da escrita para o desenvolvimento da cultura da humanidade. Os surdos e as comunidades surdas também precisam dar esse salto.” (Costa In Stumpf, s.d., p. 3) <sup>9</sup>

Nesta lógica, torna-se essencial existir um registo da língua que não seja apenas fotográfico, isto é, através de imagens. Todavia, é de todo impossível escrever estas línguas através de um alfabeto comum uma vez que, como já dissemos, as línguas gestuais se regem por parâmetros específicos e se concretizam numa modalidade não oral. Assim, a correspondência fonema – grafema, típica dos sistemas alfabéticos, é impraticável. Por isso mesmo, as línguas gestuais necessitam de um sistema de escrita que seja aceite, que permita codificar os gestos das línguas gestuais e, por último, que sirva como base de transcrição da língua, contrariando assim a ideia de que a língua gestual é ágrafa.

A representação escrita das LGs passa, indubitavelmente, pela escrita direta dos gestos através da codificação gráfica dos elementos que o constituem. Esta representação feita com símbolos permitirá uma leitura direta por parte do emissor, e possibilitará ter a noção visual da forma de produção do gesto. A escrita da língua gestual assume-se como um aspeto fundamental na vida da pessoa surda, pois tal como afirma Stumpf (2002), citada por Delpretto & Fortes (2010), “nós, surdos, precisamos de uma escrita que represente os sinais visuais-espaciais com os quais nos comunicamos, não podemos aprender bem uma escrita que reproduz os sons que não conseguimos ouvir” (Delpretto & Fortes, 2010). <sup>10</sup>

Constatamos que a possibilidade de uma forma escrita para as línguas gestuais poderá representar um marco importante na medida em que permite o armazenamento da língua e posterior acesso à mesma e, evidentemente, a possibilidade de averiguar a evolução

<sup>8</sup> O mesmo que *línguas gestuais*.

<sup>9</sup> Stumpf, M. (s.d.). *Lições sobre o SignWriting - Um sistema de escrita para língua de sinais*. Acedido em 12 de fevereiro de 2012, em <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>.

<sup>10</sup> Delpretto, B. & Fortes, L. (2010). *A aplicabilidade social do signwriting*. Acedido em 23 de fevereiro de 2012, em <http://www.partes.com.br/educacao/signwriting.asp>.

da própria língua. A escrita, que se assume como sendo vital, começou, como já dissemos, por surgir devido a necessidades económicas nomeadamente para registo de trocas comerciais. Ora os surdos estão inseridos numa sociedade que se rege por uma escrita que permite fixar ideias, negócios e valores. O que é importante é percebermos que hoje, a escrita, é, também e sobretudo expressão e afirmação sociocultural. Por isso ela deve ser um instrumento de divulgação e fixação, não de fatores económicos, mas da língua gestual e da cultura que este veícula.

Assim, a memória deixaria de ser a única responsável por reter toda a informação relativa às mudanças e progressos que acontecem com os gestos, podendo estes fatos permanecer no tempo e atravessar espaços longínquos. Todavia, deparamo-nos com um impedimento no que concerne à evolução deste sistema: o preconceito social e cultural. Pereira & Fronza (s.d.) salientam que “esse preconceito não é exclusivo das pessoas surdas, mas acompanha qualquer grupo linguístico que possua menos prestígio diante da sociedade majoritária e, de modo especial, aqueles que não possuem linguagem escrita” (Pereira & Fronza, s.d.).<sup>11</sup>

A escrita de uma língua concede-lhe um novo patamar pois admite que se coloque no papel os pensamentos de uma comunidade e que haja reflexão sobre a própria forma de expressão e produção da língua. Ao registar-se e, conseqüentemente, arquivar-se a língua dá-se a oportunidade de a tradição e herança culturais serem transmitidas de geração em geração e, para além disso, não podemos esquecer o relevo que este registo pode ter ao nível da educação e do ensino formal da língua, podendo funcionar como uma alavanca no processo de alfabetização das crianças surdas.

Em países que já utilizam um sistema de escrita da língua gestual correspondente verifica-se que existe o receio de que as crianças surdas ao terem acesso ao registo gráfico da sua língua natural, deixem de dar valor e de utilizar a língua escrita da comunidade ouvinte, neste caso a língua portuguesa. No entanto, a estratégia passa por

“promover o ensino da modalidade escrita da Libras<sup>12</sup>, favorecendo assim a preservação e compreensão do idioma. (...) Quando o usuário de Libras aprende a ler e escrever neste idioma abrem-se novas possibilidades. A modalidade escrita da Libras também favorece o trabalho pedagógico do docente para atuar num ensino

<sup>11</sup> Pereira, M., Fronza, C. (s.d.). *Sistema signwriting como uma possibilidade na alfabetização de pessoas surdas*. Acedido em 27 de fevereiro de 2012, em <http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/3.pdf>.

<sup>12</sup> Língua gestual brasileira.

bilingue tendo a Libras como o idioma primário, propiciando um ambiente educacional onde o discente pode compreender e pensar seu idioma com uma estrutura gramatical o que facilitará posteriormente a aquisição de um segundo idioma, como no caso dos Surdos o Português”.<sup>13</sup>

A existência de um sistema de escrita das LGs e o acesso da pessoa surda ao mesmo não fará, a nosso ver, que a LP seja negligenciada, muito pelo contrário. Segundo Pereira & Fronza (s.d.) o fato de se permitir a atribuição deste poder à comunidade surda fará com que, consequentemente, surjam novas e melhores condições de alfabetização do aluno surdo. Tendo este adquirido uma boa estrutura linguística e sendo um leitor proficiente da sua língua poderá transpor para o português as estratégias de leitura e escrita utilizadas na língua gestual, até porque ler depende de sinapses desencadeadas no nosso sistema neurológico cerebral e o cérebro, como outro órgão, funciona sempre melhor quando é treinado.

Uma grande parte das pessoas surdas portuguesas apresenta dificuldades na escrita do português, provavelmente pela forma como ocorreu o ensino aprendizagem do mesmo e, adicionalmente, pelas diferenças estruturais a nível da sintaxe da LGP e da LP, a que já aludimos. Com efeito, a pessoa surda processa o seu pensamento em língua gestual e, quando faz a tradução para o português escrito transforma os gestos isolados em palavras com significado próximo. No entanto, como as duas línguas apresentam gramáticas distintas, ocorrem erros de harmonização na língua portuguesa, ou seja, a coerência e a coesão textual de uma pessoa surda que não possui uma boa estrutura gramatical de ambas as línguas ficam prejudicadas (Delpretto & Fortes, 2010). Assim, um dos objetivos da representação escrita das línguas gestuais passa pelo apoio que esta poderá trazer na aquisição de uma segunda língua<sup>14</sup> dado que seria mais um recurso importante para a aprendizagem do português escrito. A este propósito Delpretto & Fortes (2010) referem que “o aprendizado das duas línguas deve e precisa representar, então, ‘uma troca’, no sentido de ‘complementação’ da importância das línguas atualmente” (Delpretto & Fortes, 2010).<sup>15</sup>

A escrita da língua gestual não fará com que a forma de comunicação utilizada pelas pessoas surdas fique comprometida, pois a expressão e pensamento da comunidade manter-

---

<sup>13</sup> Citação textual sem informação sobre autor e data. Acedido em 27 de fevereiro de 2012, em <http://www.culturasurda.com.br/sw.html>.

<sup>14</sup> Por segunda língua entende-se a língua que a criança aprende com base nas estruturas da primeira, sendo esta a língua para a qual a criança nasce com predisposição de adquirir, sendo também aquela que a pessoa precisa para comunicar numa sociedade maioritária onde se insere. No caso das crianças surdas a língua gestual é a primeira língua sendo fundamental a aquisição desta para a aprendizagem do português escrito como segunda língua (Fernandes, 2003).

<sup>15</sup> Idem

se-ão intactos. É natural que se verifique algum receio sobre o desconhecido e sobre algo que ainda não existe ou não está institucionalizado. Todavia, esta evolução faz com que passemos a olhar para as LGs como línguas que, de fato, apresentam uma modalidade de expressão distinta da oral, mas não atribuindo a esse aspeto um automático fator de inferiorização ou menosprezo. Só desta forma se poderá promover o enaltecimento efetivo da língua gestual junto das comunidades ouvintes e a valorização da pessoa surda enquanto cidadão com direitos linguísticos próprios.

## 1.4 - SignWriting

Os linguistas por todo o mundo têm vindo a demonstrar interesse no estudo das línguas gestuais, nomeadamente na descrição da forma, conteúdo e organização do discurso. Costa (s.d.), referindo-se a estes linguistas afirma que os mesmos

“(...) escrevem sobre a língua de sinais, mas quase nunca o fazem usando uma língua de sinais para isso. Os formalismos e notações que eles utilizam nessas ocasiões, não são expressões ‘de’ alguma língua de sinais, são expressões que retratam aspectos dessas línguas, são expressões ‘sobre’ essas línguas” (Costa In Stumpf, s.d., p. 3).

A escrita da língua gestual pode aumentar as possibilidades de investigações e estudos acerca das LGs e o acesso da pessoa surda à forma escrita, renegando para segundo plano a aversão que é muitas vezes notória. Stumpf (2005), citando Capovilla & Raphael (2001) sustenta esta ideia:

“a solução proposta para resolver as dificuldades de leitura da coletividade dos cidadãos Surdos, tornando-os capazes de ler habilmente qualquer texto, consiste em fazer com que a decodificação desses texto produza diretamente os sinais lexicais da língua materna com que eles pensam e se comunicam, ... do mesmo modo, a solução fundamental para resolver as dificuldades da escrita da coletividade dos Surdos, permitindo que eles sejam capazes de escrever habilmente qualquer ideia, consiste em fazer com que os sinais lexicais da língua materna, com que eles pensam e se comunicam, sejam conversíveis diretamente em texto.... Mas tudo isso só é possível pela substituição do código alfabético que mapeia diretamente a fala, por um outro código que mapeie diretamente o sinal” (Stumpf, 2005, pp. 46 - 47)

O SignWriting, sistema de escrita visual direta de gestos, foi criado por Valerie Sutton e pertence ao *Sistema de Escrita e Notação de Movimentos Sutton* <sup>16</sup>. Este abrange um variado leque de notações de movimentos que não passam só pelos humanos, estando dividido em cinco grupos, a saber: 1) *DanceWriting* que regista coreografias de danças; 2) *SignWriting* que regista línguas gestuais; 3) *MimeWriting* que regista mímica e pantomima; 4) *SportsWriting* que regista ginástica, patinagem no gelo e karaté; e, por último, 5) *ScienceWriting* que regista fisioterapia, movimentos das crianças autistas, linguagem corporal e movimentos de animais (Capovilla & Raphael, 2001).

Valerie Sutton era uma bailarina e o primeiro sistema que inventou foi o *dancewriting* que lhe permitia escrever os movimentos da dança. Este sistema despertou a curiosidade de alguns dinamarqueses que estavam, no momento, a realizar investigações com o intuito de descobrirem uma forma de escrita da língua gestual. Assim, em 1974 a Universidade de Copenhaga convida Valerie Sutton a adaptar à língua gestual o sistema até então desenvolvido. Começa assim a desenvolver-se um sistema que teria por base os cinco pressupostos querológicos que compõem um gesto: configuração da mão, movimento, pontos de articulação do gesto, localização, orientação da palma da mão e componente não manual ou expressão facial. Quando Valerie regressa aos Estados Unidos da América inicia o contacto com a comunidade surda e surge o *Deaf Action Commitee* (DAC), uma organização sem fins lucrativos com sede em La Jolla, na Califórnia (Pereira & Fronza, s.d.). Hoje em dia, o DAC mantém-se sob a direção de Sutton e continua a efetuar pesquisas nesta área no sentido de aprimorar ao máximo o sistema.

O sistema SignWriting possibilita a transcrição dos queremas que constituem as línguas gestuais, facultando a sua descrição detalhada e o registo das diferentes combinações que resultam em gestos com significados distintos. Por outras palavras, o SW é considerado um sistema de escrita pois garante a fixação de forma simples e direta do gesto, podendo ser perceptível por uma grande parte da comunidade surda e que, representando uma língua visual acaba por possuir características querológicas <sup>17</sup>. Assim, este sistema pretende ser uma forma prática para a escrita dos gestos que torna possível a comunicação escrita rápida e inequívoca entre os falantes de língua gestual (Capovilla & Raphael, 2001).

<sup>16</sup> Do inglês *Sutton Movement Writing & Shorthand*.

<sup>17</sup> De notar que o princípio de escrita do SW é o mesmo que o alfabético, sendo neste a correspondência feita entre fonema e letra e no primeiro entre querema e símbolo.

Os símbolos utilizados no SW são internacionais pelo que podem ser usados para representar gestos de qualquer língua gestual do mundo, sendo que cada língua os adapta à sua própria estrutura (Stumpf, 2005), de modo que se torna possível a aplicabilidade deste sistema à LGP. Todavia, o SW assume-se como sendo gráfico e não ortográfico e quando a convencionalidade referente a uma língua gestual é inexistente a sua representação gráfica fica mais difícil de executar. Capovilla & Raphael (2001) referem que “quando as convenções ortográficas de uma língua já estão consolidadas, o trabalho de leitura e escrita é imensamente facilitado e as ambiguidades são muito reduzidas” (Capovilla & Raphael, 2001, p. 55). Quando a investigação em torno de uma língua é, de certa forma, recente, as convenções acabam por não estar totalmente definidas e estabelecidas, o que, para Capovilla & Raphael (2001) pode gerar discussões sobre qual a melhor forma de produzir e representar determinado gesto. Para os mesmos autores, estas discussões tornam-se mais frequentes quando a tentativa de escrita da língua está a dar os primeiros passos, como é o nosso caso.

Assim, tendo em conta a ausência de convencionalidade na LGP o que pretendemos, daqui em diante, é apresentar as diretrizes gerais provenientes do sistema de escrita SW, e ilustrar a aplicação dessas mesmas diretrizes à escrita da língua gestual portuguesa.

## **1.5 - Aplicação do SignWriting**

As línguas gestuais são produzidas num espaço tridimensional onde é possível realizar a marcação das relações sintáticas e semânticas do discurso. Durante este processo, a pessoa que está a produzir língua gestual demarca locais, pessoas e ações e utiliza esses referenciais para atribuir sentido e lógica ao que está a dizer e, enquanto o faz, efetua movimentos em todo o espaço de articulação.

### 1.5.1 - Princípios básicos do SignWriting

O SW regista todos os gestos e movimentos exatamente no local onde eles são feitos, sendo por isso a escrita feita na vertical e respetiva leitura efetuada em colunas, começando o texto pela coluna da esquerda e continuando para a direita (Fig. 1).<sup>18</sup>

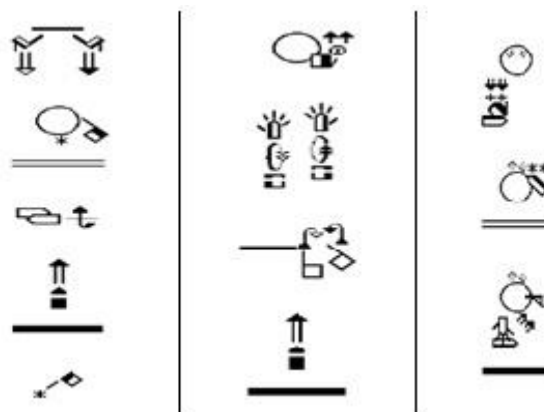


Figura 1: Escrita na vertical<sup>19</sup>

Existe outra forma para a escrita de gestos que passa pela representação do corpo inteiro e não apenas pela grafia do gesto. Esta forma tem como intuito ser mais facilmente compreendida por principiantes e é utilizada na Dinamarca por crianças surdas, seus familiares e também pelos intérpretes (Fig. 2) (Stumpf, s.d.).

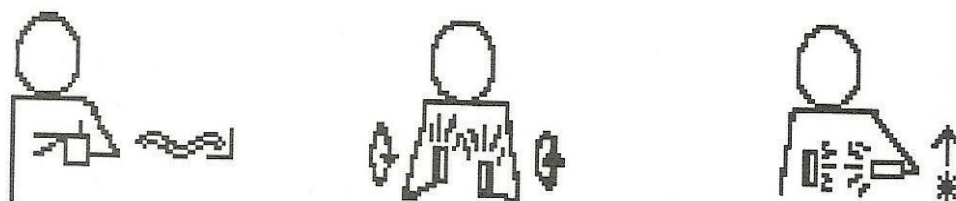


Figura 2: Escrita com o corpo inteiro

<sup>18</sup>. As imagens ilustrativas do SW foram retiradas de: Capovilla, F., Raphael, W. (2001). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. (Vol. 1). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Parkhurst, S., Parkhurst, D. (2010). *A Cross-Linguistic Guide to SignWriting: A Phonetic Approach*. Disponível em [http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0617\\_Cross\\_Linguistic\\_Guide\\_SignWriting\\_Parkhurst.pdf](http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0617_Cross_Linguistic_Guide_SignWriting_Parkhurst.pdf); Stumpf, M. (2011). *Escrita das línguas gestuais*. Lisboa: Universidade Católica Editora e Sutton, V. (2002). *Lessons in Signwriting*. La Jolla: The Deaf Action Committee for Signwriting. Disponível em <http://www.signwriting.org/lessons/lessons.html>

<sup>19</sup> Escrito em *American Sign Language*, leia-se: I have been deaf since birth. I use sign language every day of my life. I have learned English.

Apesar de este sistema já ser utilizado em alguns países, quando se inicia o trabalho de escrita surge a dúvida de qual a melhor grafia para os gestos. O SW é constituído por muitos símbolos e a pessoa que está a escrever pode decidir quais os essenciais para tornar a forma escrita perceptível. Stumpf (2005) menciona, a título de exemplo o gesto de *surdo* que apresenta 5 grafias passíveis de serem utilizadas e lidas (Fig. 3).

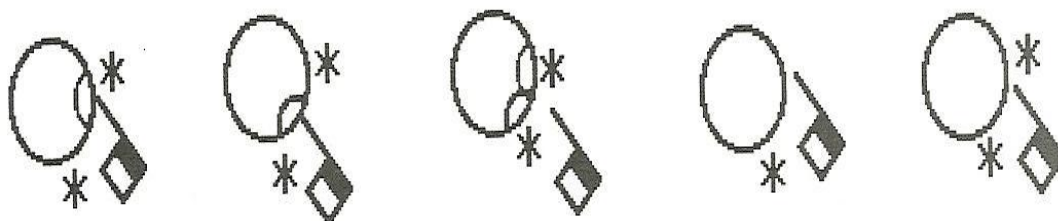


Figura 3: Grafia do gesto de surdo

No exemplo anterior existem dois pontos de contacto e no caso de a pessoa considerar que o gesto só pode ser lido com os dois símbolos de contacto, deve colocá-los. Caso contrário, se não der azo a confusões, então o gesto, apesar de apresentar dois pontos de contacto, pode ser escrito apenas com um, sendo a representação do outro obtida intuitivamente pela localização da configuração junto ao local onde toca. A autora refere ainda que na Dinamarca, e visto o sistema ser flexível, se optou por utilizar o símbolo de contacto apenas quando estritamente necessário. Porém, em países onde a utilização do SW é feita há pouco tempo há que aceitar as diferentes formas sem preocupação pois “chegará o momento em que uma das formas será estandardizada por uma determinada língua de sinais” (Stumpf, 2011, p. 149).<sup>20</sup>

Antes de se iniciar a escrita dos gestos é fundamental perceber-se quais as regras subjacentes a isso. Quer para gestos que sejam executados com uma mão, quer com as duas há que ter em conta que, na escrita, a posição dos dedos é determinante para identificar a

<sup>20</sup> Cabe aqui referir que este processo pelo qual passam as línguas também aconteceu com a escrita das línguas orais. Prova disso são os exemplos existentes em *O Português Arcaico* (2008) que mostram a evolução da grafia de palavras desde o português arcaico até ao português do século XVI, por exemplo, grafias alternativas, coração e coração, can e cão ou amaron e amaram. Outro exemplo encontrado diz respeito à obra literária *A Demanda do Santo Graal* (1995) onde surgem, entre inúmeras, duas referências diferentes à mesma palavra, a saber ouvirom e ouviram.



orientação da mão, por exemplo, mãos com configurações idênticas distinguem-se como sendo a direita ou a esquerda pelo posicionamento dos dedos (Fig. 4).



Figura 4: Configuração de mão – diferença entre mão esquerda e mão direita

Outra regra determinante para uma escrita perceptível é a posição do símbolo de contacto pois segundo Stumpf (2011) esta é o centro do gesto escrito sendo que todos os símbolos se encontram relacionados com esse centro que, capta a atenção e o olhar da pessoa que se encontra a ler a escrita da língua gestual. A este propósito, a mesma autora esclarece que:

“isto foi comprovado em um grupo de surdos adultos que são especialistas em SignWriting (Deaf Action Committee – DAC), e descobriram que quando a posição de contato não foi focalizada os leitores liam os sinais escritos muito devagar e com dificuldades, mas quando os gestos foram escritos juntos focalizando a posição de contato eles foram lidos rapidamente e com mais facilidade” (Stumpf, 2011, p. 150).

Para além disso, quando a escrita é feita a partir da posição de contacto concebem-se formas de representação mais diretas e compactas. Isto resulta também numa economia de espaço nos parágrafos, aspeto consideravelmente importante principalmente porque em grande parte dos gestos é possível identificar não só a configuração da mão, mas também a localização, movimento, o contacto e a componente não-manual, o que, caso a forma de escrita não fosse compacta, originaria numa representação muito extensa. A representação destes elementos constitui aquilo que se intitula de “pilha”, isto é, um gesto escrito completo (Fig. 5).

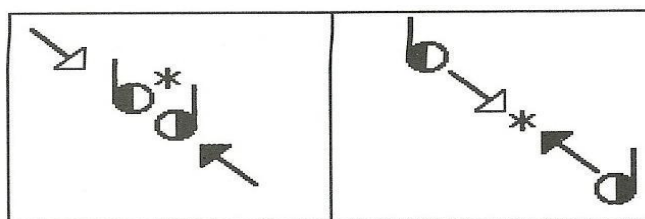


Figura 5: Posição de contacto - grafia correta e grafia incorreta

Desta forma, no caso de gestos compostos <sup>21</sup> que podem apresentar mudança da configuração da mão, e tendo em conta o princípio de economia de espaço e facilidade de leitura, as duas configurações são assim escritas na mesma “pilha”.

### 1.5.2 - Perspetiva do emissor

Aquando da produção de um discurso em língua gestual é possível identificar duas perspetivas: a do recetor e do emissor. Assim, a primeira diz respeito ao que é observado por alguém que não está a produzir, mas apenas a visualizar as mãos de alguém que se encontra a gestualizar; por sua vez, a segunda representa aquilo que o próprio gestuante produz e vê. Neste sistema, a escrita dos gestos pode ser feita segundo as duas perspetivas, no entanto a forma estandardizada para as publicações em SignWriting é a perspetiva do emissor, sendo a do recetor utilizada ocasionalmente na transcrição de gestos a partir de um vídeo ou quando há necessidade de se fazer um registo rápido que acompanhe o discurso (Sutton, 2002).

Conforme a perspetiva do emissor quando este vê a palma da mão enquanto produz um gesto o símbolo será branco. Quando o emissor visualiza a parte de trás da própria mão, o dorso, o símbolo será preto. Por sua vez, quando o emissor gestualiza e percebe o lado da mão, o símbolo será dividido em duas metades, uma branca e outra preta (Fig. 6), isto é, a cor determina a orientação da palma da mão.

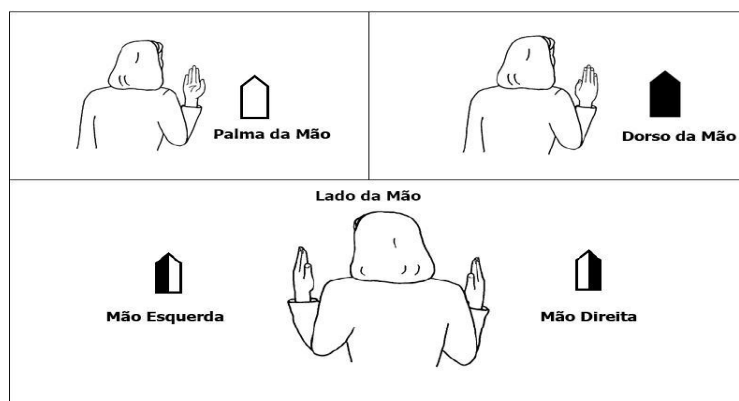


Figura 6: Perspetiva do emissor

<sup>21</sup> Gestos formados a partir da composição de dois ou mais gestos já existentes na língua. Por exemplo o gesto de melancia em LGP é formado através da junção do gesto de vermelho com o gesto de melão.

A mão e respetivo símbolo podem girar para qualquer direção (Fig. 7).

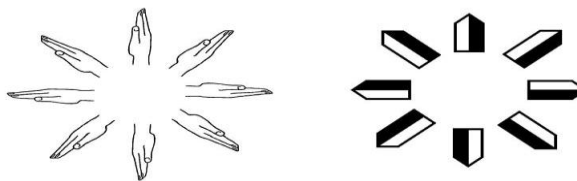


Figura 7: Rotação da mão

A representação da cabeça é feita através de um círculo que é visto por trás. Desta forma, quando a mão se encontra do lado esquerdo da cabeça ou da cara o símbolo é colocado nesse exato local, sendo que o mesmo se processa com o lado direito da cabeça ou da cara (Fig. 8).

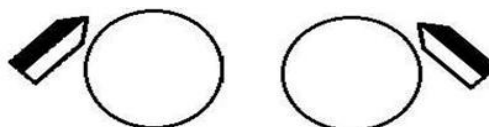


Figura 8: Lado esquerdo e lado direito da cabeça

### 1.5.3 - Configurações da mão

No que toca às formas da mão, o SW assenta em três configurações básicas: a mão fechada quando os dedos tocam na palma da mão, a mão circular quando as pontas dos dedos se tocam e a mão aberta com os dedos unidos quando os dedos estão completamente esticados e em contacto uns com os outros (Fig. 9). A figura seguinte expressa configurações onde o emissor vê a palma da mão.

		Mão fechada
		Mão circular
		Mão aberta com dedos unidos

Figura 9: Configurações básicas da mão

O SW utiliza inúmeras configurações de mão, sendo todas elas originadas por variação das três básicas apresentadas anteriormente <sup>22</sup>, nomeadamente através da adição de linhas aos símbolos básicos, faz-se a representação dos dedos da mão. Por exemplo, a configuração mão fechada com uma linha a representar o indicador origina a configuração indicar, onde o indicador está esticado e os restantes dedos mantêm o contacto com a palma da mão; a mão circular gera a configuração seis ficando o indicador esticado e os restantes dedos mantêm o contacto nas pontas dos dedos; e por sua vez a mão aberta com dedos unidos com indicação das linhas referentes aos dedos, resulta na configuração mão aberta com dedos afastados, continuando os dedos esticados, mas desta vez todos afastados uns dos outros (Fig. 10).

		Mão - Indicar
		Mão - Seis
		Mão aberta com dedos afastados

Figura 10: Adição de linhas para representar os dedos

A configuração da mão pode ser escrita consoante a sua posição vertical ou horizontal tendo em conta dois tipos de vista: a vista de frente e a vista de cima. A vista de frente é utilizada quando a mão está na vertical e por sua vez, a vista de cima é empregada quando a mão está na posição horizontal. Todavia, para evitar confusões, foi necessário estabelecer-se um critério rigoroso que esclarecesse o que determina se uma posição é vertical ou horizontal. Sobre isto, Capovilla & Raphael (2001) indicam-nos que:

“tal critério é o *eixo pulso – dedo*, ou seja, uma linha imaginária que segue mais ou menos o curso do tendão que movimenta o dedo médio. Assim imagine uma linha comprida indo do pulso, pelo dorso da mão, até a ponta do dedo. Para demonstrar a precisão do critério do eixo pulso – dedo, basta testá-lo (...): O eixo está na vertical quando acenamos à distância, e na horizontal quando estendemos a mão, quer para cumprimentar, quer para pedir algo, independentemente da orientação da palma.” (Capovilla & Raphael, 2001, p. 63).

<sup>22</sup> Segundo Amaral *et al.* (1994), na LGP, é possível contabilizar 52 configurações de mão.

Cientes do atrás exposto, precisamos de outra ferramenta que nos ajude a discriminar e, respetivamente, representar a mão correspondente a cada posição. Assim, quando a mão se encontra na vertical a escrita é feita com o símbolo normal, sendo que quando a mão está em posição horizontal, a escrita é feita com uma abertura, espaçamento na própria configuração, ou seja, no símbolo. A figura seguinte ilustra uma comparação entre as duas vistas, diferenciando a orientação da palma da mão (Fig. 11).

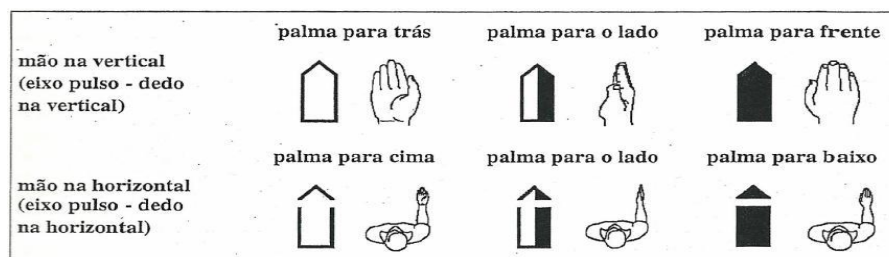


Figura 11: Vista de frente e vista de cima

No SW existem dez grandes grupos que distinguem os diferentes símbolos referentes às configurações de mão (Fig. 12).

Grupo 1		Dedo indicador
Grupo 2		Dedos indicador e médio
Grupo 3		Dedos indicador, médio e polegar
Grupo 4		Quatro dedos
Grupo 5		Cinco dedos
Grupo 6		Dedo mínimo
Grupo 7		Dedo anelar
Grupo 8		Dedo médio
Grupo 9		Dedos indicador e polegar
Grupo 10		Dedo polegar

Figura 12: Grupos de configurações da mão

As mãos estão agrupadas de acordo com o posicionamento dos dedos, sendo que os grupos englobam qualquer configuração possível de todas as línguas gestuais do mundo. Sutton (2002) esclarece-nos que “these ten groups are the beginning of the Sign-Symbol-Sequence, which is the order of symbols used to look up signs in SignWriting dictionaries” (Sutton, 2002, p. 43). Assim, o primeiro grupo corresponde às configurações com o dedo indicador (Anexo 1 <sup>23</sup>), o segundo grupo diz respeito às configurações com os dedos indicador e médio (Anexo 2), o terceiro grupo engloba as configurações com os dedos indicador, médio e polegar (Anexo 3), o quarto grupo contempla as configurações com quatro dedos (Anexo 4), o quinto grupo contém as configurações com os cinco dedos (Anexo 5), o sexto grupo possui as configurações com o dedo mínimo (Anexo 6), o sétimo grupo abrange as configurações com o dedo anelar (Anexo 7), o oitavo grupo diz respeito às configurações com o dedo médio (Anexo 8), o nono grupo abarca as configurações com os dedos indicador e polegar (Anexo 9) e por último, o décimo grupo, reúne as configurações com o dedo polegar (Anexo 10).

#### 1.5.4 - Símbolos de contacto

Existem seis formas para representar o contacto dos símbolos, a saber: tocar, agarrar, tocar entre, bater, escovar e esfregar (Fig. 13). Esse contacto pode ser de uma mão com a outra, da mão com corpo ou da mão com a cabeça.

*	Tocar
+	Agarrar
*	Tocar entre
#	Bater
⊙	Escovar
@	Esfregar

Figura 13: Símbolos de contacto

<sup>23</sup> Os anexos referentes ao SignWriting foram retirados de Sutton, V. (2002). *Lessons in Signwriting*. La Jolla: The Deaf Action Committee for Signwriting. Disponível em <http://www.signwriting.org/lessons/lessons.html>

O *tocar* é escrito com um asterisco e acontece quando uma mão tem um contacto gentil com alguma parte do corpo; o *agarrar* é escrito com uma cruz e é utilizado quando a mão agarra nalguma parte do corpo ou numa peça de roupa; o *tocar entre* é escrito com um asterisco entre duas linhas verticais e é utilizado quando existe um toque entre duas partes do corpo, habitualmente entre os dedos; o *bater* é escrito com um cardinal e é utilizado quando a mão toca numa zona com força; o *escovar* é escrito através de um círculo com um ponto preto no meio e é utilizado em contacto com movimento que desliza para fora da superfície; por último, o *esfregar* é escrito através de um símbolo espiral e é utilizado num contacto com movimento mas que se mantém na superfície (Sutton, 2002). A figura seguinte apresenta exemplos de gestos da LGP com os símbolos de contacto (Fig. 14).







	Ver
	Roupa
	Membro/Filiar
	Guerra
	Branco
	Mentir

Figura 14: Símbolos de contacto - exemplos em LGP

### 1.5.5 - Movimento interno da mão

Nos movimentos <sup>24</sup> dos dedos, parte da configuração, há necessidade de se fazer uma distinção entre dois tipos de articulações: a articulação metacarpofalângica, que une o dedo à

<sup>24</sup> Nas línguas gestuais podem-se identificar dois tipos de movimentos distintos, o “movimento de direção (...) e o movimento local, conhecido também como movimento interno da mão” (Quadros, 2004, p.56). O movimento de direção corresponde ao traço do querema e caracteriza-se por ser silábico, enquanto que o movimento local diz respeito a alterações da própria mão por exemplo a nível de configuração, orientação ou ainda apenas a movimentos dos dedos. Por exemplo, o gesto de *perceber* efetuado com a configuração indicar, na zona do queixo, apresenta dois movimentos de afastamento para a frente, mantendo-se a configuração igual, sendo por isso este movimento querológico e característica silábica. O gesto de *cor* com a configuração de mão aberta com dedos afastados, realizado também na zona do queixo, apenas com movimento interno de dedilhar, não apresenta movimento quanto ao parâmetro querema, é apenas um traço articulatorio da configuração.

palma da mão; e a articulação interfalângica proximal, que fica entre a falange proximal e a falange distal, ou seja, a do meio do dedo (Fig. 15).

●	Dedo flexiona na articulação interfalângica
○	Dedo estende na articulação interfalângica
▼	Dedo flexiona na articulação metacarpofalângica
▲	Dedo estende na articulação metacarpofalângica
⋈	Dedos flexionam e estendem na articulação metacarpofalângica conjuntamente
⋈	Dedos flexionam e estendem na articulação metacarpofalângica alternadamente

Figura 15: Movimentos dos dedos

Assim, o movimento que diz respeito à articulação interfalângica é assinalado por um ponto que pode ser preto, no caso de o movimento ser de flexão e o dedo fechar, e branco no caso de o movimento ser de extensão e o dedo abrir. No caso de um movimento duplo a representação é feita com dois pontos pretos ou brancos e os mesmos devem ser escritos junto da zona da articulação. Os movimentos da articulação metacarpofalângica, para que sejam mais bem entendidos, podem ser pensados como uma dobradiça de uma porta, tal como refere Capovilla & Raphael (2001):

“A dobradiça pode abrir-se e fechar-se, mas a porta permanece reta. A única coisa que se dobra é a dobradiça. As juntas<sup>25</sup> da base dos dedos (i.e., entre cada dedo e a palma da mão) são como dobradiças. Os dedos são como a porta, pois permanecem retos enquanto as juntas da base se movem num movimento de abrir e fechar” (Capovilla & Raphael, 2001, p. 79).

Desta forma, os movimentos da articulação metacarpofalângica são assinalados com pequenas setas escritas junto da mesma, sendo os movimentos de fechar indicados com uma seta com o vértice para baixo, e os movimentos de abrir com uma seta com o vértice para cima. No caso de o movimento, quer de fechar ou abrir, ser repetido a indicação é feita com a reprodução da escrita da pequena seta, ou seja, os dedos mantêm-se juntos enquanto a dobradiça fecha ou abre duas vezes. Estes movimentos repetidos podem apresentar uma especificidade que é uma ligeira pausa entre o movimento fechar-fechar ou abrir-abrir, funcionando quase como dois movimentos independentes. Caso não exista essa pausa, a forma de escrever o movimento é distinta, sendo neste caso a indicação dada por duas

<sup>25</sup> Por *junta* entenda-se a articulação que une os dedos à palma da mão.



pequenas setas unidas ao lado uma da outra. Por fim, ainda é possível representar mais um movimento da articulação metacarpofalângica nomeadamente o movimento alternado ou tremor dos dedos onde a articulação abre e fecha fazendo com que os dedos subam e desçam alternadamente. A figura seguinte ilustra alguns gestos da LGP onde é possível identificar os movimentos acima descritos (Fig. 16).





	Suicídio
	Pouco
	Pato
	Borboleta

Figura 16: Movimentos dos dedos - exemplos em LGP

Além dos movimentos de dedos descritos acima, o SW permite ainda escrever a abertura ou fecho dos dedos feita de forma sequencial, dedo a dedo, podendo até especificar de forma precisa a ordem e sucessão dos dedos (Fig. 17).



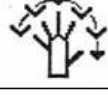
	Dedos flexionam sequencialmente na articulação interfalângica
	Dedos estendem sequencialmente na articulação interfalângica
	Dedos flexionam sequencialmente na articulação metacarpofalângica

Figura 17: Movimento sequencial dos dedos

Para uma melhor compreensão, Capovilla & Raphael (2001) apresentam a seguinte analogia:

“imagine o movimento de abertura e fechamento de um leque. Tanto no movimento de abertura quanto no de fechamento, todas as palhetas se movem, mas numa sequência, uma após a outra. As palhetas todas executam o mesmo movimento de fechamento (ou de abertura), sendo que o que difere é apenas a sequência em que o movimento é iniciado, sempre de uma palheta a outra contígua a ela, numa determinada direção. (...) quando uma dada palheta começa a se fechar, a anterior ainda não terminou seu movimento. E isto ocorre para todas elas. Considerando as palhetas como um todo, o efeito coletivo dos múltiplos fechamentos em sequência é o de um único movimento gracioso. (Capovilla & Raphael, 2001, pp. 82-83).

Assim, os movimentos dos dedos são unidos através de uma linha contínua que une os símbolos de flexão (pontos pretos ou pequena seta com vértice para baixo), e os de extensão (pontos brancos ou pequena seta com vértice para cima), linha essa que no final contém uma seta que aponta a direção do movimento. Para se perceber o movimento basta seguir os pontos ou pequenas setas da linha contínua, começando na ponta sem seta e terminando na própria seta. Esta seta indica precisamente a sequência em que o movimento de flexão ou extensão dos dedos é feito.

### 1.5.6 - Localização e movimento silábico

O movimento pode ser caracterizado quanto à sua direção, sendo este um movimento silábico e respeitante ao querema constituinte do próprio gesto.

Os gestos são produzidos num espaço de articulação que corresponde a uma área em frente ao corpo. Este espaço é delimitado pela distância que os braços conseguem atingir em frente, acima e abaixo. Em relação à esquerda e à direita o espaço termina no ponto até onde o braço oposto é capaz de alcançar. Sobre o espaço de articulação, Capovilla & Raphael (2001) dizem-nos que:

“pode-se pensar nele como se fosse um quarto, com teto e piso, paredes dianteira e traseira, e paredes laterais, que se deslocam juntamente com o sinalizador <sup>26</sup> sempre que ele se movimenta. Os movimentos dos sinais devem ser concebidos nesse espaço” (Capovilla & Raphael, 2001, p. 84).

---

<sup>26</sup> O mesmo que gestuante.

No espaço de articulação é possível identificar dois planos distintos, nomeadamente o plano da parede e o plano do chão. Tal como os nomes indicam, o primeiro corresponde a um plano vertical que é paralelo às paredes da frente e de trás da pessoa que está a produzir os gestos e o segundo diz respeito a um plano horizontal e que é paralelo ao chão e ao teto. Com efeito, o plano da parede corta o corpo com uma porta imaginária que atravessa a linha dos ombros, sendo os movimentos referentes a este plano efetuados para cima e para baixo e representados com setas de haste dupla (Fig. 18).

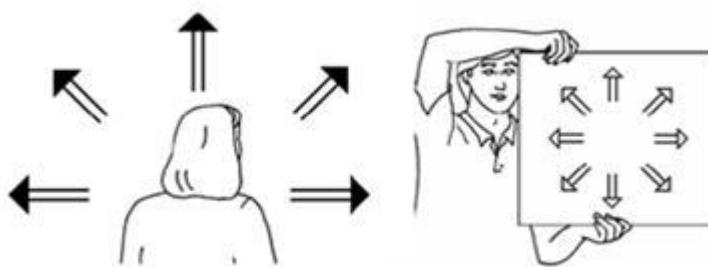


Figura 18: Plano paralelo à parede

Por sua vez, o plano do chão corta o corpo com um tampo de uma mesa imaginário, sendo que neste plano não é possível produzir movimento em altura, apenas em lateralidade e profundidade, ou seja, para a frente e para trás<sup>27</sup> e a sua representação é feita com setas de uma só haste (Fig. 19). Em qualquer movimento, a direção é sempre indicada pela ponta da seta.

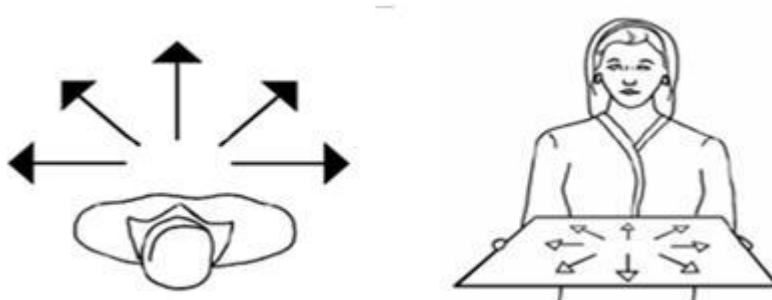


Figura 19: Plano paralelo ao chão

<sup>27</sup> O espaço de articulação localiza-se em frente à pessoa que está a produzir língua gestual pelo que a expressão *para trás* significa que é um movimento que se aproxima e vem em direção à pessoa.

Os movimentos laterais, para a direita e para a esquerda, podem ser representados quer com uma seta de dupla haste, no caso de ser a vista de frente, quer com seta de haste simples, na vista de cima (Fig. 20).

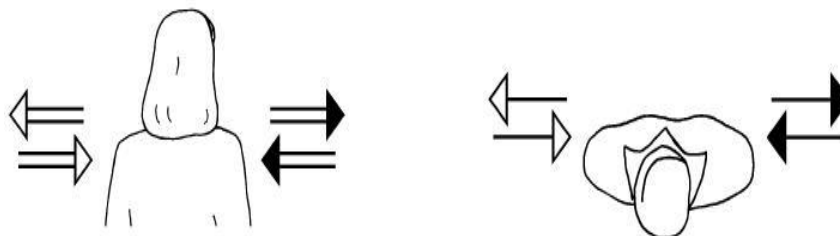


Figura 20: Movimentos laterais

No SW a forma convencionada para distinguir entre deslocações da mão direita e esquerda é a cor da ponta da seta. Os movimentos da mão direita correspondem a pontas de setas preenchidas ou pretas enquanto que os da mão esquerda são registados com pontas de setas não preenchidas ou brancas. Quando as duas mãos estão em contacto e o movimento das mesmas é feito em conjunto, como uma unidade a seta apresentada possui uma ponta aberta, que não é preta nem branca mas neutra (Fig. 21).






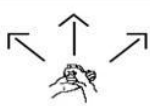
		Mão direita
		Mão esquerda
		Mãos juntas

Figura 21: Movimentos com a mão direita, mão esquerda e mãos juntas

Através da articulação dos planos apresentados é possível descrever qualquer movimento reto da língua gestual (Anexos 11 e 12), sendo que os gestos podem apresentar movimentos feitos só numa dimensão, isto é só para a frente, em duas dimensões, ou seja para

a frente e para baixo, ou ainda em três dimensões, por exemplo para a frente, para baixo e para a esquerda (Fig. 22).





	Reto para cima
	Reto para a frente
	Para o lado, para baixo e para o lado
	Para o lado, diagonal e para o lado

Figura 22: Movimentos retos

O espaço de articulação pode também ser dividido em dois planos diagonais, o superior e o inferior. No plano diagonal superior os movimentos iniciam em baixo e vão para cima, direcionados do peito para a parede da frente e fazendo um movimento para a frente e para cima ao mesmo tempo. As setas que representam este movimento diagonal feito para cima através do peito são de haste dupla e apresentam uma linha horizontal por cima da indicação da haste. O plano diagonal inferior é inverso ao anterior sendo que os movimentos são realizados a partir da parede e direcionados para o peito, ou seja, são movimentos diagonais para baixo e para trás e são representados através de setas de haste dupla e com a indicação de um ponto grosso na haste (Fig. 23).

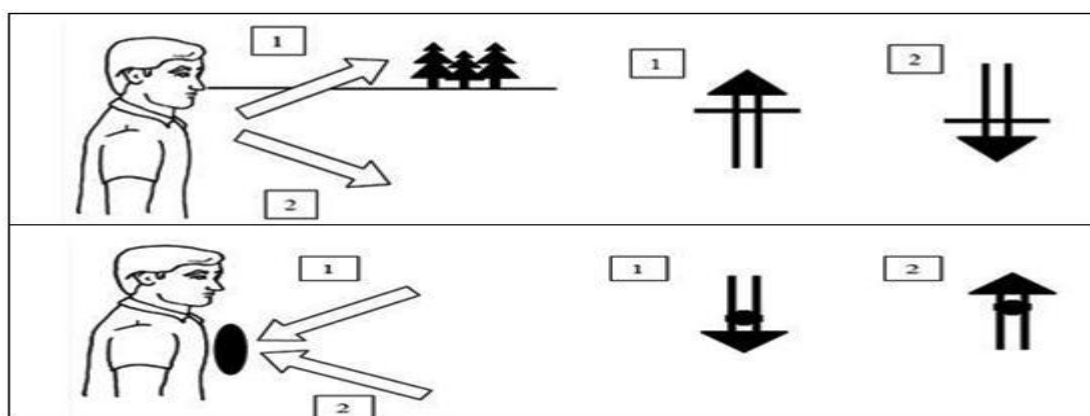


Figura 23: Movimentos diagonais

Na figura seguinte ilustramos dois exemplos de gestos da língua gestual portuguesa que apresentam os movimentos atrás descritos (Fig. 24).



	Sistema
	Chá

Figura 24: Movimento reto e diagonal - exemplos em LGP

Os diferentes movimentos circulares<sup>28</sup> realizados durante um discurso em língua gestual também são possíveis de escrever no SW. Consideremos a mão e o antebraço como uma só unidade que processa o movimento circular em conjunto e que pode ser feita de três formas diferentes. Quando a mão se movimenta em círculo descrevendo uma trajetória idêntica à que se realiza quando se limpa uma janela, a representação é feita com uma seta circular sempre da mesma grossura pois a distância ao corpo mantêm-se sempre a mesma (Fig. 25) (Anexo 13).

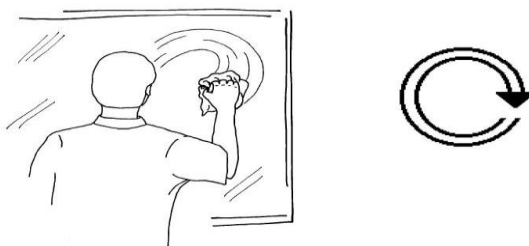


Figura 25: Movimento circular paralelo à parede da frente

Quando o movimento descrito pela mão é análogo ao que faz quando se limpa o tampo de uma mesa a seta circular apresenta diferenças na haste pois quando a mão está

<sup>28</sup> A representação dos movimentos circulares pode ser feita através de setas com haste dupla e/ou simples ou através de setas com hastes a tracejado. Neste trabalho, optamos pela primeira sendo a referência anexa respeitante à segunda opção.

próxima do corpo a haste é mais grossa e vai estreitando à medida que se afasta (Fig. 26) (Anexo 14).



Figura 26: Movimento circular paralelo ao chão

Quando o movimento que a mão descreve é semelhante ao que se descreve quando se rema um barco a seta que o representa é mais grossa quando a mão está perto do corpo e mais estreita quando esta se afasta (Fig. 27) (Anexo 14).



Figura 27: Movimento circular paralelo à parede do lado

A figura seguinte é referente a exemplos de gestos da LGP com os movimentos atrás mencionados (Fig. 28).

	Janeiro
	Solidão
	Londres

Figura 28: Movimento circular - exemplos em LGP

Os movimentos curvos que não descrevem um círculo na totalidade são escritos de forma diferente consoante o plano onde se efetuam. Assim, o movimento circular de limpar a janela, já visto anteriormente, pode ser realizado de forma curva para um lado ou para o outro, sem dar um volta completa e sem que a mão se afaste ou aproxime do corpo. As setas são de haste dupla e a ponta da seta indica a direção do movimento. Como não existe alteração da distância ao corpo, estas setas são sempre da mesma grossura. (Fig. 29) (Anexo 15).

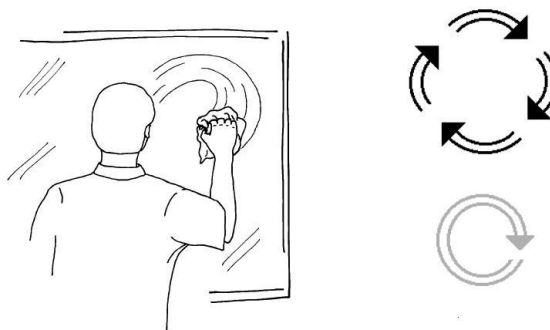


Figura 29: Movimento curvo paralelo à parede da frente

Outro movimento previamente referido é o descrito na ação de limpar um tampo de uma mesa. Este também pode ser feito apenas de forma parcial, sem descrever um círculo completo, e a seta que o identifica é de haste simples onde a parte mais grossa significa que a mão se aproxima do corpo, e a mais fina que a mão se afasta (Fig. 30) (Anexo 16).

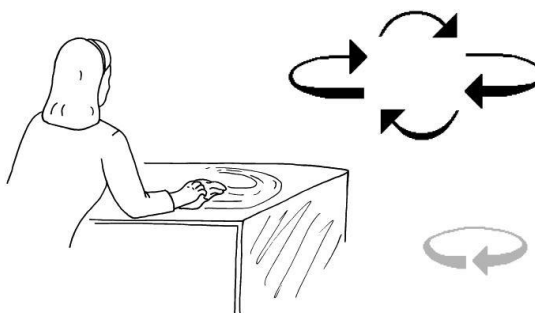


Figura 30: Movimento curvo paralelo ao chão

Por último, o movimento referente à trajetória executada quando se está a remar num barco também pode ser representado em partes com setas de haste simples ou dupla, consoante a direção e consequentemente o plano paralelo, isto é, parede ou chão. Estas setas



apresentam diferenças de largura pois o movimento obriga a afastar e aproximar do corpo, sendo que pode ser feito em duas direção (Fig. 31) (Anexo17).

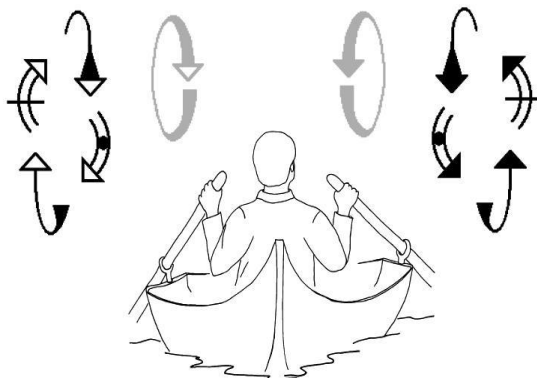


Figura 31: Movimento curvo paralelo à parede do lado

No que toca ao antebraço, os movimentos são denominados de rotação. Quando o mesmo está na horizontal, na posição paralela ao chão, com os dedos apontados para a parede do lado, e efetua um movimento de rotação para a frente, afastando-se do corpo, e para trás aproximando-se, a representação é feita através de uma linha horizontal que significa o antebraço e com setas de uma só haste, havendo distinção na grossura da seta consoante a distância a que o antebraço está do corpo (Fig. 32) (Anexo 18).

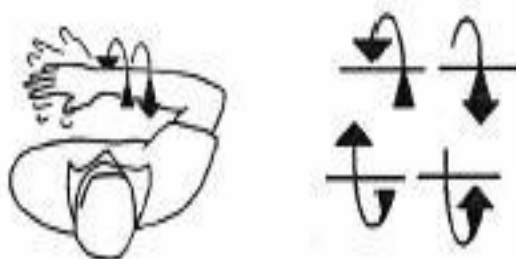


Figura 32: Movimento horizontal de rotação do antebraço com os dedos para o lado

No caso de o antebraço estar em posição horizontal, paralelo ao chão mas com os dedos direcionados para a parede da frente, a representação é feita com uma linha horizontal

correspondente ao antebraço e com setas de dupla haste que indicam um movimento de rotação ligeiramente ascendente e descendente (Fig. 33) (Anexo19).

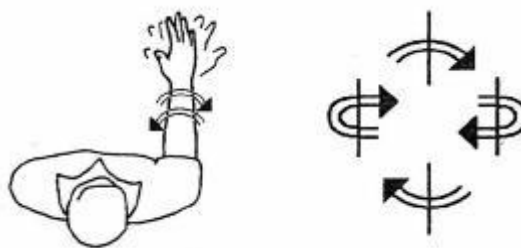


Figura 33: Movimento horizontal do antebraço com os dedos para a frente

Quando o movimento de rotação do antebraço é feito com este em posição vertical e paralela à parede da frente, a forma de o representar é com duas linhas sendo a seta de uma haste a com variação na espessura conforme a distância a que se encontra (Fig. 34) (Anexo 20).

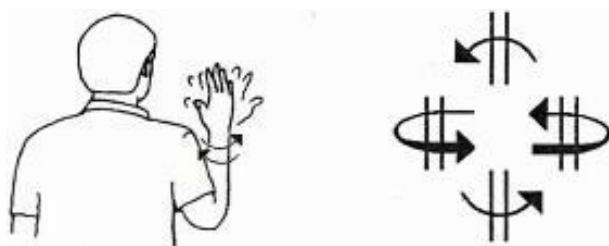


Figura 34: Movimento vertical do antebraço

No caso de a rotação ocorrer de forma muito rápida o movimento é apelidado de tremer e os símbolos desse movimento são sempre representados com três linhas curvas por cima da linha ou linhas do antebraço (Fig. 35) (Anexo 21).

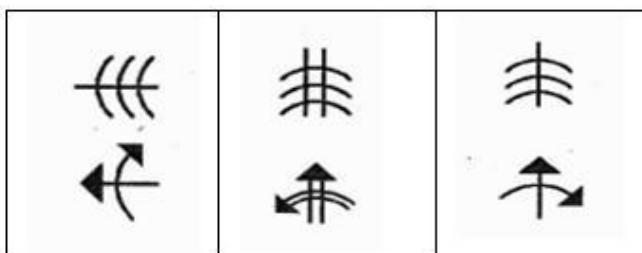


Figura 35: Movimentos rápidos de rotação

A figura seguinte ilustra os movimentos anteriores através de gestos da LGP (Fig. 36).

	Bilhete de Identidade
	Palmas (cultura surda)

Figura 36: Movimentos de rotação - exemplos em LGP

Dentro dos movimentos circulares existem ainda alguns onde o que se move é apenas o pulso, ficando o antebraço imóvel. Os movimentos de rotação do pulso são representados com um círculo e uma seta que indica a direção e podem ser de 3 tipos: paralelos à parede da frente onde o círculo apresenta todo a mesma grossura uma vez que não há afastamento ou aproximação do corpo, paralelos ao chão e paralelos à parede do lado onde se verifica uma diferenciação na grossura da seta consoante a distância ao corpo (Fig. 37) (Anexo 22).

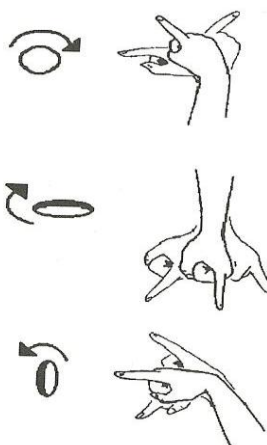


Figura 37: Movimentos de rotação do pulso

Por sua vez, considerando ainda os movimentos do pulso, é possível identificar movimentos retos, de flexão onde não existe rotação. Basta pensar no pulso como um eixo que é representado com uma pequena linha horizontal e adicionar setas que indicam a direção

do movimento e que representam, respetivamente, a flexão da mão. Na figura seguinte apresentamos exemplos de tais movimentos com gestos da LGP (Fig. 38).



	Bater à porta
	Acordo

Figura 38: Movimentos de flexão do pulso - exemplos em LGP

### 1.5.7 - Dinâmica dos movimentos

Os movimentos podem ter dinâmicas diferentes e por essa razão existem pequenos símbolos que se colocam perto das setas de movimento e que identificam intensidade, velocidade ou a “maneira” de realizar o movimento. Assim, a dinâmica dos movimentos inclui 7 símbolos distintos e que são de simultaneidade onde ambas as mãos se movem ao mesmo tempo, de alternância onde a mão direita se move numa direção e a mão esquerda na direção oposta, de movimento consecutivo onde as mãos se movem uma de cada vez, isto é, enquanto a direita se move a esquerda está imóvel e, por sua vez, quando a esquerda se movimenta a direita permanece imóvel, de movimento lento ou suave, de movimento rápido, de movimento tenso e, por último, de movimento relaxado, sendo estes último quatro movimentos efetuados da maneira que o próprio nome do símbolo indica (Fig. 39).

	Movimento simultâneo
	Movimento alternado
	Movimento consecutivo
	Movimento lento
	Movimento rápido
	Movimento tenso
	Movimento relaxado

Figura 39: Dinâmica dos movimentos

Na figura seguinte ilustram-se alguns exemplos de gestos da LGP com alguns movimentos anteriormente descritos (Fig. 40).




	Agora
	Construir
	Pedalar (depressa)

Figura 40: Dinâmica dos movimentos - exemplos em LGP

### 1.5.8 - Expressão facial

O SW contempla dez grupos de expressões faciais onde se incluem as seguintes zonas distintas: a testa (Anexo 23), as sobrancelhas (Anexo 24), os olhos e o olhar (Anexo 25), as orelhas e as bochechas (Anexo 26), a respiração e o nariz (Anexo 27), a boca (Anexo 28), a língua (Anexo 29), os dentes (Anexo 30), o queixo (Anexo 31), e outras partes (Anexo 32) (Fig. 41).











	Testa
	Sobrancelhas para cima
	Olhos abertos
	Orelhas
	Por o ar para fora
	Boca com sorriso fechado
	Língua lambe o lábio de cima
	Dentes
	Queixo para cima
	Outras partes: pescoço

Figura 41: Expressões faciais

Ilustramos na figura seguinte gestos da língua gestual portuguesa que apresentam algumas expressões faciais referidas atrás (Fig. 42).







	Conhecer
	Ouvinte
	Magro
	Gémeo
	Pedra
	Sapo

Figura 42: Expressões faciais – exemplos em LGP

### 1.5.9 - Posição do corpo

O SW inclui símbolos que mostram a posição do corpo, nomeadamente dos ombros, tronco, cabeça e braços. A linha dos ombros é representada através de um traço horizontal que identifica a posição dos mesmos, por exemplo, se o ombro esquerdo está para a frente ou se estão os dois ombros para cima (Fig. 43) (Anexo 33).

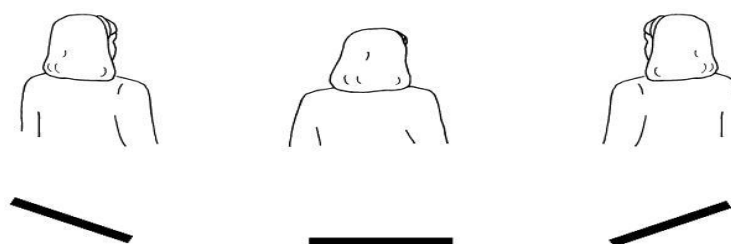


Figura 43: Linha dos ombros

Quando um gesto é executado em toda a zona do tronco, e se houver necessidade, pode-se acrescentar uma linha para identificar a cintura e assim tornar a representação clara (Fig. 44).

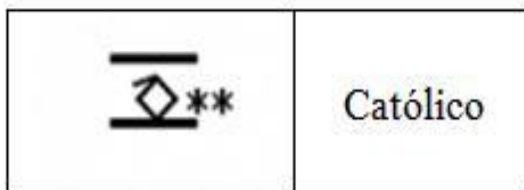


Figura 44: Linha da cintura - exemplo em LGP

Há ainda a possibilidade de fazer a representação dos ombros através de uma vista de cima, sendo esse símbolo utilizado com o intuito de mostrar a distância entre o corpo e as mãos (Fig. 45).



Figura 45: Linha dos ombros vista de cima

A posição do tronco é mostrada pela adição de um símbolo à linha dos ombros e a sua orientação determina a inclinação do tronco (Fig. 46) (Anexo 34).

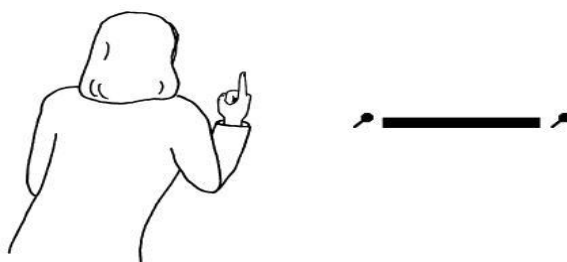


Figura 46: Posição do tronco

A posição da cabeça é representada com uma linha sobre a linha dos ombros que se for vertical significa que a cabeça está na posição reta e se for oblíqua indica que a cabeça está inclinada ou para a direita ou esquerda (Fig. 47) (Anexo 35).



Figura 47: Posição da cabeça - exemplo em LGP

Quando necessário pode-se acrescentar linhas para representar os braços nomeadamente quando estes estiverem em contacto ou cruzados.

#### 1.5.10 - Sinais de pontuação

O SW permite que se escrevam sinais de pontuação que são perceptíveis durante um discurso em língua gestual nomeadamente recursos que identificam fim de frases, pausas curtas ou longas, perguntas parênteses (Fig. 48) (Anexo 36).

⌋	Ponto final
⌋⌋	Pausa
⌋⌋⌋	Ponto de interrogação
⌈ ⌋	Parênteses

Figura 48: Sinais de pontuação



Apesar de o SignWriting ser, por um lado, um sistema bastante transparente porque é grande a relação entre o gesto e a sua representação em SW e, por outro, pretender ser uma forma prática de comunicação escrita clara e evidente, não é possível registar todas as pequenas variações dos processos querológicos. Contudo, segundo Capovilla & Raphael (2001) este processo é natural aquando da escrita das línguas pois “a escrita de uma língua falada ignora detalhes não essenciais de pronúncia e prosódia; mas atém-se aos fonemas que compõem essa língua e às correspondências grafofonêmicas estabelecidas” (Capovilla & Raphael, 2001, p. 55). Assim, na língua gestual o essencial é existir uma representação dos queremas que são fundamentais à realização dos gestos e que, por apresentarem variações representam, conseqüentemente, gestos distintos. Em suma, a principal preocupação na escrita não passa pelo registo da prosódia inerente a qualquer língua que no caso das LGs é visível através de unidades suprasegmentais como a linguagem corporal ou facial.

Após esta descrição detalhada do sistema SignWriting vamos explicitar o processo de aquisição da linguagem por parte das crianças quer sejam surdas ou ouvintes, e perceber se existem diferenças e/ou semelhanças no modo como tal acontece.

Pretendemos demonstrar, seguidamente, como o SW é uma ferramenta essencial na aquisição/aprendizagem da LGP por estas crianças.

## **1.6 - Aquisição da linguagem**

Todas as crianças nascem dotadas da capacidade de linguagem e, conseqüentemente, predispostas para a aquisição de uma língua, processo esse que vai passando por várias fases ao longo dos primeiros anos de vida. Para que a criança possa desenvolver as suas capacidades cognitivas é necessário que esteja exposta a um ambiente linguisticamente rico, pois só assim poderá estruturar o pensamento e desenvolver a linguagem. Sobre a importância que a linguagem apresenta, Sim-Sim (2005) afirma que:

“a linguagem é essencial à vida em comunidade; através dela partilhamos ideias, emoções, usufruímos da experiência dos outros, trabalhamos e divertimo-nos em grupo, transmitimos e recebemos informações, construímos significados e aprendemos. Sem linguagem, as nossas potencialidades humanas ficariam assustadoramente diminuídas. (...) Onde há homens, há linguagem, isto é, desenvolvem-se línguas naturais”. (Sim-Sim, 2005, pp. 17 - 18)

As crianças ouvintes e surdas nascem iguais no que toca às capacidades linguísticas. O que vai diferenciar o seu desenvolvimento e apropriação de uma língua é a forma como são encaradas e trabalhadas as suas individualidades, especialmente no que concerne ao ensino. Para que este seja eficaz há que abandonar a ideia de que as metodologias a utilizar com crianças ouvintes e surdas são idênticas. Tal como já referimos, a criança surda está preparada para receber uma língua visual, pelo que insistir num ensino com base na oralidade é impossibilitar a criança de atribuir significado ao que está a ser transmitido.

A história da educação dos surdos foi, durante muitos anos, baseada num método onde se privilegiava o oralismo em detrimento da língua gestual (Guarinello, 2007). O importante era que a criança conseguisse falar pois considerava-se que só assim seria possível ter acesso à aprendizagem. Esta forma de encarar os surdos foi largamente influenciada pelas resoluções do congresso de Milão de 1880 em que foi proibido o uso das línguas gestuais na educação, ficando assim todas as escolas obrigadas a seguir o método oralista (Guarinello, 2007). Porém, uma vez que os surdos apresentam um *input* linguístico <sup>29</sup> distinto dos ouvintes, as dificuldades que surgiam no acesso à língua repercutiam-se em fracos resultados escolares e insucesso na aprendizagem. Tornou-se, desta forma, impreterível aceitar o facto de que o surdo apresenta uma forma de adquirir e aprender a língua diferente de um ouvinte, e que o trabalho deve ser desenvolvido através de uma língua que possa ser adquirida naturalmente. Silva (2001) reforça essa ideia ao afirmar que “(...) os surdos, a exemplo dos ouvintes, podem-se desenvolver linguisticamente, desde que sejam expostos à Língua de Sinais o mais cedo possível; se isto não acontecer, o desenvolvimento global do indivíduo surdo poderá ser afetado de modo significativo.” (Silva, 2001, p. 47).

Com efeito, apraz-nos questionar se a forma de escrever dos surdos é influenciada pelo facto de os mesmo não conseguirem discriminar os sons da língua oral e fragmentá-los em segmentos sonoros. Segundo Silva (2001), para se escrever sobre um objeto é necessário ter-se uma experiência com ele. Assim sendo, não tendo o aluno surdo acesso aos sons correspondentes às letras, como serão construídas as relações de sentido nas suas produções escritas?

---

<sup>29</sup> Exposição da criança a determinada língua natural.

Nesta ótica, apresentaremos em seguida a forma como se processa a aprendizagem da escrita pelas crianças e posteriormente faremos uma reflexão sobre os problemas das produções escritas típicas dos alunos surdos.

## **1.7 - Representações escritas nas crianças**

O processo de aquisição da linguagem e a produção escrita encontram-se intimamente ligados, pelo que não se pode separar as dificuldades de escrita do contexto linguístico onde a criança esteve inserida. Só dominando uma língua é que a criança será capaz de aceder ao código escrito.

Por volta dos 2 anos e meio ou 3, começam a emergir nas crianças as primeiras tentativas de escrever e esta pode ser de duas formas, com traços ondulados contínuos, como se fossem “emes” seguidos, ou através de elementos separados que podem ser círculos ou traços verticais (Ferreiro & Teberosky, 1986). Os primeiros dizem respeito à escrita manual, feita de forma contínua, enquanto os segundos representam a escrita da imprensa.

Numa primeira fase, que corresponde às idades acima mencionadas, as crianças começam por produzir traços contínuos ou separados consoante o tipo de escrita que pretendem representar, sendo que para a criança que está a escrever, isso é aquilo que ela assume como sendo a forma básica de escrita. Em relação ao significado, o resultado não se apresenta de forma direta. Todavia, para a criança existe uma intenção nos traços escritos que podem ser considerados como diferentes entre si. Nesta altura, ocorrem as “tentativas de correspondência figurativa entre a escrita e o objeto referido” (Ferreiro & Teberosky, 1986, p. 183). Assim, para as crianças, o tamanho da palavra escrita deve corresponder ao tamanho ou à idade do objeto que pretendem representar, isto é, quanto maior ou mais velho for o referencial, mais comprida deverá ser a palavra. Tal leva a crer que, nesta fase, a criança ainda não é capaz de diferenciar as atividades de escrita e de desenho e, caso o faça, é momentâneo.

Após este período de primeiro contacto direto com a escrita, começa a existir uma aproximação dos traços à forma das letras. Nesta segunda fase, atingida por volta dos 4/5 anos, a criança já tem capacidade de compreender que existe variação da grafia e alternância da ordem consoante aquilo que se quer escrever. A aquisição desta competência é muito

importante pois “descobrir que duas ordens diferentes dos mesmos elementos possam dar lugar a duas totalidades diferentes é uma descoberta que terá enormes consequências para o desenvolvimento cognitivo nos mais variados domínios em que se exerça a atividade de pensar.” (Ferreiro & Teberosky, 1986, p. 190).

Na terceira fase, a criança com 5 anos começa a associar um som a uma letra, depois de o ter feito a uma sílaba. Assim, deixa de haver a ideia de correspondência global entre objeto e palavra, para passar a existir uma ligação por partes. É nesta fase que a criança se começa a aperceber que a escrita está diretamente relacionada com sons da fala. Apesar disso, ainda se verifica alguma confusão em distinguir na totalidade a sílaba da letra. Designa-se esta fase por escrita silábica (Ferreiro & Teberosky, 1986).

Assim sendo, na quarta fase que ocorre aos 5/6 anos, a criança dá efetivamente a passagem da escrita silábica para a alfabética, pois por tentativas vai-se apercebendo que as sílabas não correspondem ao valor sonoro das letras.

No final destas fases, a criança com 6 anos de idade, assimilou completamente o que é a escrita alfabética, sendo que, nesta altura, já passou por todos os constrangimentos próprios de associação entre som e grafema. A partir deste momento para as crianças torna-se inexistente a “dificuldade relativa às leis de composição do código alfabético; todas as suas dificuldades se centram nas grafias que correspondem a vários valores sonoros ou, inversamente, nas distintas grafias que correspondem a um mesmo valor sonoro.” (Ferreiro & Teberosky, 1986, p. 215).

No que toca ao ensino formal da escrita, Sim-Sim (2005) refere que esta área tem sido alvo de muitas investigações. Assiste-se a uma crescente preocupação em formular teorias que possam ser aplicáveis na prática, sendo que tal só é possível caso se perceba quais as metodologias mais adequadas e se identifique os fatores que influenciam o sucesso da aprendizagem da escrita. Contudo, uma certeza prevalece a de que as noções que a criança já tem sobre a escrita são determinantes para o seu desenvolvimento, nomeadamente “(...) o conhecimento que a criança possui sobre a função, a utilidade e a organização gráfica da escrita, antes mesmo de ser ensinada a ler e a escrever, e que está na base de comportamentos emergentes de leitura e escrita (...)” (Sim-Sim, 2005, p. 31).

O contacto com a escrita deve iniciar-se antes dos bancos da escola, no ambiente familiar e pode ser feito através do simples manuseamento de livros, revistas, jornais, de materiais utilizados na escrita como o lápis, papel, computador ou com conversas sobre o tema. Para que a aprendizagem da escrita seja fator de sucesso não se pode deixar que essa atividade seja exclusiva da escola, mas sim proporcionar à criança um ambiente fortemente imerso em letras.

O sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita dependem, em grande parte, da importância que lhes é atribuída. É importante que a criança, desde que começa a ter os primeiros contactos com a escrita, que podem ser por observação de adultos a ler ou escrever, compreenda o que é e qual o propósito de ler e de escrever. A partir do momento em que a escrita estiver presente na vida da criança, tornar-se-á um objeto conhecido e apropriado, pois

“as tarefas de leitura e de escrita, (...) começam a fazer sentido para a criança à medida que esta resolve o problema de como ler e para que serve ler. Deste modo, a ideia que a criança tem sobre a escrita no dia-a-dia passa a ser determinante para a sua rápida aprendizagem da leitura e da escrita” (Coutinho, 2006, p. 153).

A oralidade ou gestualidade acontecem em contexto onde estão presentes mais do que uma pessoa, sendo que emissor tem a possibilidade de reorganizar o discurso, voltar atrás, explicar por outras palavras ou mudar algo, tudo isso para que a mensagem se torne mais perceptível pelo recetor. Porém, na escrita isso não sucede pois nem sempre existe uma situação interativa, isto é, para que os textos escritos sejam dotados de significado torna-se necessário recorrer a mecanismos linguísticos de coesão e coerência textual.<sup>30</sup>

A escrita não passa apenas pela transposição para sinais gráficos da língua falada pois, tal como já vimos, há que ter consciência de regras específicas e recursos linguísticos. Assim, para se conseguir produzir um texto escrito é fundamental perceber-se que “não basta a justaposição de palavras ou sentenças soltas, mas que ele exige operações complexas, como a de manipular recursos para articular, de forma coesa e adequada, de modo a produzir sentido.” (Silva, 2001, p. 46)

---

<sup>30</sup> Segundo Nascimento & Pinto (2006), coesão e coerência textual são conceitos que estão fortemente relacionados e imprescindíveis à produção de um texto escrito com nexos. Por coesão entende-se a ligação das palavras entre si, consoante as regras ou mecanismos da gramática. Por sua vez, a coerência diz respeito à ligação lógica que as ideias apresentam.

## 1.8 - A escrita do surdo

A língua é fundamental para o desenvolvimento íntegro do ser humano e a linguagem escrita não é exceção. Para as crianças portuguesas ouvintes a Língua Portuguesa é, simultaneamente, a língua que utilizam para comunicar oralmente ou por escrito. Contudo, isso não sucede com as crianças surdas portuguesas, pois estas estão privadas de acesso auditivo à informação linguística. Assim sendo, o ensino da escrita a uma criança surda deve ser feito tendo por base a sua língua de aquisição natural, a língua gestual, pois tal como já foi referido, os surdos conseguem ter um desenvolvimento linguístico normal desde que sejam expostos precocemente à língua gestual.

Segundo Sim-Sim (2005), escrever pressupõe conseguir produzir cadeias gráficas dotadas de significado, de acordo com a estrutura gramatical e com o vocabulário da língua oral, sendo que este desconhecimento coloca desde logo um bloqueio no ensino das crianças surdas. Todavia, não se podem separar as dificuldades de escrita do processo de aquisição da linguagem e num país onde os pais de filhos surdos são, maioritariamente, ouvintes, o resultado problemático da escrita é fruto de falhas que acontecem desde o nascimento da criança. Em casa os pais tentam comunicar com o filho através da fala, obrigando a criança a esforçar-se por compreender algo que é praticamente impossível e na escola o processo é, por vezes, pouco produtivo e baseado em métodos de ensino desadequados. Desta forma, a criança fica limitada e sem acesso a uma língua o que, para Coutinho (2006) impede que se desenvolvam as capacidades de leitura e de escrita.

Os textos escritos por alunos surdos apresentam características próprias de um falante de língua segunda, com frases mal estruturadas, assim como falta de uso de conetores discursivos e flexões dos verbos. Guarinello (2007) refere que além das fragilidades poderem ser explicadas pela forma do ensino do português, outra justificação advém da interferência linguística que a língua gestual exerce sobre a língua portuguesa escrita, principalmente na estrutura sintática. Silva (2001) realça a influência da sobreposição das duas línguas ao afirmar que “as pessoas bilingues, ao participarem de uma instância interativa monolingue, nunca desativam totalmente a outra língua” (Silva, 2001, p. 88). De fato

“(...) a imensa maioria dos surdos, quando escrevem em uma língua, acontece o mesmo que acontece com um ouvinte que não sabe o suficiente de uma língua estrangeira na qual precisa de se expressar; ele vai simplificando o máximo

possível para conseguir passar a mensagem e muitas vezes usa palavras que não significam aquilo que ele acreditava que significassem. Produz textos que, por não ter conseguido se apropriar da estrutura da língua, perdem o significado” (Stumpf, 2011, p.30)

Nesta perspetiva, torna-se fulcral que o ensino da escrita ao surdo seja baseado em experiências com a língua que o aluno já conhece e domina, a língua gestual, para que assim se possa construir essa forma de comunicação escrita. Uma vez que os surdos se baseiam na língua gestual para ler e escrever é necessário que possuam uma boa estrutura da sua língua natural por forma a serem capazes de adquirirem uma segunda língua. Só direccionando a atenção para a LG se poderá entender a forma de processamento do raciocínio dos surdos e aplicá-lo, posteriormente, à escrita da LP, pois “o trabalho com a escrita deve partir daquilo que esses indivíduos já possuem, ou seja, a língua de sinais, pois é essa língua que dará toda a base linguística para a aprendizagem de qualquer língua” (Guarinello, 2007, p. 142).

A língua gestual deve funcionar como mediador para a produção escrita, uma vez que é a via natural que possibilita ao surdo organizar e adquirir conhecimento, devendo por isso ser utilizada para potenciar a aprendizagem da escrita. Assim sendo, o desenvolvimento da linguagem escrita dos surdos depende do conhecimento que eles tiveram da sua primeira língua.

Com efeito, o ensino do português escrito deve ser feito numa base de comparação e interação entre as duas línguas e isso passa por permitir que os surdos se apercebam das diferenças entre a língua gestual e a língua portuguesa. Guarinello (2007) fundamenta esta ideia ao relatar um estudo sobre a aquisição da língua escrita pelos surdos com base na LG. Segundo a autora, esta forma de ensino “permitiu aos sujeitos perceber diferenças e semelhanças entre a língua de sinais e o português escrito, e possibilitou que eles passassem a dominar certos aspectos formais do conjunto de convenções que regulamentam o uso social da escrita” (Guarinello, 2007, p. 13).

Neste sentido, começou a implementar-se em Portugal aquilo que se chama de ensino bilingue <sup>31</sup>. Esta proposta surgiu devido ao insucesso escolar que os surdos obtinham assim como as próprias reivindicações da comunidade pelo direito a receber educação na sua língua natural. Desta forma, o aluno surdo pode ter acesso aos conteúdos escolares através de duas línguas e em simultâneo continuar a aprendizagem da língua gestual. Nesta abordagem

---

<sup>31</sup> Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro. Ministério da Educação.

bilingue o ensino do português escrito deve ser feito através da apresentação das duas línguas, a natural e a segunda, de forma simultânea ou consecutiva. No primeiro modelo a criança surda é exposta às duas línguas ao mesmo tempo mas através de interlocutores diferentes, sendo que pelo menos um deve ser fluente na língua gestual. No segundo modelo, o consecutivo, o ensino do português só existe quando a criança já adquiriu e domina a língua gestual. Seja qual for o modelo adotado a língua gestual deve ser sempre a base que proporciona o ensino do português, pois só assim se poderá garantir o desenvolvimento linguístico do surdo. Sobre isto, há que realçar que

“em situação de imersão linguística, rápida, espontânea e naturalmente, descobrimos as regras da língua a que somos expostos e tornamo-nos falantes dessa língua. Posteriormente, quando aprendemos a ler e a escrever, passamos a utilizadores da modalidade escrita da língua de que já éramos falantes” (Sim-Sim, 2005, p.19)

Assim sendo, e dado na escola apenas se trabalhar sobre a escrita do português, não seria uma mais-valia para a criança surda ter acesso a uma forma de representação escrita da sua língua natural e seguidamente transpor esse conhecimento para a escrita da segunda língua? Se se proporciona o acesso à língua gestual por ser a língua natural da criança surda e à língua portuguesa por ser a língua maioritária do país, porque não complementar estas duas formas com a escrita direta da língua gestual? Tendo ainda em conta que a escrita do português é alfabética e assenta numa correspondência fonema-grafema e isso, como é evidente, é um bloqueio para a criança surda, por que motivo não se fornece um outro sistema gráfico que pode ser um passo para a apropriação da escrita do português uma vez que, apesar de não ser alfabético, se rege por princípios de organização comuns? <sup>32</sup>

Com base nestas reflexões, passaremos em seguida a descrever as vantagens de introduzir um sistema de escrita das línguas gestuais no processo educativo da criança surda.

## **1.9 - A importância do SignWriting**

Já vimos que o português escrito representa uma grande dificuldade para a comunidade surda em geral e em particular para o progresso escolar dos alunos surdos.

---

<sup>32</sup> Referimo-nos à correspondência letra-fonema e símbolo-querema, aspeto que já mencionamos anteriormente.



Contudo, sendo a língua portuguesa a língua de comunicação da sociedade majoritária, o surdo não pode prescindir dela nem do importante papel que ela possui enquanto elemento de interação social. Para além disso, a escrita desencadeia processos de raciocínio, da procura de sentidos, não se cingindo à simples sequência de letras desenhadas ao acaso, isto porque “é no texto que a língua se revela em toda a sua totalidade. Desse modo, o sujeito compromete-se com sua palavra e tem o que dizer, uma razão para dizer o que tem de dizer, para quem dizer, e constitui-se como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz” (Guarinello, 2007, pp. 137 - 138).

Quando uma criança escreve, seja ela surda ou ouvinte, está ao mesmo tempo a expressar graficamente os seus pensamentos através de um sistema que pressupõe a compreensão da sua forma de construção pois, tal como já referimos, a escrita implica a construção de elementos que se coadunem com as ideias em mente, bem como o estabelecimento de relações que expressem a gramaticalidade da língua. Assim, para um falante natural de uma língua a compreensão da estrutura desse idioma acontece, também, de forma natural. No caso de crianças ouvintes, esse processo sucede quando adquirem a língua oral das pessoas que estão à sua volta, e no caso das crianças surdas verifica-se que tal sucede quando as crianças são expostas à língua gestual (Stumpf, 2011).

Neste sentido, cabe aqui referir uma forma que é utilizada para escrever a língua gestual servindo como mediador no acesso ao português e que se denomina glosa. Escrever língua gestual através da glosa significa utilizar uma palavra, escrita em letra maiúscula, para representar o gesto com o mesmo significado sendo a componente não-manual muitas vezes indicada através de códigos escritos<sup>33</sup>. Esta forma de representação não pode ser considerada um sistema de escrita pois aquilo que é feito é uma transliteração, isto é, a representação de uma língua através de outros carateres. Todavia este sistema tem apresentado inúmeras limitações principalmente quando o objetivo da transcrição é estudar aspetos como a coesão textual. Segundo McCleary & Viotii (s.d.)<sup>34</sup> as restrições deste tipo de transcrição dizem fundamentalmente respeito à

---

<sup>33</sup> Por exemplo, em língua portuguesa a “frase o lobo mascara-se de avó, ata a touca e fica igual à avó” quando escrita em glosa é apresentada da seguinte forma: AVÓ MASCARAR LOBO TOUCA ATAR MUDAR IGUAL AVÓ (Amaral *et al.*, 1994, p. 136).

<sup>34</sup> McCleary, L. & Viotii, E. (s.d.). *Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)*. Acedido a 11 de março de 2012, em <http://www.feneis.com.br/arquivos/McCleary+Viotti-2006.pdf>.

“(...) dificuldade de se escrever narrativamente o que está sendo sinalizado com sinais manuais, expressões faciais e outras marcações não-manuais, e ao mesmo tempo produzir uma transcrição que ilumine a análise estrutural, tanto da frase quanto da construção de texto” (McCleary & Viotii, s.d., p. 4).

As mesmas autoras referem ainda outro inconveniente na transcrição das LGs feita através de glosa e que diz respeito ao fato de o nome atribuído ao gesto quando escrito em glosa estar desvinculado da sua forma de execução, pois só partindo do princípio que qualquer pessoa saberia realizar o gesto é que a glosa poderia ser fidedigna, caso contrário os inúmeros processos que influenciam a produção de um gesto, como por exemplo os regionalismos, não são tidos em conta. Este problema surge porque quando se tenta atribuir um nome escrito ao gesto está-se a “traduzir o sinal com base no sentido dominante no contexto específico (...), mesmo quando tal tradução não é o nome mais típico do sinal sendo executado” (McCleary & Viotii, s.d., p. 5). Assim sendo, a glosa não traz grandes vantagens nem para a aquisição da LGP nem para a aprendizagem da LP na sua forma escrita, pois não segue as normas de nenhum dos idiomas.

A forma de escrita dos surdos é feita conforme as representações que eles possuem da língua portuguesa e que resultam da interação que tiveram com a mesma. Frequentemente estes alunos transpõem para o texto escrito as produções que realizam em língua gestual, ou seja, fazem uma transposição entre os gestos e as palavras. Neste processo, e dada a diferença que existe entre as estruturas internas das línguas, perdem-se informações, alteram-se ordens, omitem-se conectores, não se conjugam verbos, em suma, estrutura-se incorretamente o texto. Por vezes, estas dificuldades inerentes a um aprendiz de uma segunda língua são atribuídas erradamente aos surdos por motivos de falta de capacidade cognitiva, o que lhes destrói a expectativa e autoconfiança em relação à escrita. No nosso ver, haver uma representação escrita da língua gestual e sendo apresentada no ensino pode funcionar como um incentivo para a modalidade escrita, sendo assim um dos propósitos do SW os alunos enfrentarem destemidamente o desafio de escrever, aumentando a autoestima e, consequentemente, fazendo com que os discentes manifestem interesse e vontade de escrever, pois tal como refere Coutinho (2006) o acesso à leitura e à escrita motiva a aprendizagem.

Marianne Stumpf, professora de alunos surdos no Brasil, diz que durante as suas aulas se foi apercebendo de que existia muita confusão entre as duas línguas pois muitos alunos achavam que o português escrito era a escrita da língua gestual utilizada por eles. Para

Stumpf (2011) este fator, entre outros, limita a aprendizagem e os resultados conseguidos na leitura e escrita do português.

Muitos alunos surdos não se sentem à vontade na escrita por acharem que não serão capazes de o fazer corretamente, exprimindo o que sentem de forma concisa e direta. Esta situação pode acontecer porque a

“falta de atividades significativas com a escrita impede que os surdos percebam a função social e as diferenças entre a língua majoritária e a língua de sinais, ou seja, que cada modalidade de língua possui regras e recursos específicos. Somente por meio da negociação e das interações entre essas duas modalidades de língua é que o surdo será capaz de aprender as diferenças e usar cada língua de acordo com as normas.” (Guarinello, 2007, pp. 55-56)

A escrita de um surdo não sucede da mesma forma que a dos ouvintes, através da mobilização de conhecimentos da língua oral e discriminação de sons referentes às palavras. A impossibilidade de o surdo fazer o mapeamento da fala e codificar o som do grafema causa, desde logo, um grande bloqueio no processamento das cadeias gráficas que compõem a escrita. Para um surdo, a escrita do português tem de ser feita a partir da mobilização de conhecimentos que este já possua da escrita da língua gestual. Assim, é possível criar-se um ambiente de comparação entre as duas modalidades escritas e percepção das distinções gramaticais. Stumpf (2011) refere que a relação que um surdo tem com a língua gestual é idêntica à que o ouvinte tem com a língua oral, pois ambos, apesar de adquirirem e utilizarem as suas línguas naturais com fluência e sem esforço, não possuem consciência das estruturas gramaticais inerentes.

Percebendo estas dificuldades e bloqueios na aprendizagem da escrita do português, Marianne Stumpf decidiu realizar uma experiência de ensino-aprendizagem do sistema SignWriting com crianças surdas numa escola no Brasil, em Porto Alegre. Durante as aulas era comum a professora ler histórias em língua gestual e os alunos desenhavam, junto à palavra escrita, a mão a efetuar o gesto correspondente. Desta forma, numa primeira fase, houve necessidade de esclarecer as diferenças entre o desenho e forma escrita usada em SW. A professora observou que rapidamente as crianças adquiriram a capacidade de representar as formas da mão juntamente com as letras do alfabeto o que provava que o aluno era capaz de associar aquilo que aprendia no português escrito à língua gestual. Assim, para além de o SW permitir estabelecer esta ponte linguística, possibilitava também que, estando o gesto escrito, se pudesse discutir sobre ele o que, consequentemente, contribuía para uma melhor aquisição

e aperfeiçoamento da língua gestual. Na figura que se segue (Fig. 49) podemos constatar a evolução conseguida pelas crianças indo desde um desenho referente ao objeto, até à forma escrita em SW, sendo os gestos referentes à língua gestual brasileira.






Casa			
Bola			

Figura 49: Representações escritas de crianças surdas brasileiras

Cabe aqui realçar que o raciocínio e formulação do pensamento das crianças surdas portuguesas processa-se exatamente da mesma forma que o das crianças surdas brasileiras, pelo que é possível verificar os fatos constatados acima por Stumpf. Prova disso são os desenhos que as crianças fazem junto das palavras que desconhecem o significado quando lhes é apresentado um texto em LP. Esta constatação faz-nos crer que a criança está, naquele momento, a associar a aprendizagem da segunda língua à sua língua natural, transpondo o conhecimento de uma língua para a outra através do único recurso que dispõe, uma ilustração no papel de um gesto com características espaço-visuais que não poderá, de todo, corresponder à representação fidedigna do gesto. Com o intuito de comprovar este processo feito pelas crianças surdas portuguesas, apresentamos em anexo dois documentos pertencentes a uma aluna surda que frequenta o quarto ano de escolaridade numa Escola de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos da Direção Regional de Educação do Centro (Anexo 37). Esses documentos dizem respeito a dois textos escritos em língua portuguesa que foram apresentados numa aula e onde é notória a necessidade da aluna de representar por cima de cada palavra o gesto ou a forma visual de produzir, na LGP, o mesmo conceito. O nome da aluna foi retirado do cabeçalho do documento com o intuito de não revelar a sua identidade mantendo assim o anonimato. Como se vê, faltava a instrução em SW para ser dado o último passo, aquele que observámos nos exemplos da criança brasileira!

De fato, o SignWriting permite que os surdos se deparem com duas formas diferentes de escrita, sendo uma delas a da sua língua natural e isso poderá proporcionar uma mudança de atitude face à linguagem escrita e acabar com a aversão que os surdos sentem por escrever. Assim, cremos que o SW atribui valor à escrita pois não é apenas o fato de o surdo não receber informação auditiva que interfere na sua escrita, mas sim a falta de sentido que este lhe confere. Passando a língua gestual a ser participante ativo no processo de elaboração da escrita, acreditamos que este terá muito mais significado e que, por isso, o SW poderá assumir a responsabilidade de estruturar o discurso da criança surda. Consequentemente, a interiorização do sistema SW facilitará todo o processo de aprendizagem da LP, pois

“a criança transfere para sua nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria língua e quando ela aprende a ver a sua língua como um sistema específico entre muitos, passa a conceber seus fenômenos dentro de categorias mais gerais e isso leva à consciência das operações linguísticas.” (Stumpf, 2011, p.31)

Além de tudo isto, consideramos que o fato de se aceitar o SignWriting como representação escrita da língua gestual e utilizá-lo no ensino das crianças e jovens surdos representa mais um passo evolutivo para a comunidade surda, pois

“na história da Humanidade (...) o conhecimento e uso da linguagem escrita representa uma importante porta de acesso à mediação da informação e, consequentemente, ao poder. O domínio da linguagem escrita, o qual já se revelou determinante na evolução de grupos sociais (...) permite-nos o usufruto do conhecimento resultante da evolução do pensamento humano (...)” (Sim-Sim, 2005, p. 22)

Em suma, a escrita da língua gestual, além de potenciar a aquisição da língua gestual e fornecer uma base estruturada para a aprendizagem do português escrito como língua segunda, permite que fique registado para gerações futuras a história e a memória de uma comunidade, isto é, fomenta o acesso à verdadeira cultura dos surdos pois não havendo um registo escrito daquilo que é gestualizado pode fazer com que se percam informações ou que surjam interpretações erróneas.

## **Capítulo 2 – Léxico: SignWriting e Língua Gestual Portuguesa**

## **2.1 - Apresentação**

Neste capítulo centramo-nos na aplicabilidade do SignWriting à Língua Gestual Portuguesa e na verificação se, de fato, este sistema de escrita assume potencialidades práticas e em última instância, didáticas. Para tal, o primeiro objetivo passa por perceber quais as áreas vocabulares da LGP mais pertinentes para iniciar o uso do SW, tarefa essa que tem como finalidade demonstrar que o sistema em questão é passível de aplicar e de se adaptar à LGP.

Assim, realizámos questionários com vista ao recenseamento das áreas lexicais mais prementes na LGP e em seguida apresentaremos os resultados oriundos da problemática exposta atrás, bem como a metodologia utilizada, a análise às respostas obtidas e, por fim, a proposta da aplicação escrita do SW à LGP.

## **2.2 - Constituição da amostra**

Dada a limitação da amostra nomeadamente quanto ao número de inquiridos e de respostas obtidas optou-se por não utilizar uma metodologia estritamente quantitativa, mas sim mista, ou seja, quantitativa e qualitativa o que, tendo em conta as circunstâncias, se torna aceitável.

Assim, a amostra de sujeitos inquiridos neste estudo foi constituída por adultos surdos, nomeadamente um total de 17 pessoas, sendo que apenas foram recebidas 10 respostas aos questionários entregues. Os indivíduos em questão são todos utilizadores da língua gestual e com destaque na comunidade surda portuguesa, especialmente por serem considerados líderes ou modelos a seguir. Estas pessoas, por assumirem esse papel, são valorizadas dentro da comunidade, podendo o seu comportamento e atitude ser fator de influência em mudanças sociais que envolvem os próprios membros da comunidade. Desta forma, o líder surdo representa um elemento fundamental no que respeita à união da minoria e na sua luta constante por direitos como a igualdade e valorização linguística e cultural. Segundo Santos (s.d.), os líderes surdos representam “(...)modelos a serem seguidos. Os líderes são os que possuem e divulgam informações da cultura surda, enfim são aqueles que lideram o grupo, fazem reuniões para explicar novos conhecimentos, estimulando outros

surdos a serem fortes também” (Santos, s.d.).<sup>35</sup> Assim, um líder surdo tem de enfrentar e trabalhar diretamente inúmeras áreas de intervenção, como por exemplo, a educação, a política, o desporto, a difusão cultural, entre outras (Gil, 2010). Segundo a mesma autora, os líderes surdos desenvolvem o seu trabalho através de uma organização não-governamental (ONG) pois “a través de esta ONG el líder Sordo consigue moverse en la esfera social y política para alcanzar objetivos como la mejoría de los recursos, la accesibilidad y la eliminación de barreras comunicativas, entre otras” (Gil, 2010, p. 14). Ainda a este propósito e reportando-nos para a esfera nacional, Armando Baltazar, um líder da comunidade surda portuguesa e um dos indivíduos da nossa amostra de inquirido, esclarece que “liderança é o processo de conduzir um grupo de pessoas, transformando-o numa equipa que gera resultados. É a habilidade de motivar e influenciar os liderados, de forma ética e positiva, para que contribuam voluntariamente e com entusiasmo para alcançarem os objectivos da equipa e da organização.” (Baltazar & Costa, 2010, p. 15)

Assim sendo, consideramos que os líderes surdos seriam as pessoas ideais para responderem aos questionários uma vez que os mesmos tinham como objetivo averiguar quais os vocábulos considerados pelos líderes como os mais importantes no seio da comunidade ou quais os mais utilizados no dia a dia.

## 2.3 - Metodologia e recolha de dados

A metodologia de investigação assente neste trabalho começou com a elaboração de um questionário com vista ao recenseamento das áreas lexicais mais prementes na LGP (APÊNDICE 1). Dada a natureza do estudo optou-se por, tal como já exposto, auscultar pessoas com um papel relevante dentro da comunidade surda, pelo que a escolha do léxico a utilizar foi feita tendo em conta a opinião desses elementos que se afiguram como líderes. A elaboração do questionário foi feita segundo temas que estão diretamente relacionados com a comunidade surda, assim como outros mais direccionados à sociedade em geral. Assim, foram distinguidas treze áreas vocabulares, a saber: história dos surdos, comunidade surda, educação, língua e linguística, cultura, saúde, ambiente, economia, desporto, justiça,

---

<sup>35</sup> Santos, T. (s.d.). *Um olhar sobre a liderança surda: a influência de líderes na vida de surdos pertencentes à associação de surdos de Pelotas*. Acedido em 3 de junho de 2012, em [http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH\\_00350.pdf](http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00350.pdf)



comunicação social, vocabulário de uso diário, e por último foi dado espaço para que a pessoa dissesse outro vocabulário que considerasse relevante.

Após a recolha do vocabulário, pretende-se articular estas respostas com o conteúdo do programa curricular para o ensino da disciplina de língua gestual portuguesa. Esta relação tem como objetivo ir ao encontro de necessidades reais existentes aquando do exercício do ensino da língua. Assim, ao propor a escrita de gestos que possam ter um teor prático, passível de ser utilizado por atuais e futuros docentes de LGP, pretende-se complementar o ensino da produção da língua com a escrita e leitura da mesma.

Nesta ótica, passaremos em seguida a verificar os resultados que os questionários originaram.

## **2.4 - Resultados dos questionários**

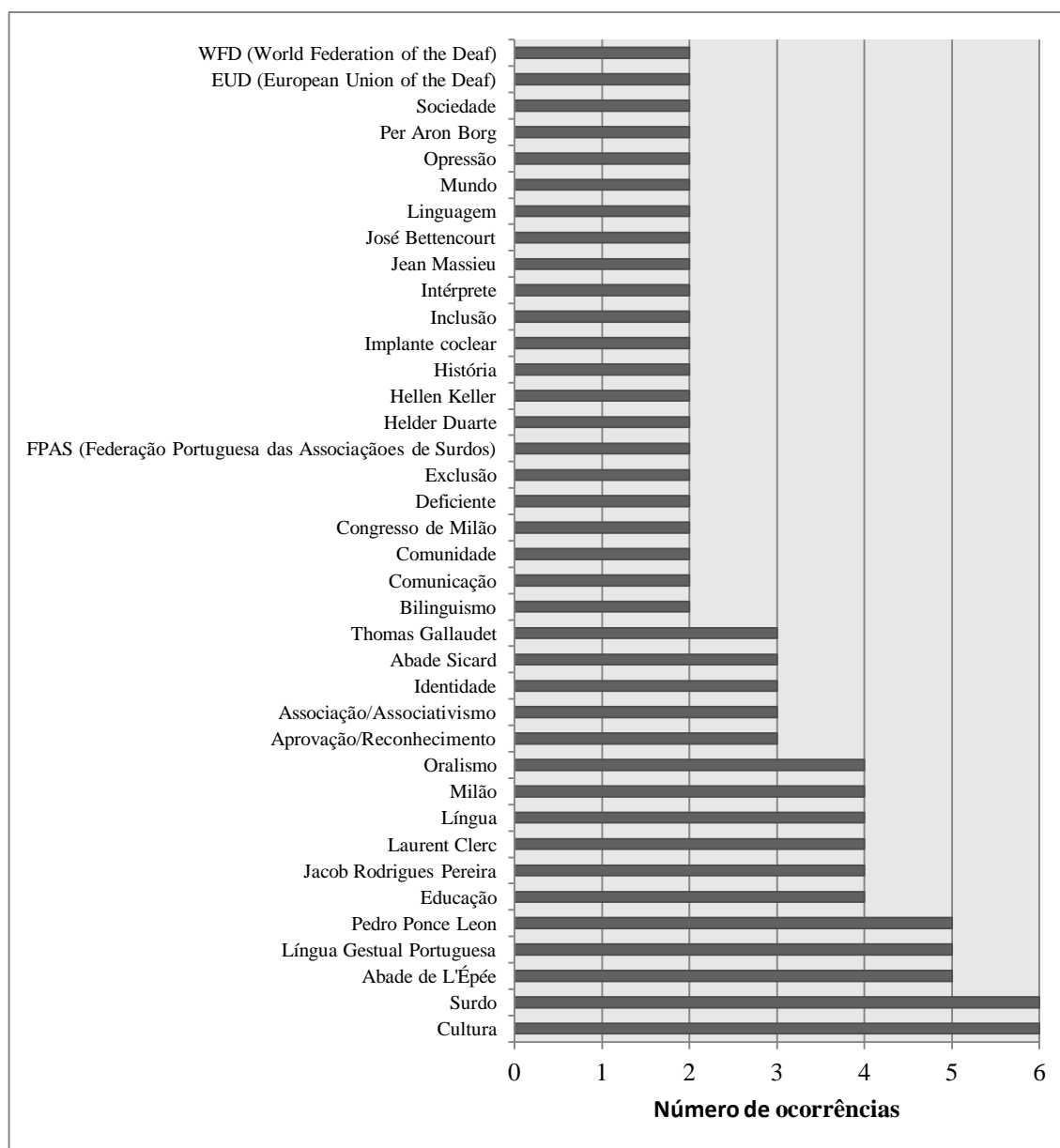
Os resultados obtidos serão apresentados sob a forma de gráfico sendo que no eixo vertical estão as palavras que apresentaram uma frequência de resposta superior a um. Por sua vez, o eixo horizontal representa o número de vezes que a palavra foi respondida e consequentemente repetida. Optou-se por não incluir nos gráficos as palavras que apenas foram referidas uma vez por não se afigurarem como um número representativo, mesmo tendo em conta as limitações estatísticas assumidas.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Nestes resultados, sempre que o inquirido tenha usado siglas ou acrónimos, desdobramo-los para uma leitura mais facilitada.

Assim, os resultados finais do primeiro grupo, história dos surdos,<sup>37</sup> foram os seguintes:

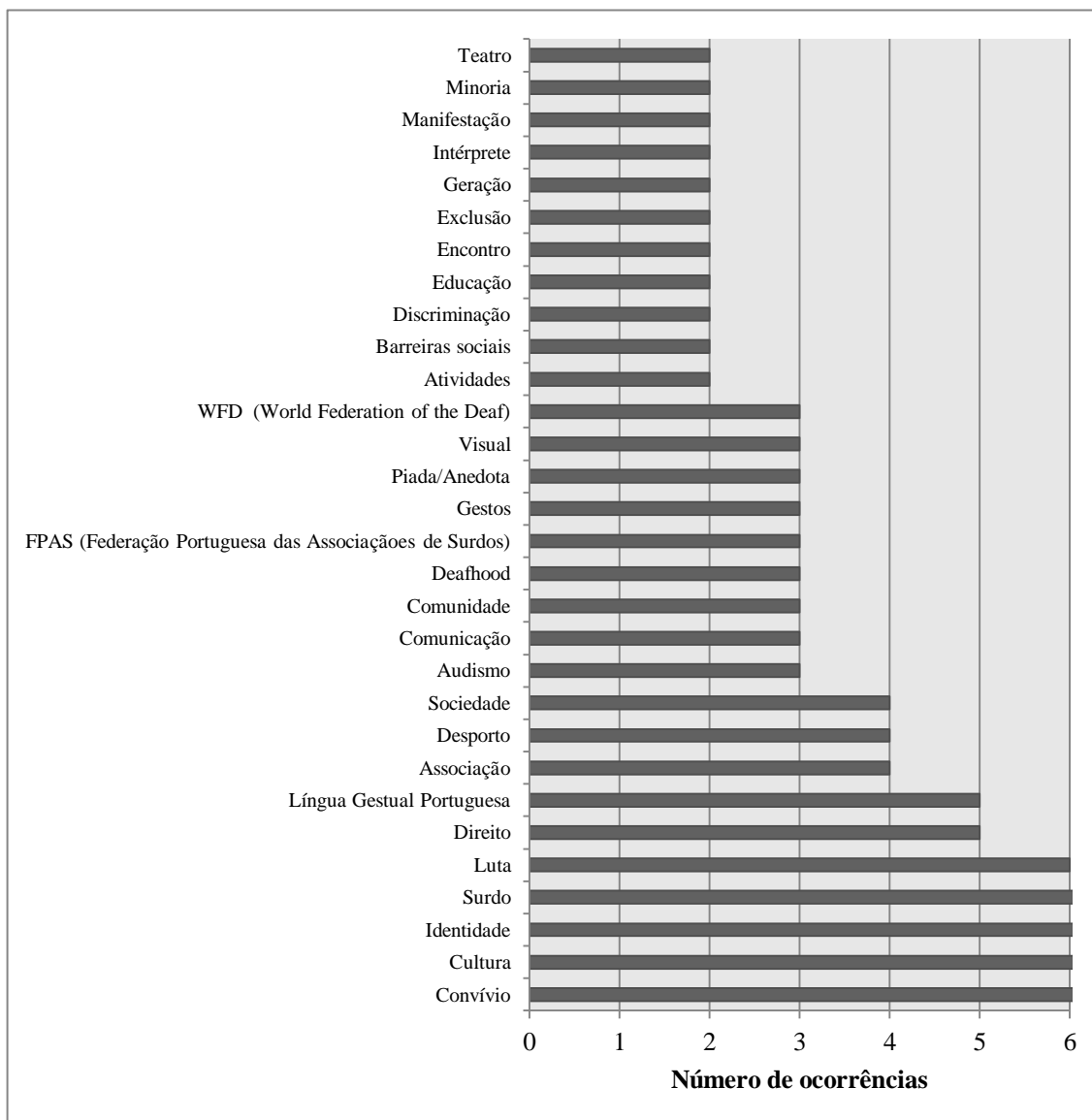
Gráfico 1: História dos surdos



<sup>37</sup> As palavras seguintes foram referidas apenas uma vez: acessibilidade, Alexandre Bell, Alice Cogswell, APS (Associação Portuguesa de Surdos), Aristóteles, atividades, audismo, colonialismo, comunidade surda, conhecimento, datilologia, *deafhood*, declaração de Salamanca, desporto, diferença, difusão, discriminação, Eduard Gallaudet, Emanuelle Laborit, Estados Unidos da América, Europa, formação, forte, geração, gestualismo, Grécia, incompetência, informação, integração, irmãos, João Alberto, juventude, líder, líderes portugueses, luta, macaco, marginalismo, medicina, médicos, nacional, natural, ouvinte, Pablo Bonet, povo, publicações, respeito, sénior, sensibilidade, silêncio, solidariedade, Suécia, surdez, tecnologia, Thomas Alva Edison, transmissão, TV (televisão), união, universidade, universidade de Gallaudet, visual.

No segundo grupo, comunidade surda,<sup>38</sup> os resultados foram os seguintes:

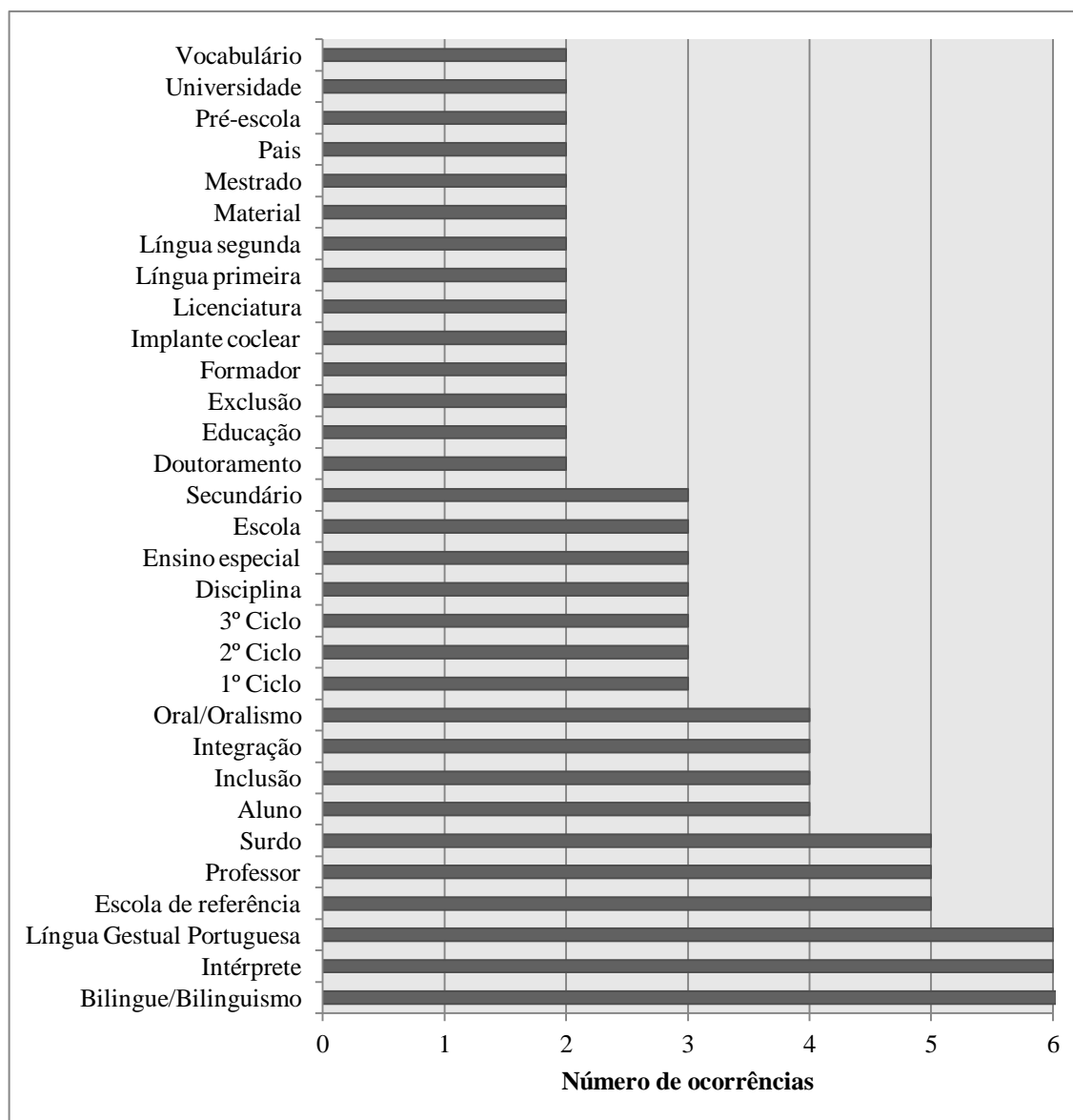
Gráfico 2: Comunidade surda



<sup>38</sup> As palavras que foram ditas apenas uma vez foram as seguintes: 1880, ambicioso, APS (Associação Portuguesa de Surdos), características, civil, códigos, crítica, debate, deficiência, diferença, enfermidade, estigmatismo, EUD (*European Union of the Deaf*), família, gestismo, igualdade, implante coclear, informação, insensibilidade, integração, intolerância, isolados, lealdade, liderança, língua, língua nativa, língua própria, linguagem, linguística, luzes, Milão, movimento associativo, oralismo, organização, ouvinte, português gestual, preguiça, protestante, revolucionário, sensível, surdez, surdo parcial, surdo profundo, surdo severo, tradição, valores, vibrações.

Em relação ao terceiro grupo com o tema educação,<sup>39</sup> os resultados foram os seguintes:

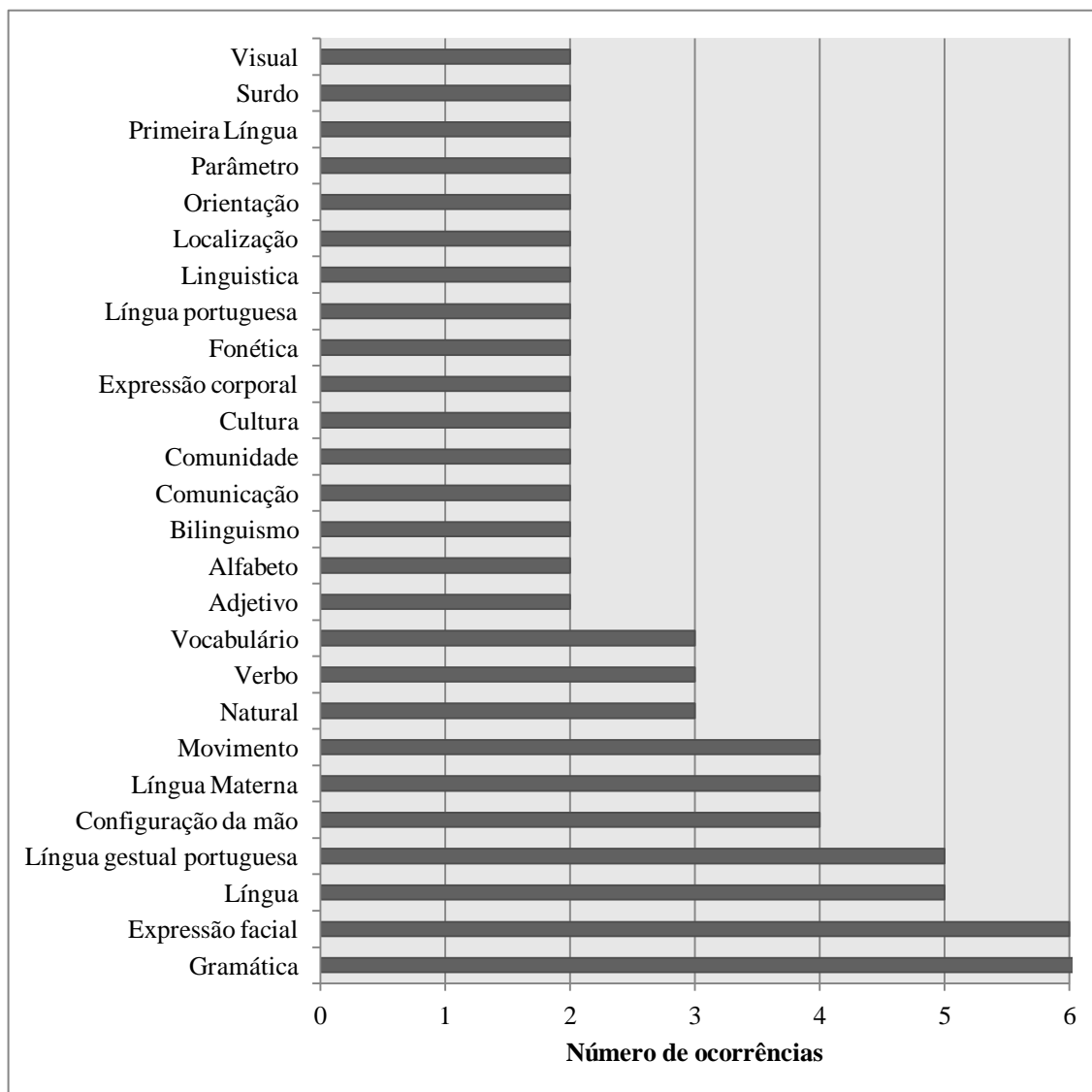
Gráfico 3: Educação



<sup>39</sup> As palavras que não apresentaram repetição nas respostas foram as seguintes: acesso, Amândio Coutinho, amigo, aprender, áreas, associação, aula, barreiras, casa pia, colonialismo, comportamento, comunicação, conceito, confiança, conhecimento, creche, cultura, desafio, desenvolver, dicionário, didática, diferença, direito à língua, direito humano, diretor, DREN (Direção Regional de Educação do Norte), educador, emprego, EREBAS (Escola de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos), evolução, faculdade, família, formando, futuro, Gallaudet, gesto, gestualismo, grupo, história, identidade, iliteracia, infantário, informação, inserção, investigação, jardim-escola, Abade de L'épée, língua, língua portuguesa, linguagem, livro, luta, Maria Augusta Amaral, Milão, ministério, oportunidade, Paranhos, programa curricular, Quinta de Marrocos, Salamanca, segurança, sociedade, técnico, terapeuta da fala.

No quarto grupo referente ao tema língua e linguística,<sup>40</sup> as respostas obtidas foram as seguintes:

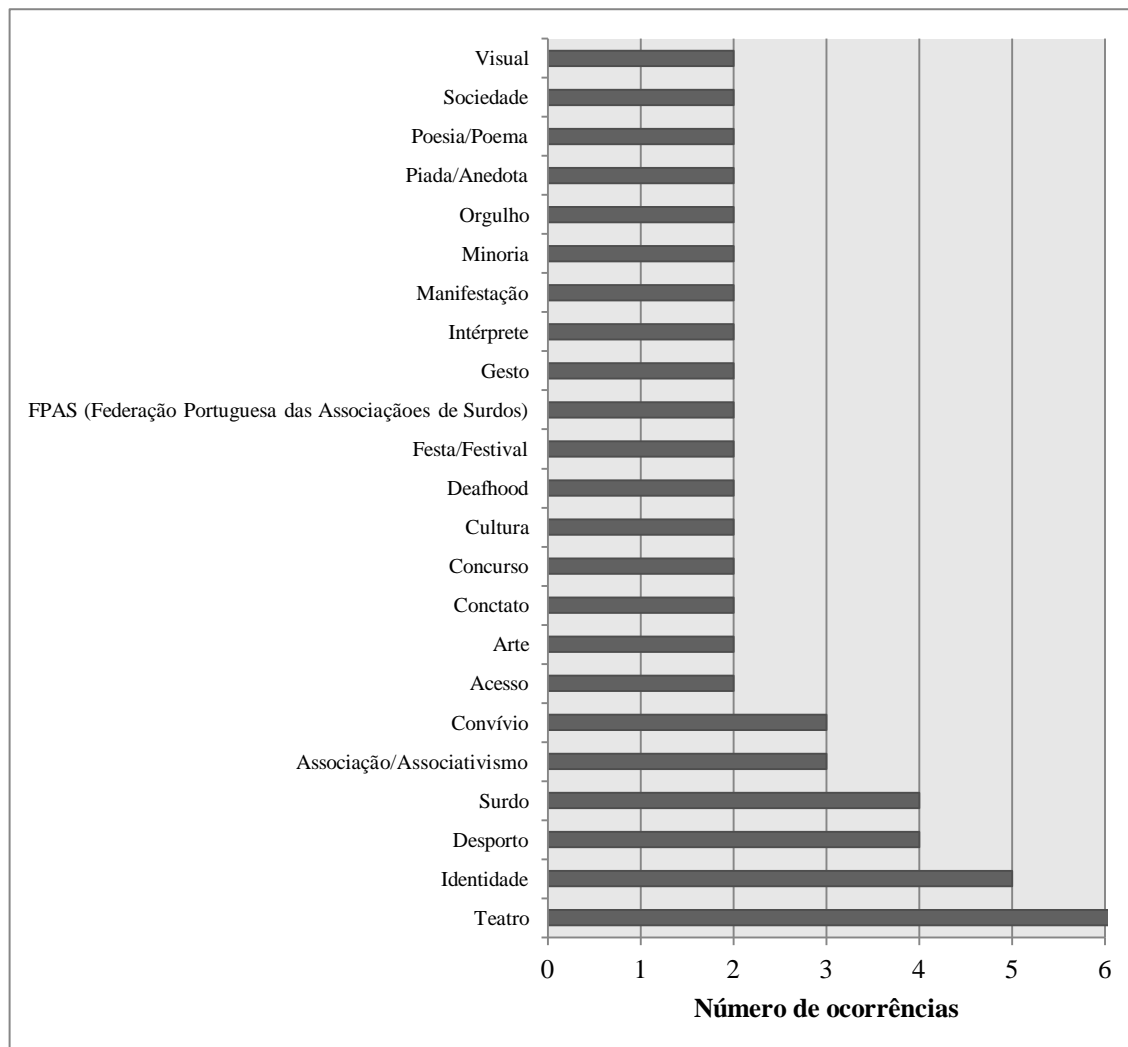
Gráfico 4: Língua e linguística



<sup>40</sup> As palavras seguintes foram respondidas apenas uma vez: 1960, aprender, aquisição da língua, arte, barreira, classificador, conceito, consciência, desenvolvimento, dicionário, direção, dramático, educação, emprego, escolarização, estrangeiro, estrutura, estrutura frásica, etimologia, fonologia, frase, gesto arbitrário, gesto icónico, gesto referencial, gestos universais, gestuno, imagem visual, informação, intérprete, intolerância, investigação, língua estrangeira, língua minoritária, língua morta (linguicídio) – mantemos os parênteses pois foi assim que o inquirido respondeu - , língua oficial, língua própria, linguagem, literacia, luta, Maria Augusta Amaral, metáfora, Milão, mímica, minoria, morfema, morfologia, multilinguismo, opressão, oralismo, poema, pragmática, prática, produção, pronome pessoal, pronome possessivo, queremas, regra, segunda língua, sentido de humor, Signwriting, sintaxe, teoria, terminologia, texto, unidades mínimas, William Stokoe.

O quinto grupo com o tema cultura <sup>41</sup> apresentou as seguintes respostas:

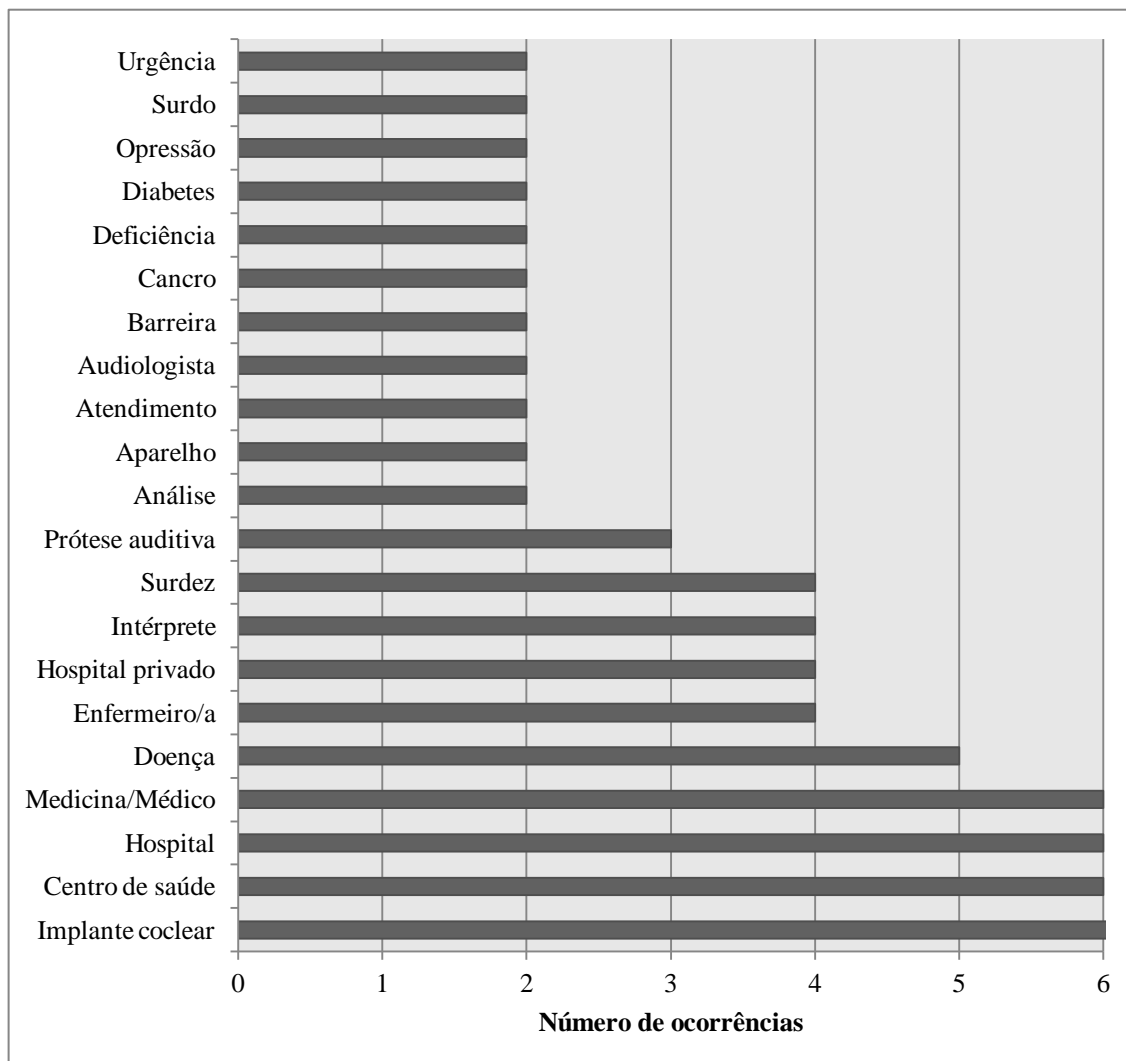
Gráfico 5: Cultura



<sup>41</sup> As palavras seguintes dizem respeito àquelas que não apresentaram repetição nas respostas: animais, atividade, ativismo, bar, barreira, beleza, casa/habitação, chamar a atenção, cidade, cinema, comunicação, comunidade, congresso, curso, *deaflore*, dobragem, encontro, exposição, expressão, fórum, gastronomia, geração, influência, insegurança, integração, interiorizar, legenda, língua, língua gestual portuguesa, luta, mar, mímica, Miss, museu, música, natureza, país, palestra, popular, praia, racismo, religião, representações, restaurante, rio, riqueza, segurança, seminário, sexo, *signlore*, *stop eugenics*, subcultura, surdez, tecnologia, telefone, tradição, vídeo-guia, WFD (*World Federation of the Deaf*), workshop.

No sexto grupo, saúde, <sup>42</sup> os resultados foram os seguintes:

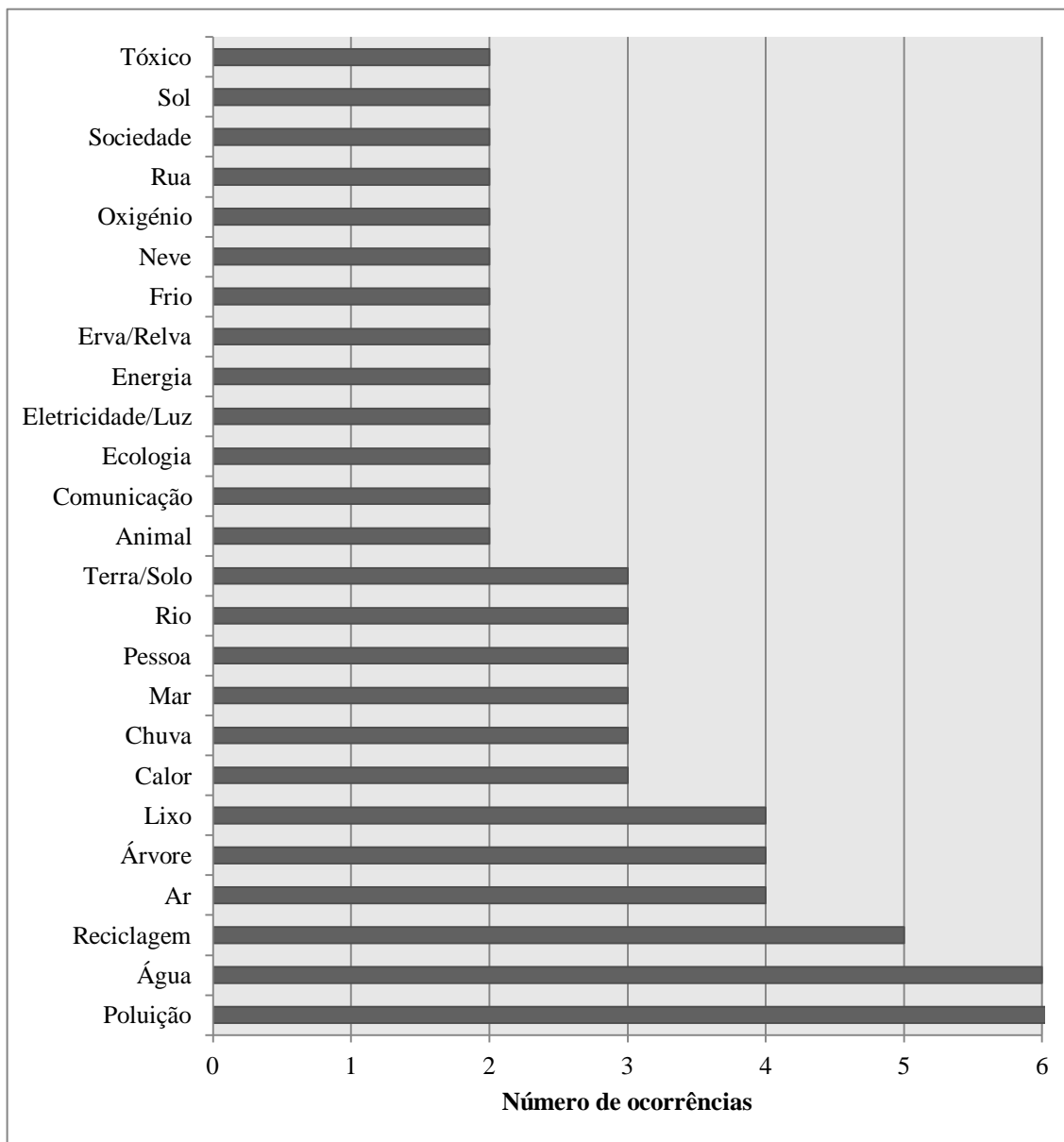
Gráfico 6:Saúde



<sup>42</sup> As palavras seguintes não apresentaram repetição aquando das respostas: acupuntura, alergia, alimentação, ambulância, anomalia, atestado, atividade física, audiograma, auxiliar de saúde, bem-estar, bombeiro, cirurgia, colesterol, consulta, *deafhood*, *deafness*, diagnóstico, diferença, ecografia, epilepsia, exame, família, farmácia, fisioterapia, grávida, gripe A, hipertensão, HUC (Hospitais da Universidade de Coimbra), incapacidade, INEM (Instituto Nacional de Emergência Médica), infeção, injeção, internado, IPO (Instituto Português de Oncologia), Jean Itard, lar de idosos, medicamento, negócio, normalização, nutrição, psiquiatria, raio X, Santa Maria, São José, saúde mental, saúde pública, seringa, SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), socorro, *stop eugenics*, TAC (Tomografia Axial Computorizada), teste, tratamento, operação.

As respostas apresentadas ao sétimo grupo, ambiente, <sup>43</sup> foram as seguintes:

Gráfico 7: Ambiente

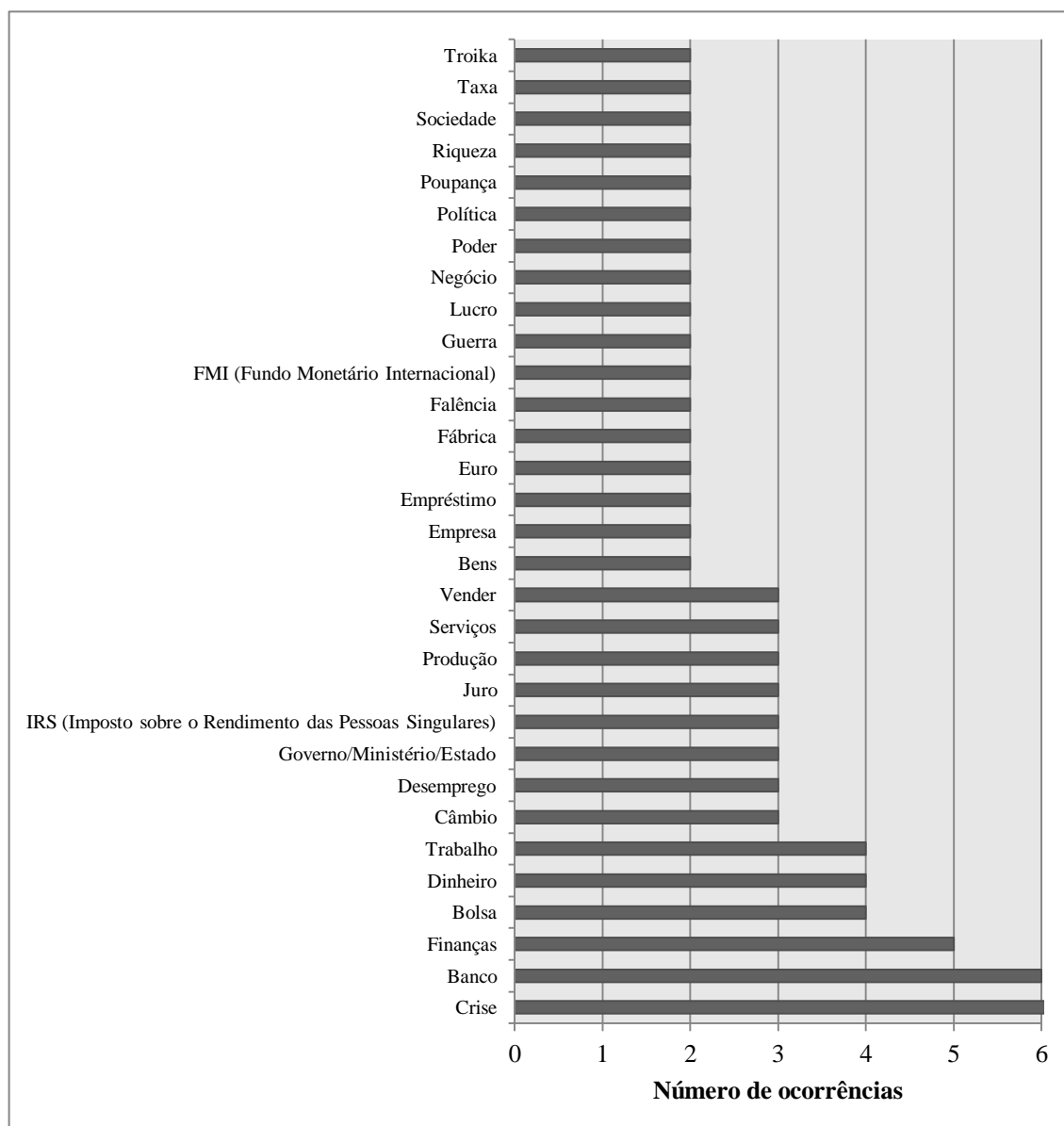


<sup>43</sup> As seguintes palavras foram respondidas uma só vez: alegria, ambiente, andar a pé, avião, barco, barragem, barreira, bactérias, campo, carro, chuvada, conservação, cuidar, dióxido de carbono, eclipse, erosão, esgoto, floresta, genocídio, governo, história, informação, intérprete, lei, limpar, literatura, montanha, natureza, nevoeiro, nuclear, nuvem, ozono, parque biológico, pedra, petróleo, poesia, polícia, poupar, praia, prédio, preservação, proteger, pureza, qualidade, ruído, sala, salvar, saneamento, taberna, tecnologia, temperatura, tempo, terramoto, transporte, tratar, tristeza, trovoadas, vento, verde, WC (*Water Closet*).



No que toca ao oitavo grupo, economia, <sup>44</sup> as respostas obtidas foram as seguintes:

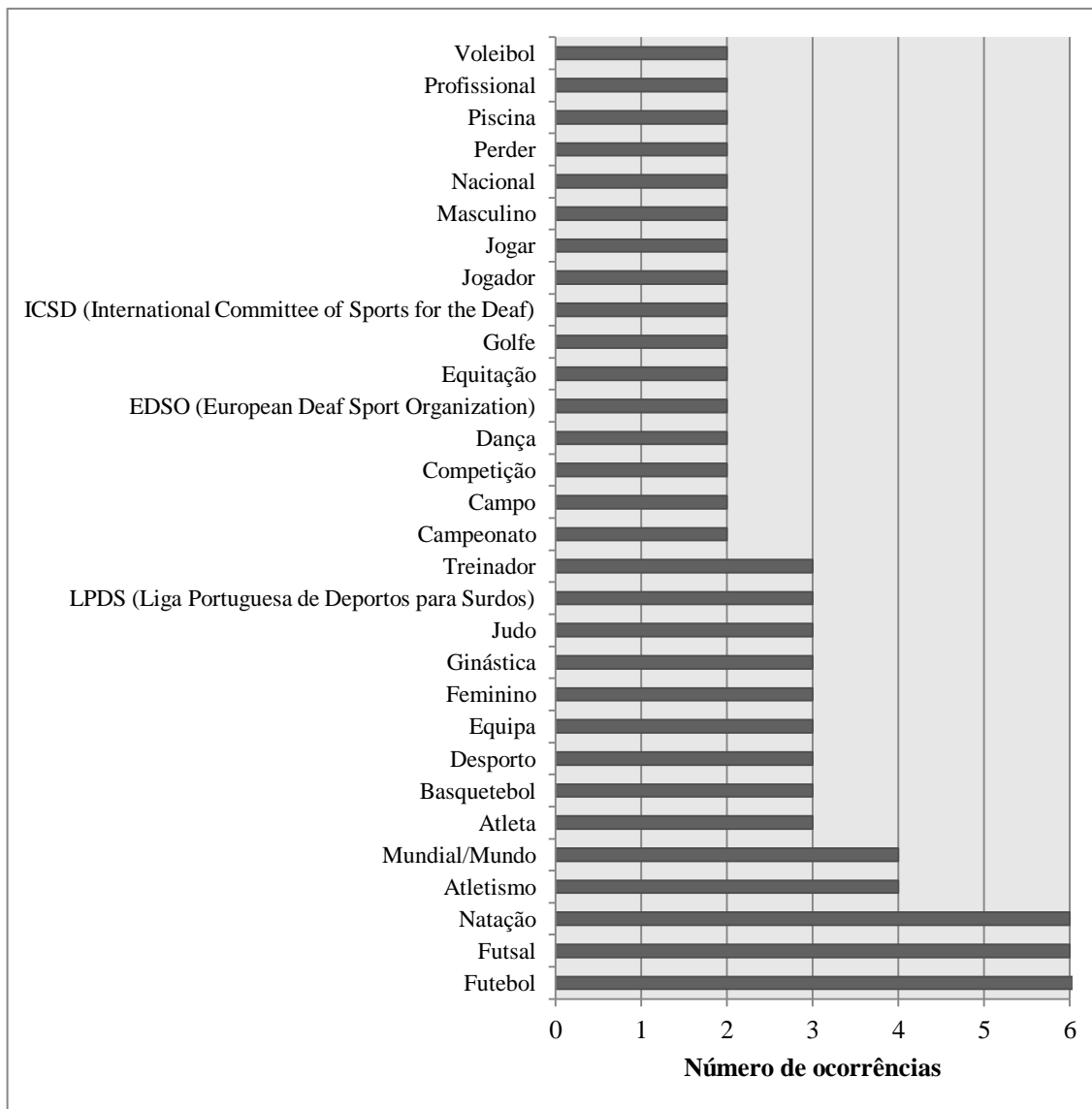
Gráfico 8: Economia



<sup>44</sup> As palavras seguintes não apresentarem repetição nas respostas: ações, agricultura, aumentar, BCE (Banco Central Europeu), capitalismo, cartão, cheque, comércio, competição, compra, conflito, consumo, conta, contabilidade, contas, crédito, descer, desconto, desenvolvimento, despesa, distribuir, dólar, dono, egoísmo, estrangeiro, exportação, férias, ganância, gasolina, gastar, gestão, Grécia, importação, impostos, indústria, inflação, intérprete, IRC (Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas), isento, IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado), lei, mercado, natal, notas, orçamento, ordenado, organização, patrão, petróleo, PIB (Produto Interno Bruto), pobreza, poupar, preconceito, produto, promoção, publicidade, roubar, saldo, segurança social, socialismo, tecnologia, TSU (Taxa Social Única), valores.

O nono grupo referente ao tema desporto <sup>45</sup> apresentou as seguintes respostas:

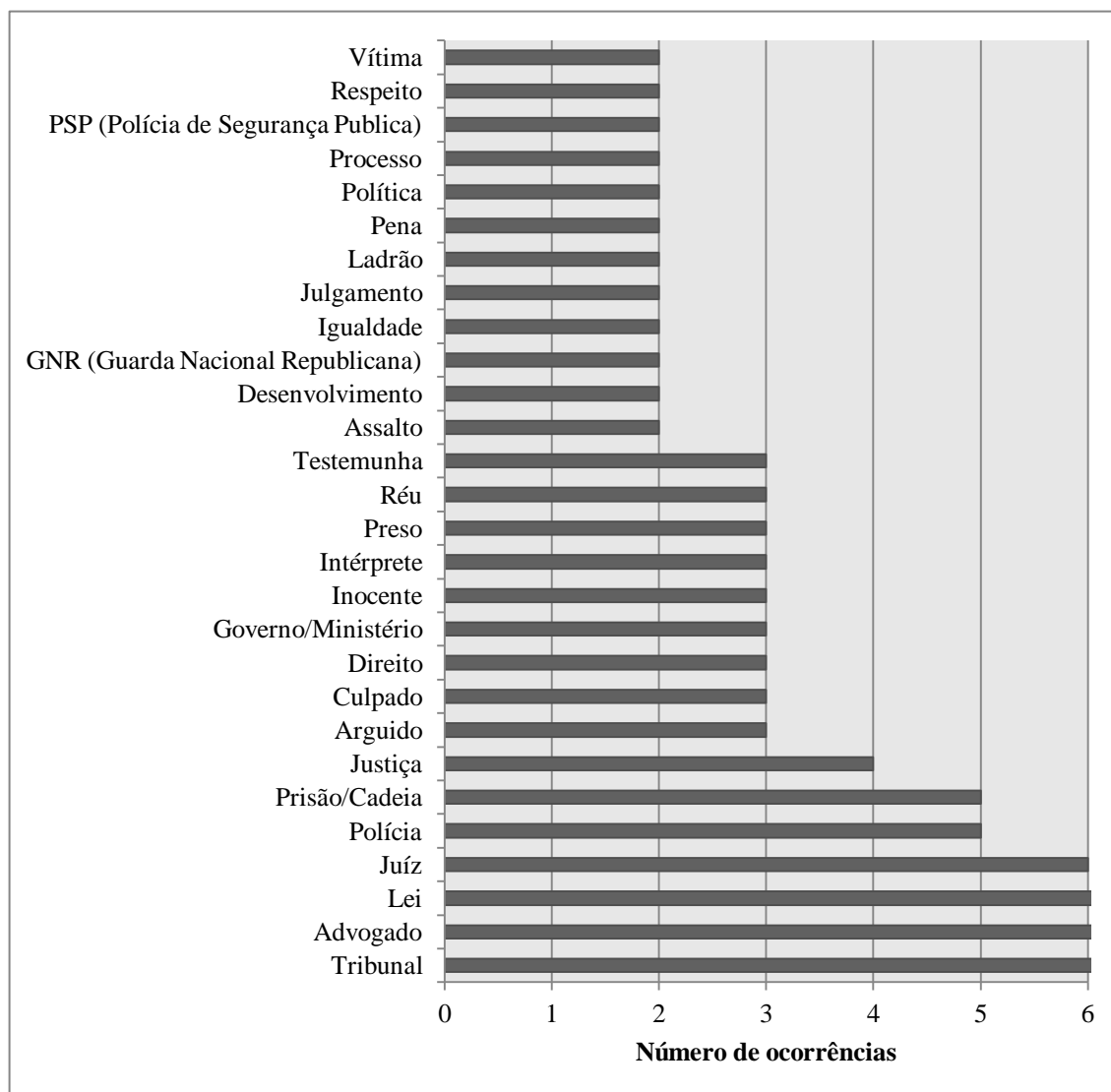
Gráfico 9: Desporto



<sup>45</sup> As palavras apresentadas em seguida não apresentaram repetição nas respostas: acesso, amador, andebol, APS (Associação Portuguesa de Surdos), aquafutebol, árbitro, associativismo, atividade, avançado, ballet, barreira, Benfica, *bowling*, boxe, capacidade, ciclismo, classificar, coletivo, direito, Europa, exercício, experiência, físico, fisioterapia, folclore, fórmula 1, FPDD (Federação Portuguesa de Desporto para pessoas com Deficiência), futebol de 7, ganhar, ginástica acrobática, hóquei, hóquei no gelo, Hugo Lousada, Hugo Passos, humano, inclusão, individual, infantil, informação, intérprete, ICSC (*International Committee of Silent Chess*), jazz, Joana, jogo, jornal, júnior, karaté, lazer, luta amadora, luta romana, minigolfe, modalidades, natação sincronizada, países, paralímpico, patinagem, patinagem artística, pavilhão, pontos, regional, regulamento, salto em comprimento, sénior, spa, step, surdo, surdolímpico, surf, taça, tango, técnicos, ténis, torneio, treino, triplo salto, TV (televisão), velocidade, windsurf, xadrez.

No décimo grupo, justiça,<sup>46</sup> os resultados obtidos foram os seguintes:

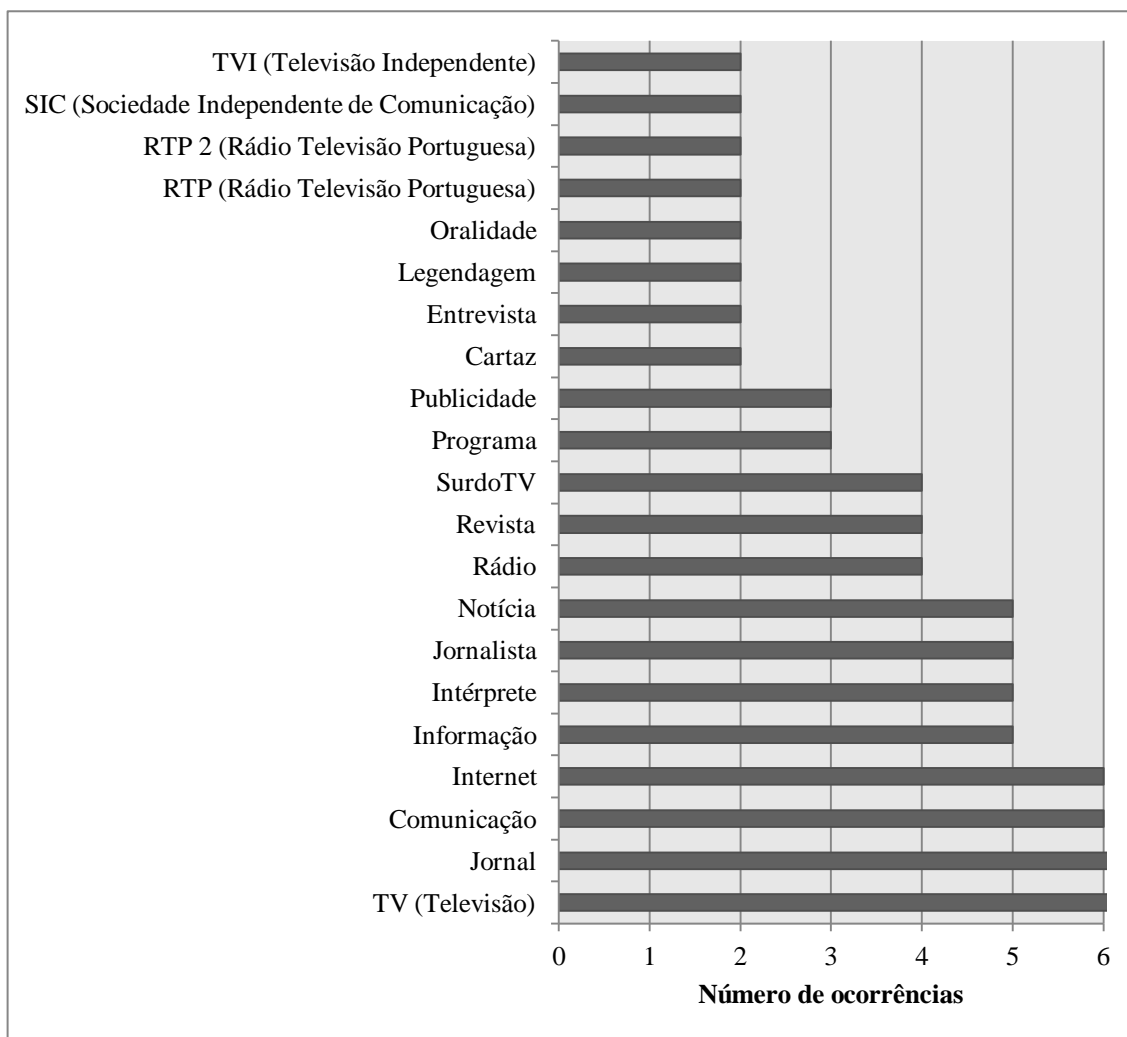
Gráfico 10: Justiça



<sup>46</sup> As palavras seguintes só foram respondidas uma vez: acesso, acordo, acusado, apoio, assassino, audismo, banco, burocracia, cartório/notário, cidadão, código, começar, compromisso de honra, convenção das nações unidas, crime, defesa, documento, estatuto, FPAS (Federação Portuguesa das Associações de Surdos), humano, informação, injustiça, investigar, judicial, júri, língua gestual portuguesa, livre, mandar, matar, morrer, multa, notificado, ONU (Organização das Nações Unidas), país, pedir, pedófilo, perigo, pistola, PJ (Polícia Judiciária), procurar, protocolo, prova, queixa/reclamação, rapto, razão, regra, regulamento, segurança, sentença, sociedade, supremo, verdade, violação, violência, WFD (*World Federation of the Deaf*).

O décimo primeiro grupo relativo ao tema comunicação social <sup>47</sup> obteve as seguintes respostas:

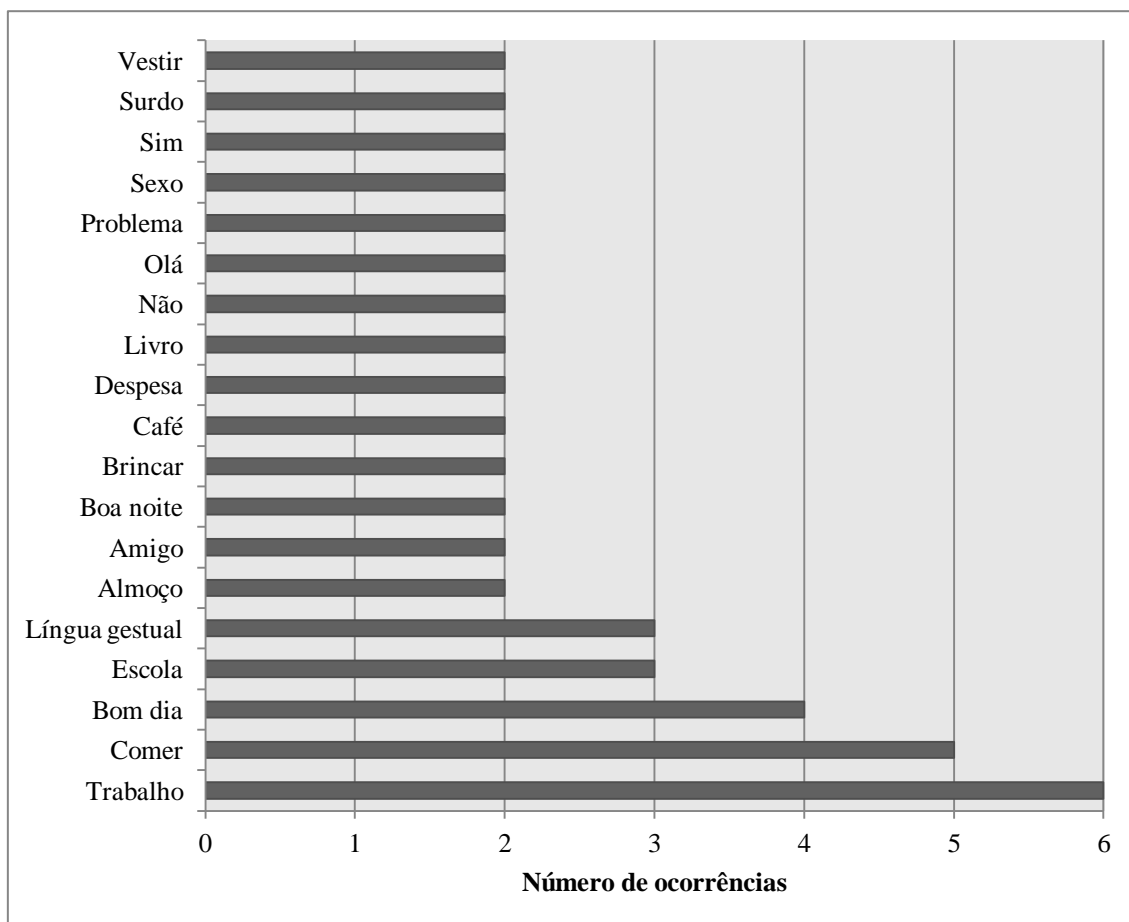
Gráfico 11: Comunicação social



<sup>47</sup> As palavras que se seguem não apresentaram repetição nas respostas: 3G (Geração), apresentador, arTV (Canal Parlamento), associação, barreira, boletim informativo da FPAS (Federação Portuguesa das Associações de Surdos), cabo, *call center*, cinema, computador, desavergonhados, dificuldade, difusão, direto, dobragem, documentário, educação, escola, escrita, etnocídio, falsidade, falta, futebol, H3 (*deaf channel*), imagem, importante, imprensa, influência, janela, lei, ler, língua gestual portuguesa, marketing, media, MEO, noticiário, ooVoo, painel, pessoal, preconceito, protagonismo, redação, repórter, *skype*, socialização, sportv, telefone, telemóvel, vítima, Vodafone, ZON.

O décimo segundo grupo com o tema vocabulário do uso diário <sup>48</sup> apresentou as seguintes respostas:

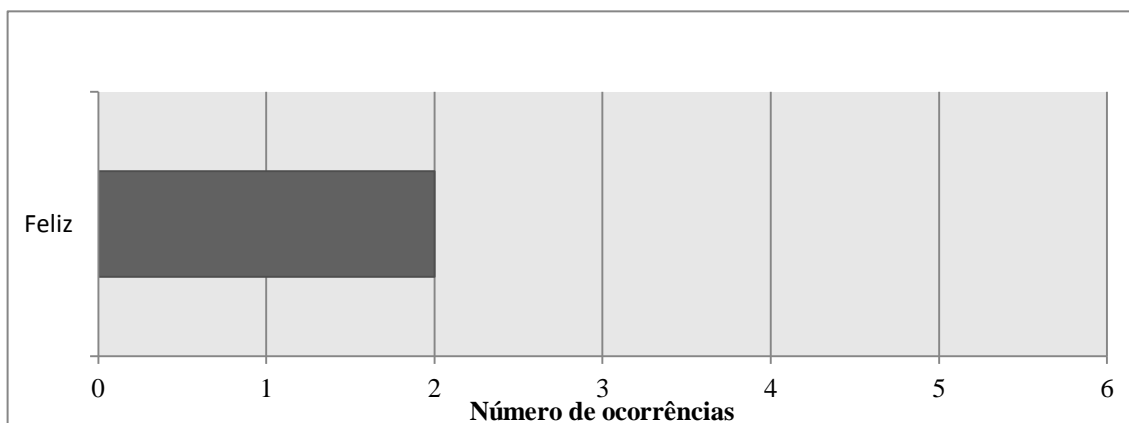
Gráfico 12: Vocabulário do uso diário



<sup>48</sup> A seguir apresentam-se as palavras que foram respondidas uma só vez: achar, adeus, amor, aprender, APS (Associação Portuguesa de Surdos), arrumar, atenção, autonomia, avisar, beber, beijar, beleza, boa disposição, boa tarde, calçar, campainha, carinho, casa, chatice, Coimbra, colega, combinar, comboio, computador, comunicar, comunidade, cozinhar, crime, cultura, descansar, despir, desporto, dicionário, difícil, doença, drogado, *e-mail*, empregada, ensinar, enviar, escola de referência, estudar, exame, expressão, *facebook*, fácil, falar, farto, feio, filme, fome, fotografia, FPAS (Federação Portuguesa das Associações de Surdos), fumar, *Google*, horas, identidade, informação, integração, internet, intérprete, jantar, limpar, língua primeira, material, meios de transporte, mimo, MSN (*Microsoft Service Network*), necessidade, notas, novidade, obrigada, pintura, político, por favor, porque, prática, preocupação, professor, profissão, ralhar, regra, relação, respeito, responsável, reunião, sem apoio, sentar, SVI (Serviço de Vídeo Interpretação), talvez, televisão, tempo livre, teste, texto, tomar banho, tudo bem, TV (televisão), ver, verbo, verdade, vestuário.

Por último, no grupo de resposta livre correspondente ao tema outro vocabulário que considere relevante,<sup>49</sup> as respostas foram muito distintas, havendo apenas repetição de um vocábulo como demonstra o gráfico seguinte:

**Gráfico 13: Outro vocabulário relevante**



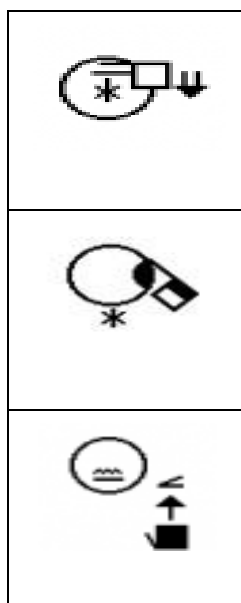
<sup>49</sup> As palavras seguidamente listadas não apresentaram repetição nas respostas: aceitar, amarelo, amor, apaixonado, APS (Associação Portuguesa de Surdos), beijo, Benfica, cinema, comprar, conceito, conde, contra, crítica, deficiente auditivo, desporto, diariamente, elogio, escola, êxito, festa, *Fidji*, FPAS (Federação Portuguesa das Associações de Surdos), futebol, Guiné-Bissau, ignorar, ilha, importante, integração, internet, intérprete, língua gestual portuguesa, louco, *Louis Vuitton*, maluco, nobre, nome gestual, ódio, olá, palácio, porto, princesa, príncipe, rainha, raiva, rei, repúdio, roupa, sexo, SMS (*Short Message Service*), Sporting, suicídio, surdo, surdo-mudo, *Seychelles*, telemóvel, tribunal, triste, TV (televisão), vaidoso, viajar.

## 2.5 - SignWriting – resultados dos questionários

Após análise dos questionários e de perceber quais os conceitos que revelaram maior frequência nas respostas, decidiu-se propor a forma escrita de gestos que, por temas, tivessem uma ocorrência igual ou superior a 5<sup>50</sup>. A representação escrita das respostas que se repetem em áreas vocabulares distintas será apresentada uma única vez, inserida na temática onde surge primeiramente. Assim sendo, passaremos em seguida a mostrar a nossa proposta de escrita em SW dos respetivos gestos em LGP.<sup>51</sup>





### 2.5.1 - SignWriting e Língua Gestual Portuguesa: proposta de escrita

#### História dos surdos



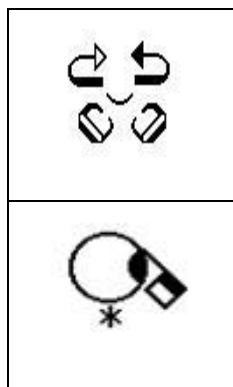
<sup>50</sup> Os gestos seleccionados não estão inseridos num contexto pelo que se faz uma opção de tradução descontextualizada. Contudo, há que referir que alguns destes gestos apresentam formas de realização distinta consoante o contexto.





<sup>51</sup> Em anexo a este trabalho encontra-se um DVD onde são apresentados, em formato vídeo, os gestos respetivos à escrita (Anexo 38).

	<p>Cultura</p>
	<p>Abade de L'Épée</p>
	<p>Língua gestual portuguesa</p>
	<p>Pedro Ponce Leon</p>

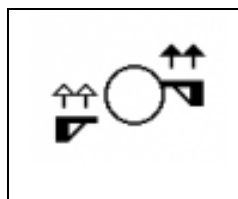






### Comunidade surda



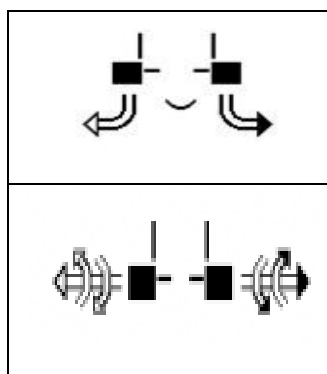
	Convívio
	Identidade
	Luta
	Direito



### Educação



	Bilinguismo
	Intérprete
 	Escola de referência
	Professor

### Língua e Linguística



	Gramática
	Expressão facial


### Cultura


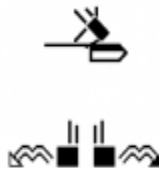
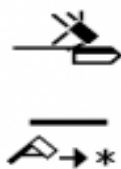



	Teatro
---	--------

### Saúde





	Implante coclear
---	------------------

	<p>Centro de saúde</p>
	<p>Hospital</p>
	<p>Medicina</p>
	<p>Doença</p>

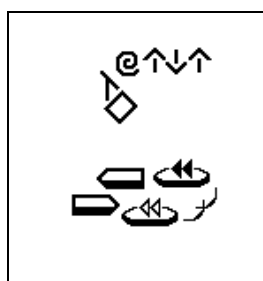
### Ambiente

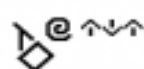

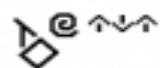



	<p>Poluição</p>
---	-----------------

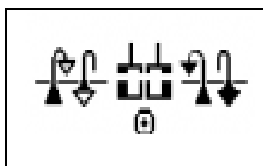
	Água
	Reciclagem




### Economia



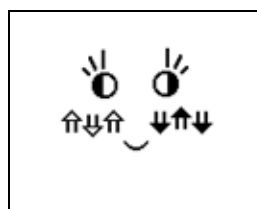
	Crise
	Banco
	Finanças
	Finanças


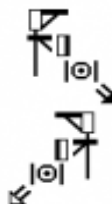
### Desporto







	Futebol
	Futsal
	Natação



### Justiça





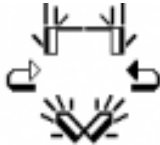

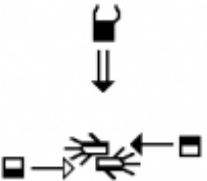
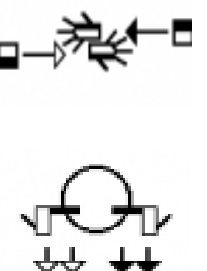
	Tribunal
	Advogado

	Lei
	Juiz
	Polícia
	Prisão




### Comunicação social


	TV
	Jornal

	Internet
	Informação
	Jornalista
	Notícia




### Vocabulário do uso diário








	Trabalho
	Comer

### Outro vocabulário relevante

	Feliz
---	-------

Definitivamente, parece-nos que a proposta de escrita do vocabulário selecionado e apresentado poderá representar um bom começo para a iniciação ao SW e que, no programa da LGP em vigor, se coaduna com os anos letivos em questão, como veremos de seguida.

Todavia, e visto o atrás exposto não abarcar todo o conteúdo linguístico da língua, consideramos que é fundamental existir um plano de formação que possa vir a ser posto em prática com o docentes responsáveis pelo ensino da língua e do respetivo sistema de escrita, pelo que sugerimos uma proposta no capítulo seguinte.

## 2.6 - Programa curricular da Língua Gestual Portuguesa

O Programa Curricular da Língua Gestual Portuguesa está dividido em dois documentos, a saber: o programa curricular da língua gestual portuguesa referente à educação pré-escolar e ao ensino básico, elaborado no ano de 2007 (PCLGP, 2007), e o programa curricular da língua gestual portuguesa destinado ao ensino secundário, produzido no ano de 2008 (PCLGP, 2008). Estes dois documentos foram redigidos com o intuito de pôr em prática os princípios legais que regulamentam a utilização da língua gestual enquanto instrumento de acesso à educação e igualdade de oportunidades (Direção - Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2012). Este programa apresenta uma série de orientações pedagógicas para o ensino da língua gestual a crianças surdas independentemente do grau de surdez ou da idade de aquisição da língua, e que vão desde o ensino pré-escolar até ao secundário, passando por todo o ensino básico. Desta forma, o programa da LGP pretende uniformizar o ensino da língua a todos os discentes surdos, propondo objetivos e competências a atingir em diferentes níveis de ensino.

Tendo por base outros programas de línguas gestuais existentes fora de Portugal, a organização do programa curricular da disciplina de LGP como primeira língua é feita segundo quatro áreas nucleares, sendo elas a *interação em LGP*, a *literacia em LGP*, o *estudo da língua* e a *LGP, comunidade e cultura* (PCLGP, 2007). A *interação em LGP* consiste em o aluno ser capaz de “expressar fluentemente pensamentos e sentimentos, segundo as regras de uma comunicação visual e ajustando a produção ao contexto e interlocutor” (PCLGP, 2007, p. 26) e, por oposição, ser capaz de compreender enunciados em LGP sejam eles formais ou informais. A *literacia em LGP* assenta em “compreender, produzir e analisar diferentes tipos de discurso” (PCLGP, 2007, p. 27) na língua o que implica assimilar e interpretar significados. Para além disso, a literacia também se regista na capacidade de ser criativo e crítico, assim como no prazer de utilizar a língua como entretenimento ou arte. O *estudo da*

*língua* baseia-se no conhecimento e análise de aspetos gramaticais da língua, bem como em “estudar a origem dos gestos e da sua evolução” (PCLGP, 2007, p. 27). Por último, a área *LGP, comunidade e cultura* tem como objetivo “conhecer diversos aspectos culturais e históricos que definem a Comunidade Surda” (PCLGP, 2007, p. 28) e assim desenvolver uma identidade de indivíduo surdo e um autoconceito positivo.

Assim sendo, tal como já referimos, o programa curricular da LGP descreve as competências que deverão ser atingidas pelos alunos surdos nos diferentes níveis de ensino consoante as 4 áreas nucleares anteriormente descritas. Para além disso, prevê a introdução e desenvolvimento de temas específicos como a aprendizagem de sistemas de transcrição das línguas gestuais, sendo um deles precisamente o SignWriting. Assim, segundo o programa curricular referente à educação pré-escolar e ensino básico, o contacto com o SW deve ser iniciado no nono ano de escolaridade, nomeadamente na área nuclear *literacia em LGP* e mais concretamente na parte da utilização de recursos com o objetivo de “perceber a utilidade de alguns sistemas de transcrição de línguas gestuais, como a glosa e o signwriting” (PCLGP, 2007, p. 151).

Após apresentação ao sistema de escrita, o estudo do SW deve ser continuado por mais dois anos, sendo esta a ideia contemplada no programa curricular do ensino secundário. No décimo ano de escolaridade, o SignWriting surge como uma competência inserida na área nuclear *estudo da língua* e na parte respeitante aos sistemas de transcrição onde se pode verificar que uma das atividades, entre outras, é “iniciar o estudo do Signwriting”. (PCLGP, 2008, p. 55). A última referência ao SW encontrada no programa surge no décimo primeiro ano de escolaridade e é, novamente, relativa às competências sobre o *estudo da língua*, nomeadamente, nos sistemas de transcrição, sendo que, neste ano, o objetivo passa por “sistematizar as regras do Signwriting” (PCLGP, 2008, p. 67).

Cabe aqui tecer alguns comentários ao exposto anteriormente sobre o programa curricular de LGP e que, na nossa perspetiva, não se encontra formulado e organizado da maneira mais correta.

Primeiramente, consideramos que dada a complexidade do sistema e utilidade prática que o mesmo pode assumir no que concerne à aprendizagem da LGP e, consequentemente da LP, as referências que existem no programa curricular são escassas e pouco sistematizadas não dando azo a grande desenvolvimento. Para além disso, o contacto e processo de

aprendizagem do sistema SignWriting deveria ser iniciado mais cedo do que é sugerido no PCLGP, ou seja, antes do nono ano de escolaridade. Prova desse fato são os desenhos e representações dos gestos que os alunos surdos, do 1º Ciclo de escolaridade, fazem junto às palavras escritas em língua portuguesa aquando da leitura de textos. Trata-se aqui, claramente, de uma tentativa de associar o conceito na língua apresentada que não lhes é natural, com a língua que se lhes afigura como visual e raciocínio (Anexo 37).

Em seguida, e como já referimos no primeiro capítulo, a glosa e o SW são dois sistemas com características totalmente distintas estando a glosa a ser erradamente considerada no PCLGP como um sistema de transcrição da língua gestual. Na realidade, a glosa apenas recorre a uma língua, que adapta, para descrever a realização de outra, neste caso, o português, língua de produção oral, é utilizada a sua vertente escrita como forma de tentativa de registo da língua gestual de modalidade espacial e visual. Se o ato de transcrever diz respeito a escrever a mesma coisa parece-nos que, o processo de passar de uma língua para outra, não se coaduna com tal ação.

Por último, e como verificamos anteriormente, a temática SW e seu ensino encontra-se inserida em distintas áreas nucleares, isto é, na *literacia em LGP* no nono ano e no décimo e décimo primeiro anos constata-se que surge aquando do *estudo da língua*. No nosso entender, tal alteração não faz sentido uma vez que o objeto de estudo, apesar de ser em diferentes níveis de ensino, é o mesmo. Assim sendo, consideramos que se o SignWriting fosse efetivamente uma realidade tanto na teoria como na prática, provavelmente poderiam existir duas áreas inerentes ao mesmo: *a leitura do SignWriting*, que permitiria ler enunciados e produzi-los em LGP, e *a escrita do SignWriting*, que possibilitaria escrever os gestos aprendidos assim como transcrever as produções gestuais visualizadas. Estas áreas revelam-se, noutras línguas, <sup>52</sup> alicerces fundamentais quanto à compreensão da própria língua pois a sua execução mobiliza outros saberes adquiridos, pelo que consideramos fazer todo o sentido que as mesmas sejam também alvo de estudo e de desenvolvimento de competências linguísticas.

---

<sup>52</sup> Sobre isto, ver o Programa de Português do Ensino Básico (PPEB, 2009). As diretrizes para o ensino da língua portuguesa que permitem a progressão na aprendizagem da língua aludem às diferentes modalidades referidas no corpo do texto pois “(...) o conjunto de competências específicas estabelecidas no Currículo Nacional do Ensino Básico para a disciplina de Português, a saber: (...) leitura, escrita (...)” (PPEB, 2009, p. 79).

### **Capítulo 3 – Plano de formação**

### **3.1 - Apresentação**

Neste capítulo apresentaremos uma proposta de formação em SW. Tal ideia surge com a necessidade de colmatar a falha existente no que toca ao ensino-aprendizagem desta temática. Sendo um conteúdo presente no programa curricular da língua gestual portuguesa, consideramos pertinente propor um plano de formação que possa servir de base a futuras sessões de formação em SW.

Com efeito, após estudo em pormenor das características do sistema de escrita SignWriting, pensamos que a formação deve ter uma duração total de 50 horas de maneira a conseguir focar todos os pontos. Optamos por dividir a formação em sessões de 2, 4 e 5 horas, variáveis consoante os conteúdos a abordar, perfazendo um total de 13 sessões e sendo a última destinada à avaliação.

Assim sendo, seguidamente apresentamos as planificações <sup>53</sup> referentes às sessões onde é possível averiguar a distribuição dos conteúdos, os objetivos específicos, as metodologias a aplicar, os recursos materiais necessários e as referências bibliográficas utilizadas.

### **3.2 - Análise dos resultados da aplicação prática**

Com o intuito de verificar os benefícios e efeitos do ensino do SW, procedeu-se à aplicação prática da formação de uma forma condensada com uma duração de 2 horas e tendo como público-alvo alunos finalistas da licenciatura em língua gestual portuguesa – ramo da lecionação, da Escola Superior de Educação de Coimbra, ou seja, futuros docentes de LGP. A formação aconteceu no dia 28 de maio de 2012 e estiveram presentes um total de 23 alunos dos quais 5 eram ouvintes e 16 surdos sendo que 10 deles possuem o curso de formadores de LGP e já se encontram a lecionar numa EREBAS (APÊNDICE 2).

---

<sup>53</sup> As planificações foram elaboradas com base no seguinte documento: Parkhurst, S., Parkhurst, D. (2010). *A Cross-Linguistic Guide to SignWriting: A Phonetic Approach*. Acedido a 15 de junho de 2012, em [http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0617\\_Cross\\_Linguistic\\_Guide\\_SignWriting\\_Parkhurst.pdf](http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0617_Cross_Linguistic_Guide_SignWriting_Parkhurst.pdf)

A formação teve como objetivo apresentar os princípios básicos do SW, começando por realizar uma introdução teórica e enquadramento histórico do surgimento do sistema de escrita. Seguidamente, descreveu-se de forma sucinta as características inerentes ao sistema, focando os aspetos principais como as configurações das mãos, os símbolos de contacto, os movimentos, as expressões faciais: No final da apresentação, houve oportunidade para por em prática os conhecimentos adquiridos, exercitando a escrita e a leitura da língua gestual portuguesa. Destaque-se que estes alunos tinham já alguns conhecimentos de SW adquiridos no 1º ano da licenciatura.

Para além disso, a formação também pretendia elucidar os alunos das vantagens do SW, oferecendo-lhes uma ferramenta passível de ser utilizada pelos próprios futuros docentes de LGP aquando do ensino da mesma.

No final da formação foi solicitado aos alunos que respondessem a um questionário de avaliação da formação onde lhes foi pedido que expressassem o seu parecer sobre alguns aspetos, nomeadamente, a utilidade da formação, o tempo de formação necessário para uma apreensão total do SW e que revelassem a opinião sobre a aplicabilidade deste sistema de escrita no ensino (APÊNDICE 3).

Na análise das respostas <sup>54</sup> verificamos que, à primeira pergunta “considera que a formação foi útil?”, 100% respondeu de forma afirmativa, o que nos faz constatar a proficuidade da formação bem como do conteúdo da mesma.

Na questão seguinte, era perguntado o porquê da resposta anterior, sendo que os resultados obtidos apresentaram diferentes motivos, no entanto, todos eles com pertinência. Assim, verificamos que alguns alunos sentem que a aplicação do SW constituiu um desenvolvimento para a própria língua na medida que “existe novos sistemas que cada vez está evoluir, novos e melhoramentos” <sup>55</sup> e porque “são novos métodos para facilitar a codificação em LGP, para ajudar a escrita”. Outros alunos apontam que o registo escrito é necessário “porque como em todas as línguas era importante que a LGP também tivesse uma maneira de preservar a sua língua e poder registá-la” e outros ainda referem que o SW poderá

---

<sup>54</sup> As respostas que iremos citar foram, algumas delas, escritas por pessoas surdas que não possuem a língua portuguesa como primeira língua o que faz com que as frases apresentem falhas a nível da estrutura sintática e/ou de concordância.

<sup>55</sup> Entenda-se: a evolução da língua possibilita a criação de novos sistemas que contribuem para o melhoramento da própria língua.

padronizar a língua pois “a escrita gestual [serve] para consolidar melhor o gesto”. Por sua vez, as respostas dos alunos formadores de LGP relacionaram-se com a atividade laboral que já desempenham e nas vantagens que poderão daí advir pois “ligado o meu trabalho são importante por causa os meninos pode desenvolvimento da capacidade”.<sup>56</sup>

As questões seguintes diziam respeito à duração da formação, onde se perguntava se consideravam que o número de horas tinha sido suficiente e, no caso de a resposta ser negativa, quantas horas seriam necessárias para uma aprendizagem sólida do SW. As respostas foram um pouco divergentes pois, por um lado houve alunos que consideraram ser suficiente, todavia por outro e em maior quantidade, outros responderam que não. Como forma de justificar a resposta, este segundo grupo de alunos sugeriu um número de horas, a saber “50 horas” e apresentou os seguintes motivos “não sei o número de horas certas, mas seriam precisas muitas devido à prática que é preciso”, “depende de cada aluno, das necessidades que precisa. Mas penso que seria necessário 50 horas”, “seriam necessárias que a formação em Signwriting fossem pelo menos 25 H e se os formandos gostarem da acção de formação em Signwriting poderiam propor 50 horas”, “a codificação [SW] é demasiado complexa, por isso, seriam necessárias 50 ou mais horas”. Assim sendo, os dados obtidos nestas questões, levam-nos a considerar que para se dominar o sistema de escrita SW e ser-se capaz de ensiná-lo a alunos surdos há que passar por um processo de aprendizagem que contemple, pelo menos, 50 horas de contacto, que foi o que propusemos.

A última questão pedia aos alunos que expusessem a sua opinião sobre a aplicação do SW no ensino. As respostas apresentaram justificações diferentes, no entanto, constatamos que as mesmas foram ao encontro das vantagens e benefícios que o SW pode proporcionar, aspetos esses que já referimos neste trabalho. Desta forma, alguns alunos disseram-nos que o SW poderia ser um suporte no ensino - aprendizagem e compreensão da LGP pois “penso que é importante para ensinar os gestos, pois seria mais fácil para aprender, estou a falar em crianças que aprendem com mais facilidade”, “é importante para poder facilitar as dificuldades das palavras e assim o SignWriting ajuda compreender certas palavras”. Outros alunos são da opinião que a introdução do SW no ensino deveria ser feita desde cedo e que seria uma forma de melhorar a escrita. Segundo o que nos responderam, “eu acho muito bem e quanto mais cedo melhor. Aprende-se muito melhor quando se é pequeno. E como foi dito,

---

<sup>56</sup> Leia-se: é importante para a minha profissão porque pode permitir que os alunos desenvolvam as suas capacidades.



penso que pode ser um apoio na aquisição da L2 e no estatuto de língua”, “é importante, porque precisa de aprender SignWriting para criança ou jovem por causa de algumas dificuldades para a aplicação do sistema SignWriting”<sup>57</sup>, “acho que é importante. Os alunos surdos têm bastante dificuldade no Português escrito e se houver uma forma de representação dos gestos torna-se mais fácil para eles. O importante é convencionalizar o sistema para que seja comum a todos”. É de realçar que estes alunos, futuros formadores, não esquecem que o SW se apresenta como um dos conteúdos presentes no programa curricular da LGP pelo que se torna necessário o seu ensino. Assim, “é uma grande vantagem! Mas como em Portugal, algumas escolas não estão seguindo o programa curricular e mais percentagem dos alunos tem dificuldade de aprendizagem. Se tudo fosse seguindo a lei de 3/2008 e o programa curricular é aí o momento certo para começar signwriting”.<sup>58</sup>

Perante o que constatamos, consideramos que, de fato, o SW torna-se uma realidade dentro do contexto da sala de aula da LGP seria uma mais-valia tanto para professores, que teriam mais um suporte para o ensino da língua, como para os alunos que veriam neste sistema uma possibilidade de registo da sua própria língua e de apoio da aquisição da mesma. Além disso, verificamos que os futuros docentes de LGP se encontram abertos e disponíveis a integrar a prática do SignWriting pelo que cremos que há urgência em incentivar e permitir a sua utilização, para um bem comum: dos alunos, dos professores, da comunidade surda e da própria língua gestual.

---

<sup>57</sup> Compreenda-se: é importante, nós precisamos e devemos aprender signwriting para o ensinar às crianças e jovens, isto porque alguns têm dificuldades na escrita e a aplicação do signwriting pode ser uma ajuda.

<sup>58</sup> Depreenda-se: é uma grande vantagem. Em Portugal existem muitas crianças que têm dificuldades de aprendizagem e muitas das escolas não seguem o programa curricular da LGP. Caso se pusessem em prática as diretrizes existentes na lei 3/2008 poderia ensinar-se signwriting nas escolas.

### 3.3 - Plano de formação

#### Sessão 1

Duração: 3 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>Introdução ao SignWriting:</b></p> <p>Criação do sistema de escrita;</p> <p>Importância para a comunidade surda;</p> <p>Relevância para a consolidação da língua;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber da existência do Sutton Movement Writing;</li> <li>- Compreender como foi iniciado o SignWriting;</li> <li>- Conhecer marcos importantes da história deste sistema de escrita;</li> <li>- Relacionar o SW com o Programa Curricular de LGP (ensino básico e ensino secundário);</li> <li>- Perceber a importância da escrita como dignificação da comunidade, fixação e conservação da língua;</li> </ul>	Método expositivo	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in Signwriting;</li> <li>- Programa Curricular de Língua Gestual</li> </ul>

<p><b>A LGP e o SignWriting:</b></p> <p>Importância da escrita no ensino - aprendizagem da criança surda</p> <p><b>O SW:</b></p> <p>A direccionalidade e a perspectiva da escrita pelo emissor;</p> <p>As configurações: sua relação com os</p>	<p>- Compreender, através de exemplos nacionais e estrangeiros, a importância da escrita da LG no desenvolvimento cognitivo e aprendizagem da criança;</p> <p>- Conhecer os princípios básicos que regem a escrita do sistema SW;</p> <p>- Perceber a direccionalidade vertical do SW;</p> <p>- Entender que a escrita é feita segundo a perspectiva do emissor;</p> <p>- Compreender as diferentes orientações da mão;</p> <p>- Conhecer as três configurações básicas do SW;</p>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-</p>	<p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Giz</p> <p>Quadro</p>	<p>Portuguesa – Educação Pré-escolar e Ensino Básico;</p> <p>- Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa – Ensino Secundário</p>
---	--	---	--	---

queremas;	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber a diferenças entre os planos horizontal e vertical;</li> <li>- Executar variações das configurações básicas do SW segundo os dois planos;</li> </ul>	interativo		
-----------	--	------------	--	--

## Sessão 2

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações: grupos e variação dos dedos.</p> <p>Símbolos de contacto:</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Perceber que existem 10 grupos de configurações e que os mesmos são definidos consoante os dedos utilizados;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 1: dedo indicador;</li> <li>- Conhecer os 2 símbolos que representam o contacto;</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Quadro</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton,</li> </ul>

tocar e bater.	- Compreender as diferenças de significado e utilização dos símbolos;	interativo	Giz	Lessons in Signwriting.
O corpo: cabeça, cara e corpo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber que a escrita da cabeça é feita com um círculo;</li> <li>- Distinguir entre a representação do lado direito, esquerdo e parte de trás da cabeça;</li> <li>- Entender que a cara pode ser dividida por zonas de contacto;</li> <li>- Saber representar os gestos que tocam no corpo;</li> <li>- Conhecer o símbolo que representa a linha dos ombros;</li> </ul>	Método expositivo-interativo		
O movimento: vertical e horizontal.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a diferença entre o movimento vertical, paralelo à parede da frente e o movimento horizontal, paralelo ao chão;</li> <li>- Aprender os tipos de setas que representam os dois movimentos;</li> </ul>	Método expositivo-interativo		

<p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação das configurações, contacto, cabeça e movimento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Associar as novas configurações, aos símbolos de contacto, o símbolo da cabeça e as setas do movimento;</li> <li>- Iniciar a escrita de gestos da LGP;</li> <li>- Iniciar a leitura de gestos da LGP .</li> </ul>	<p>Método expositivo-iterativo</p>		
--	--	------------------------------------	--	--

### Sessão 3

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 2: dedos indicador e médio;</li> <li>- Compreender que pode existir mudança de configuração no mesmo gesto;</li> </ul>	<p>Método expositivo-iterativo</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed</li> </ul>

O movimento: mão direita, mão esquerda e duas mãos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber as distinções entre as setas correspondentes aos movimentos executados com a mão direita, com a mão esquerda ou com as duas mãos em simultâneo;</li> <li>- Associar as setas representativas das mãos às setas dos movimentos para cima e para baixo;</li> </ul>	Método expositivo-interativo	Quadro Giz	language;  - Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.
O movimento: novas setas de movimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer novas setas que representam movimentos retos mais complexos;</li> </ul>	Método expositivo-interativo		
Símbolos de contacto: agarrar e tocar entre	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer os 2 símbolos que representam o contacto;</li> <li>- Compreender as diferenças de significado e utilização dos símbolos;</li> </ul>	Método expositivo-interativo		
A expressão facial: olhos, olhar e nariz.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber os símbolos que representam os olhos, o olhar e as sobrancelhas;</li> <li>- Conhecer as variações destes símbolos;</li> </ul>	Método expositivo-interativo		

Sinais de pontuação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender que a escrita SW se faz por frases;</li> <li>- Conhecer os símbolos para os sinais de pontuação</li> </ul>	Método expositivo-interativo		
<b>SW e LGP</b>  Aplicação das configurações, dos símbolos de contacto, dos símbolos dos olhos, olhar e sobrancelha e dos movimentos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aplicar as novas configurações, os 4 símbolos de contacto, os símbolos dos olhos, olhar e sobrancelhas, juntamente com as setas do movimento;</li> <li>- Escrever gestos da LGP;</li> <li>- Ler gestos da LGP.</li> </ul>	Método expositivo-interativo		



### Sessão 4

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p> <p>Símbolos de contacto: escovar e esfregar.</p> <p>O movimento: diagonal superior e diagonal inferior.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 3: dedos indicador, médio e polegar;</li> <li>- Conhecer os 2 símbolos que representam o contacto;</li> <li>- Compreender as diferenças de significado e utilização dos símbolos;</li> <li>- Perceber as distinções entre as setas correspondentes aos movimentos diagonais executados no plano superior e no plano inferior, para a frente para trás;</li> <li>- Conhecer as setas representativas destes movimentos;</li> </ul>	<p>Método expositivo- interativo</p> <p>Método expositivo- interativo</p> <p>Método expositivo- interativo</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Quadro</p> <p>Giz</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.</li> </ul>

<p>A expressão facial: boca, bochechas e respiração.</p> <p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação das configurações, dos movimentos diagonais e das expressões faciais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber os símbolos que representam as expressões faciais referentes à boca, bochechas e respiração;</li> <li>- Conhecer as variações destes símbolos;</li> <li>- Aplicar as novas configurações, os 6 símbolos de contacto, as setas dos movimentos diagonais e os símbolos referentes à boca, bochechas e respiração;</li> <li>- Escrever gestos da LGP;</li> <li>- Ler gestos da LGP.</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p>		
--	---	---	--	--

## Sessão 5

Duração: 5 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p> <p>O movimento: movimento circular da mão e antebraço.</p> <p>O movimento: movimento curvo da</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 4: quatro dedos;</li> <li>- Conhecer as setas que representam os 3 tipos de movimento circular da mão e antebraço: movimento paralelo à parede da frente, movimento paralelo ao chão e movimento paralelo à parede do lado;</li> <li>- Entender o porquê da variação da grossura das setas;</li> <li>- Perceber que os movimentos curvos correspondem a movimentos circulares que não descrevem uma trajetória</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Quadro</p> <p>Giz</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.</li> </ul>

<p>mão e antebraço.</p>	<p>completa;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as setas que representam os 3 tipos de movimento curvo da mão e antebraço: movimento paralelo à parede da frente, movimento paralelo ao chão e movimento paralelo à parede do lado;</li> <li>- Entender o porquê da variação da grossura das setas;</li> </ul>	<p>interativo</p>		
<p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação das configurações, das setas de movimentos circulares e curvos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aplicar as novas configurações;</li> <li>- Executar setas de movimento circular e setas de movimento curvo;</li> <li>- Escrever gestos da LGP;</li> <li>- Ler gestos da LGP.</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p>		

### Sessão 6

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p> <p>O movimento o pulso: movimento de rotação e movimento de flexão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 5: cinco dedos;</li> <li>- Compreender a diferença entre movimento de rotação do pulso e movimento de flexão do pulso;</li> <li>- Conhecer os 3 tipos de movimentos de rotação do pulso: movimento paralelo à parede da frente, movimento paralelo ao chão e movimento paralelo à parede do lado;</li> <li>- Entender o porquê da variação da grossura das setas;</li> <li>- Conhecer as setas que representam os movimentos de flexão do pulso;</li> </ul>	<p>Método expositivo- interativo</p> <p>Método expositivo- interativo</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Quadro</p> <p>Giz</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.</li> </ul>

<p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação das configurações, das setas de movimentos da mão, antebraço e pulso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aplicar as novas configurações;</li> <li>- Rever setas de movimento circular, setas de movimento curvo;</li> <li>- Executar setas do movimento de rotação e flexão do pulso;</li> <li>- Escrever gestos da LGP;</li> <li>- Ler gestos da LGP.</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p>		
---	---	-------------------------------------	--	--

### Sessão 7

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 6: dedo mínimo;</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p>	

O movimento: movimento de rotação do antebraço.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a diferença entre movimento de rotação do antebraço horizontal e vertical;</li> <li>- Perceber como representar um movimento de rotação rápido (tremer);</li> <li>- Conhecer as setas que representam esses movimentos;</li> </ul>	Método expositivo-interativo	Lápis  Papel  Quadro  Giz	
A expressão facial: orelhas e nariz.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber quais os símbolos que representam as orelhas e o nariz;</li> <li>- Conhecer as variações desses símbolos;</li> </ul>	Método expositivo-interativo		
<p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação das configurações, das setas de movimentos de rotação do antebraço e dos símbolos das orelhas e nariz.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aplicar as novas configurações;</li> <li>- Executar a escrita das novas setas de movimentos e expressões faciais;</li> <li>- Escrever gestos da LGP;</li> <li>- Ler gestos da LGP.</li> </ul>	Método expositivo-interativo		

## Sessão 8

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p> <p>O movimento dos dedos: flexão e extensão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 7: dedo anelar;</li> <li>- Perceber que os movimentos dos dedos são executados segundo dois tipos de articulações;</li> <li>- Conhecer os símbolos que representam os movimentos de flexão e extensão;</li> <li>- Saber que existem símbolos distintos para identificar os movimentos de flexão e extensão das diferentes articulações;</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Quadro</p> <p>Giz</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.</li> </ul>



<p>A expressão facial: dentes e língua.</p> <p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação das configurações, dos símbolos das orelhas e nariz e dos movimentos dos dedos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer os símbolos que representam os dentes e a língua;</li> <li>- Perceber as variações desses símbolos;</li> <li>- Aplicar as novas configurações e expressões faciais;</li> <li>- Executar a escrita de gestos da LGP que apresentem movimento de dedos;</li> <li>- Ler gestos da LGP.</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p>		
---	--	---	--	--

### Sessão 9

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<b>O SW:</b>	- Rever os conteúdos da última sessão;	Método expositivo-	Computador	- Mariane Stumpf, Escrita das línguas

As configurações.	- Conhecer as configurações referentes ao grupo 8: dedo médio;	interativo	Projektor	gestuais;
O movimento: movimentos curvos.	- Aprofundar o conhecimento em relação aos movimentos curvos;  - Conhecer as setas que representam movimentos curvos para cima, para baixo, para a frente, para trás e para os lados;  - Perceber que esses movimentos podem descrever um arco que se interseja;	Método expositivo- interativo	PowerPoint  Lápis  Papel  Quadro  Giz	- Steve & Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;  - Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.
A expressão facial: testa e queixo.	- Conhecer os símbolos que representam a testa e o queixo;  - Perceber as variações desses símbolos;	Método expositivo- interativo		
<b>SW e LGP</b>				
Aplicação das configurações, das setas de movimento e	- Aplicar as novas configurações;  - Executar a escrita das novas setas de movimentos e expressões faciais;	Método expositivo- interativo		

dos símbolos da testa e do queixo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escrever gestos da LGP;</li> <li>- Ler gestos da LGP.</li> </ul>			
------------------------------------	---	--	--	--

### Sessão 10

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p> <p>O movimento: dinâmica dos movimentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 9: dedos indicador e polegar;</li> <li>- Conhecer os símbolos que representam as dinâmicas dos movimentos;</li> <li>- Compreender as diferenças entre dessas dinâmicas;</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Quadro</p> <p>Giz</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in</li> </ul>

## Sessão 11

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>O SW:</b></p> <p>As configurações.</p> <p>O corpo: cintura.</p> <p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação das configurações e do símbolo do corpo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever os conteúdos da última sessão;</li> <li>- Conhecer as configurações referentes ao grupo 10: dedo polegar;</li> <li>- Perceber que há gestos que obrigam a que se indique a cintura;</li> <li>- Conhecer o símbolo que representa a linha da cintura;</li> <li>- Compreender a diferença entre a linha dos ombros e a da cintura;</li> <li>- Aplicar as novas configurações;</li> <li>- Representar gestos que sejam produzidos na linha da cintura;</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p> <p>Método expositivo-interativo</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>PowerPoint</p> <p>Lápis</p> <p>Papel</p> <p>Quadro</p> <p>Giz</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.</li> </ul>

Aplicação prática: exercícios	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escrever frases simples em LGP utilizando os recursos do SW;</li> <li>- Produzir frases simples escritas em SW.</li> </ul>	Método expositivo- interativo		
----------------------------------	---	-------------------------------------	--	--

## Sessão 12

Duração: 4 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<b>O SW:</b>  Revisão geral de todo o sistema;	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recordar os 10 grupos de configurações;</li> <li>- Rever os símbolos de contacto;</li> <li>- Relembrar as diferentes expressões faciais e corporais utilizadas;</li> <li>- Consolidar os tipos de movimentos: retos na vertical e horizontal, diagonal, circular, curvos, em arco que se intersesta, de rotação da mão e antebraço e do pulso, de flexão e extensão do pulso e dos dedos;</li> </ul>	Método expositivo- interativo	Computador  Projetor  PowerPoint  Lápis  Papel  Quadro  Giz	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mariane Stumpf, Escrita das línguas gestuais;</li> <li>- Steve &amp; Dianne Parkhurst, A complete system for writing and reading signed language;</li> <li>- Valerie Sutton, Lessons in Signwriting.</li> </ul>

<p><b>SW e LGP</b></p> <p>Aplicação prática do sistema</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lembrar os símbolos dos sinais de pontuação;</li> <li>- Solidificar as dinâmicas dos movimentos;</li> <li>- Ver vídeos em LGP com frases simples produzidas por pessoas surdas e registá-las em SW;</li> <li>- Escrever frases simples em LGP utilizando os recursos do SW;</li> <li>- Ler e filmar em LGP frases simples escritas em SW.</li> </ul>	<p>Método expositivo-interativo</p>		
--	---	-------------------------------------	--	--

### Sessão 13

Duração: 2 horas

Conteúdos	Objetivos	Metodologias	Recursos Materiais	Bibliografia
<p><b>SW e LGP</b></p> <p>Avaliação</p>	<p>- Avaliar os conhecimentos obtidos durante a formação através de um teste com exercícios de leitura e escrita da LGP.</p>	<p>Avaliação de desempenho sumativa</p>	<p>Folha de teste</p> <p>Computador com câmara.</p>	<p>Não se aplica</p>

## Conclusão

Reportando-nos às questões que nos despertaram interesse para a realização desta investigação, concluímos que, efetivamente, o sistema de escrita SignWriting é adaptável à língua gestual portuguesa e que, tal como conjeturávamos, possuiu potencialidades práticas e provavelmente, didáticas. Como tal, acreditamos que este trabalho poderá constituir a primeira etapa de uma caminhada que deverá ser empreendida no sentido de se conseguir uma escrita estruturada e documentada, que dê resposta à necessidade de representação gráfica da estrutura da língua natural da comunidade surda portuguesa

As crianças surdas, por não possuírem a LP como língua primeira, deparam-se com imensas dificuldades quando confrontadas com a necessidade de escrever. Tal bloqueio pode, naturalmente, ser próprio da idade ou pode ser resultado de um sentimento de frustração originado pela incapacidade de conseguir transpor algo para o papel através de uma língua que não lhes é natural. No nosso entender, a escrita deve ser uma atividade que desperte interesse e que seja significativa para a criança, o que não tem vindo a acontecer com as crianças surdas. Assim, o SW, enquanto sistema de representação da língua gestual, assume-se como uma forma de escrita que está em concordância com as capacidades da criança e, mais importante, com a sua predisposição.

Cabe aqui referir um aspeto importante a ter em conta, a nossa proposta de aplicação do SW e introdução no sistema de ensino não pretende, de todo, menosprezar a língua portuguesa ou o seu ensino-aprendizagem. A LP é, indiscutivelmente, uma língua fundamental para a comunidade surda, na medida em que lhe permite a inserção plena numa sociedade ouvinte e maioritária. Portanto, trata-se de disponibilizar uma ferramenta que pode ser propícia à qualificação da criança surda enquanto membro da sociedade e futuro participante ativo na mesma. Para além disso, e no que toca à comunidade surda em geral, o processo passa pelo reconhecimento dos direitos linguísticos dos surdos, cidadãos detentores de uma língua e cultura próprias.

Assim sendo, acreditamos que, para que seja valorizado, o uso do SignWriting tem de ser iniciado pela comunidade surda pois só assim poderá despertar atenção nos investigadores e, conseqüentemente, originar posteriores estudos a diferentes níveis quer seja



o linguístico ou o pedagógico. Enquanto o SW não for um elemento bem-vindo pelos surdos, o seu desenvolvimento e apropriação por parte dos utilizadores não poderá acontecer de forma natural. De fato, precisamos encarar a escrita da língua gestual não como algo que virá destruir a língua mas, pelo contrário, como um bem que apenas poderá trazer vantagens.

Nessa ótica, existem por um lado as diretrizes vindas do Ministério da Educação que reconhecem o SW enquanto instrumento digno e alvo do conteúdo do programa curricular do ensino da LGP e, por outro, pelo que atestamos com o nosso trabalho, é notável a abertura que os futuros docentes de língua gestual apresentam face a este tema, assim como a receptividade que mostram à aprendizagem e posterior aplicação do sistema. Desta forma, consideramos que o passo seguinte consiste em conjugar estas duas premissas e começar a permitir à criança surda uma imersão linguística que a tornará um ser humano mais rico e completo, quer intelectualmente, quer culturalmente.

Aquando da formação que nos dispusemos realizar apuramos que os alunos possuem algumas dificuldades na aprendizagem do SW pois o sistema apresenta símbolos complexos que exigem, por isso, prática e uso diário. Este aspeto poderá ser um obstáculo que precisa, necessariamente, de uma solução eficaz e que, no nosso entender, passa pela formação e pela desmistificação da complexidade do sistema. Ao verificarmos tal entrave pudemos refletir e acreditar com mais certezas que a aprendizagem do SignWriting não se pode iniciar só a partir da adolescência, ela deve ser iniciada precocemente e em simultâneo com a da língua gestual, na idade favorável, ao longo do 1º Ciclo do Ensino Básico, pois estamos certos que se tal acontecer os problemas que os adultos demonstram não se verificarão.

Com efeito, o SW poderá ser um instrumento didático e uma ferramenta cognitiva que pode colmatar as falhas que ainda se verificam no processo de ensino-aprendizagem das crianças surdas. Como constatamos, a espontaneidade que as crianças apresentam ao desenharem o gesto ou a configuração da mão junto a palavras escritas em língua portuguesa, permite-nos inferir o grande potencial que o SignWriting pode ter no contexto de sala de aula.

Resta-nos acreditar que a comprovação de tal conclusão poderá, um dia, vir a ocorrer. Para confirmarmos os efeitos do SW a longo prazo, necessitaríamos de por em prática uma intervenção feita no próprio território educativo, com base na observação direta e com contacto frequente com o objeto de estudo, bem como permanecer no campo de ação por

um intervalo de tempo alargado e consideravelmente relevante. Esperemos, com esperança, que estudos próximos o façam.

## Bibliografia

- Amaral, M., Coutinho, A., & Martins, M. (1994). *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Editora Caminho.
- Baltazar, A., & Costa, A. (2010). *Liderança Associativa*. Federação Portuguesa das Associações de Surdos. Surdos Notícias, n.º 2.
- Battison, R. (1974). Phonological deletion in american sign language. In *Sign Language Studies*. (pp. 1-19)
- Battison, R. (1978). *Lexical borrowing in american sign language*. Silver Spring, MD: Linstok.
- Bispo, M., Couto, A., Clara, M. & Clara, L. (Coord.). (2006). *O gesto e a palavra I – Antologia de textos sobre a surdez*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Capovilla, F., & Raphael, W. (2001). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. (2 volumes). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Centro Educacional Cultura Surda*. Acedido em 28 de fevereiro de 2012, em <http://www.culturasurda.com.br/sw.html>.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalis Program*. Estados Unidos da América: Massachusetts Institute of Technology.
- Chomsky, N. (2002). *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: Editora Unesp.
- Constituição da República Portuguesa. Capítulo III: Direitos e deveres culturais. Artigo 74º Ensino, ponto 2, alínea h.
- Correia, I. (2008). Os surdos e a educação no ensino superior: estratégias de ensino-aprendizagem In *Orientações Pedagógicas para Docentes do Ensino Superior*. Acedido a 25 de janeiro de 2011, em [https://www1.esec.pt/pagina/opdes/wp-content/uploads/2009/07/04\\_de\\_12-12-10.pdf](https://www1.esec.pt/pagina/opdes/wp-content/uploads/2009/07/04_de_12-12-10.pdf).
- Correia, I. (2009). O parâmetro expressão na Língua Gestual Portuguesa: unidade supressegmental In *Exedra*. Acedido a 26 de janeiro de 2011, em <http://www.exedrajournal.com/docs/01/57-68.pdf>.
- Costa, A. (s.d.). Apresentação. In *Lições sobre o SignWriting*. Tradução e Adaptação do Inglês *Lessons in SignWriting: Textbook & Workbook*. DAC: Deaf Action Committee for SignWriting.
- Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro. Ministério da Educação.

- Delpretto, B., & Fortes, L. (2010). A aplicabilidade social do signwriting In *www.partes.com.br/educacao/signwriting.asp*. Acedido a 29 de fevereiro de 2012, em <http://www.partes.com.br/educacao/signwriting.asp>.
- Faria, I., Pedro, E., Duarte, I., & Gouveia, C. (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editora Caminho.
- Fernandes, E. (2003). *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1986). *Psicogénese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fromkin, V., & Rodman, R. (1993). *Introdução à linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Gil, C. (2010). El liderazgo en la Comunidad Sorda Portuguesa: Estudio cualitativo sobre cuatro líderes sordos. Tese apresentada à Universidade de Barcelona para obtenção do título de Mestre, orientada por María del Pilar Fernández-Viader.
- Guarinello, A. (2007). *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. Brasil: Plexus Editora
- Liddell, S., & Johnson, R. (1986). American sign language compound formation processes, lexicalization and phonological remnants. In *Natural Language and Linguistic Theory* 4 (pp. 445-513).
- Mateus, M., & Villalva, A. (2006). *O essencial sobre linguística*. Lisboa: Editora Caminho.
- Mateus, M. (1974). Aspectos da Fonologia Portuguesa. Tese de Doutoramento (publicada por Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1975; 2ª ed. revista, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1980).
- McCleary, L., & Viotii, E. (s.d.). *Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)*. Acedido a 11 de março de 2012, em <http://www.feneis.com.br/arquivos/McCleary+Viotti-2006.pdf>.
- Nascimento, Z., & Pinto, J. (2006). *A dinâmica da escrita – como escrever um texto*. Lisboa: Plátano Editora.
- Netter, F. (2003). *Atlas of Human Anatomy*. New Jersey: Icon learning systems.
- Nunes, I. (1995). *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Parkhurst's, S., & Parkhurst's, D. (2007). *SignWriting – A complete system for writing and reading*. Espanha: Promotora Española de Lingüística.
- Parkhurst, S., & Parkhurst, D. (2010). *A Cross-Linguistic Guide to SignWriting: A Phonetic Approach*. Acedido a 15 de junho de 2012, em

[http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0617\\_Cross\\_Linguistic\\_Guide\\_SignWriting\\_Parkhurst.pdf](http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0617_Cross_Linguistic_Guide_SignWriting_Parkhurst.pdf).

Pereira, M., & Fronza, C. (s.d.). Sistema signwriting como uma possibilidade na alfabetização de pessoas surdas In <http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/3.pdf> Acedido a 29 de fevereiro de 2012 em <http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/3.pdf>.

Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa – Educação Pré-escolar e Ensino Básico (2007). Ministério da Educação, Direção - Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Acedido a 14 de junho de 2012, em <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2&letra=L>.

Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa – Ensino Secundário (2008). Ministério da Educação, Direção - Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Acedido a 14 de junho de 2012, em <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2&letra=L>.

Programa de Português do Ensino Básico (2009). Ministério da Educação, Direção - Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Acedido a 14 de junho de 2012, em <http://www.dgidc.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=11>.

Quadros, R. (2006). Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais [versão eletrónica] *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n. 2, 168-178.

Quadros, R. (s.d.). *Língua Brasileira de Sinais*. Acedido a 2 de março de 2012, em [http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Page568.htm](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Page568.htm).

Quadros, R., & Karnopp, L. (2004). *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Sandler, W., & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign Language and Linguistics Universals*. Reino Unido: Cambridge University Press.

Santos, T. (s.d.). *Um olhar sobre a liderança surda: a influência de líderes na vida de surdos pertencentes à associação de surdos de Pelotas*. Acedido em 3 de junho de 2012, em [http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH\\_00350.pdf](http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00350.pdf).

Silva, R. (2008). *O Português Arcaico – Uma aproximação*. (2 volumes) Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Sim-Sim, I. (2005). O ensino do português escrito aos alunos surdos na escolaridade básica. In I., Sim-Sim (Org.), *A criança surda – contributos para a sua educação* (pp. 15-43). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Stumpf, M (2002). Transcrição de língua de sinais brasileira em SignWriting. In Lodi, A., Harrison, K., Campos, S. & Teske, O. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação.
- Stumpf, M. (2005). Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting: línguas de sinais no papel e no computador. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Doutor, orientada por Antônio Carlos Costa. Porto Alegre.
- Stumpf, M. (2011). *Escrita das línguas gestuais*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Stumpf, M., (s.d.). *Lições sobre o SignWriting*. Tradução e Adaptação do Inglês *Lessons in SignWriting: Textbook & Workbook*. DAC: Deaf Action Committee for SignWriting.
- Sutton, V. (2002). *Lessons in Signwriting*. La Jolla: The Deaf Action Committee for Signwriting. Acedido em 2 de março de 2012, em <http://www.signwriting.org/lessons/lessons.html>.
- Sutton, V. (2005). Sutton Movement Writing & Shorthand In <http://dancewriting.org/movement/about/what/index.html>. Acedido em 19 de maio de 2012 em <http://dancewriting.org/index.html>.

## Apêndice 1 – Questionário de recenseamento das áreas vocabulares



### Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio

Este documento de investigação insere-se no âmbito de uma dissertação de Mestrado e tem como intuito a recolha de vocabulário encarado como importante para a comunidade surda. Agradeço desde já a colaboração e atenção dispensada.

A elaboração deste trabalho tem como intuito propor a aplicação do SignWriting, sistema de escrita das línguas gestuais já utilizado noutros países, à língua gestual portuguesa. Pretende-se concretizar a escrita com base em áreas vocabulares distintas e presentes no plano curricular do ensino da LGP. Assim sendo, enumere aqueles que considera serem os vocábulos com maior relevância no seio comunidade surda, bem como os mais utilizados nas seguintes áreas (cerca de 20 palavras por cada tópico):

- História dos Surdos

---

---

---

---

- Comunidade Surda

---

---

---

---

- Educação

---

---

- 
- 
- Língua e Linguística

- 
- 
- 
- 
- Cultura

- 
- 
- 
- 
- Saúde

- 
- 
- 
- 
- Ambiente

- 
- 
- 
- 
- Economia

- 
- Desporto



---

---

---

---

- Justiça

---

---

---

---

- Comunicação Social

---

---

---

---

- Vocabulário de uso diário

---

---

---

---

- Outro vocabulário que considere relevante

---

---

---

---

Rafaela Silva

## Apêndice 2 – Formação em SignWriting (aplicada a 28 de maio de 2012)



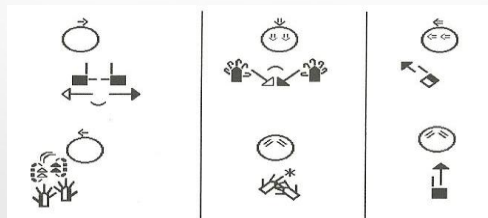
### SignWriting

- Criado por Valerie Sutton;
- Sistema de escrita visual direta dos gestos;
- Transcrição dos queremas;
- Símbolos universais adaptados a cada LG
- Apoio na aquisição da L2;
- Estatuto de língua;

2

## SignWriting

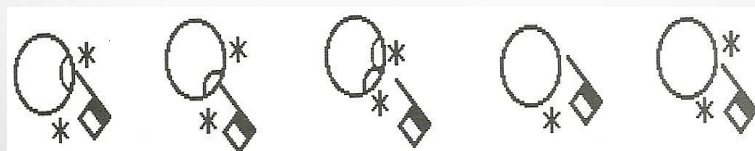
- Princípios básicos:
  - Escrita na vertical e em colunas



3

## SignWriting

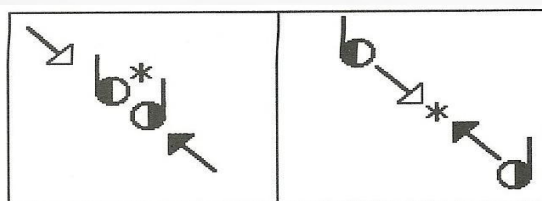
- Princípios básicos:
  - Dúvidas na grafia do gesto



4

## SignWriting

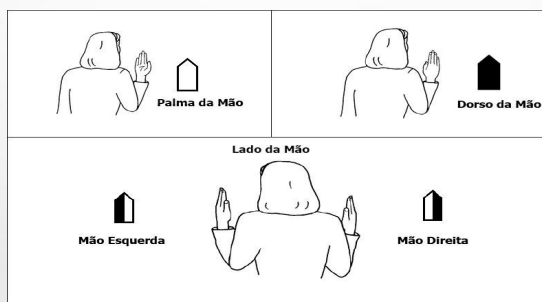
- Princípios básicos:
  - Escrita feita a partir da posição de contacto
  - Grafia correta e grafia incorreta



5

## SignWriting







- Escrita segundo a perspectiva do emissor:

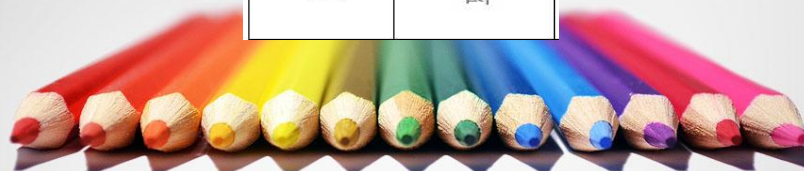


6

## SignWriting

- Formas da mão: 3 configurações básicas - plano vertical:







	
	
	



7

## SignWriting

- Variação das 3 configurações base:



8

## SignWriting

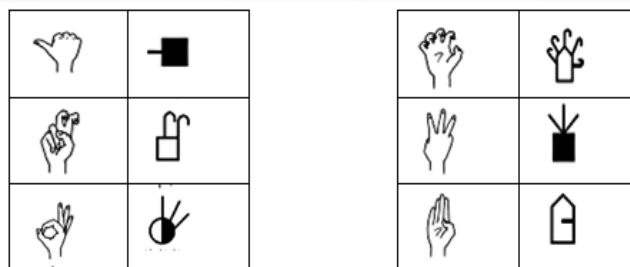
- Plano horizontal



9

## SignWriting

- Outras configurações:



10

## SignWriting

- Símbolos de contacto:

*	Tocar
+	Agarrar
*	Tocar entre
#	Bater
⊖	Escovar
@	Esfregar

11

## SignWriting

- Movimento: dos dedos

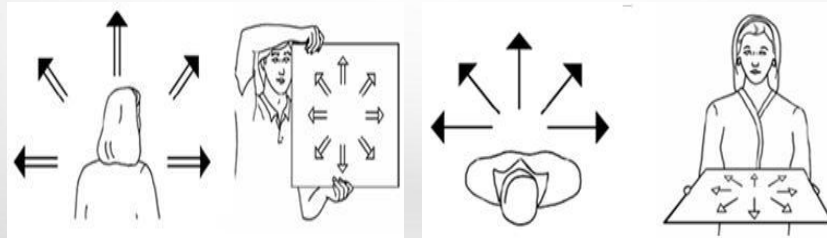
●	Articulação média fecha
○	Articulação média abre
▼	Articulação proximal fecha
▲	Articulação proximal abre
⋈	Articulação proximal abre e fecha
⋈	Articulações proximais abrem e fecham alternadamente

12



## SignWriting

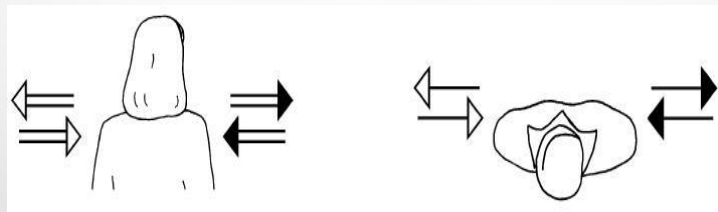
- Movimento: direção



13

## SignWriting

- Movimento: lateral



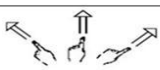
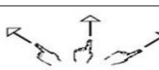




14



## SignWriting

- Movimento: deslocações





		Mão direita
		Mão esquerda
		Mãos juntas



15

## SignWriting

- Movimento: plano horizontal e vertical

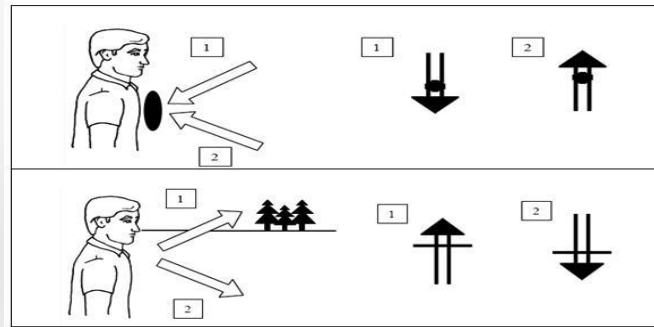
	Reto para cima
	Reto para a frente
	Para o lado, para baixo e para o lado
	Para o lado, diagonal e para o lado



16

## SignWriting

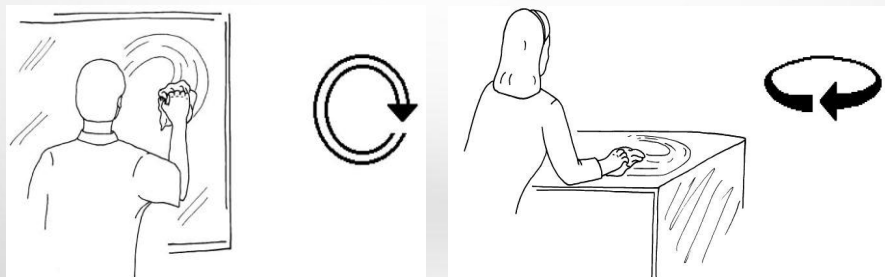
- Movimento: plano diagonal



17

## SignWriting

- Movimento: circular da mão e antebraço



18

## SignWriting

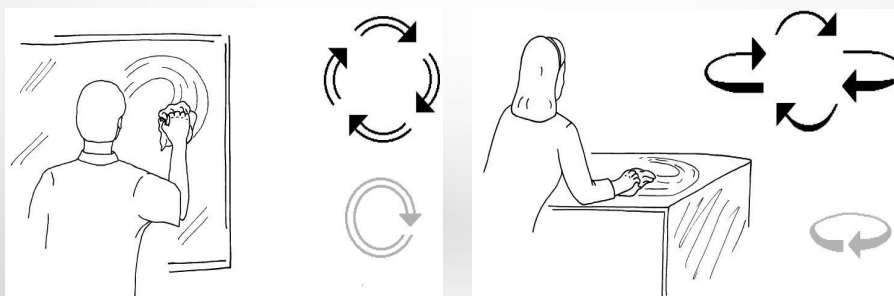
- Movimento: circular da mão e antebraço



19

## SignWriting

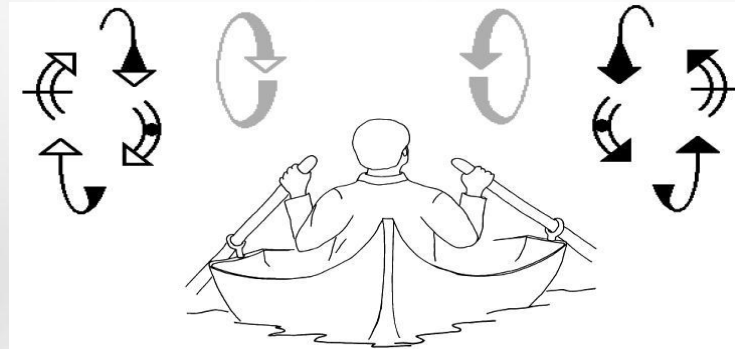
- Movimento: curvo



20

## SignWriting

- Movimento: curvo



21

## SignWriting

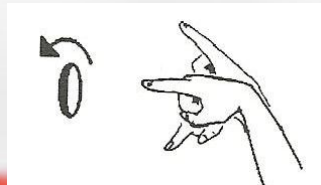
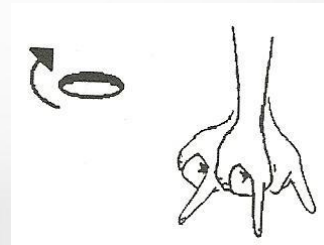
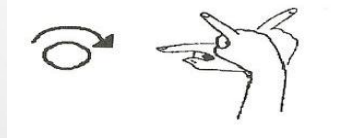
- Movimento: rotação do antebraço



22

## SignWriting

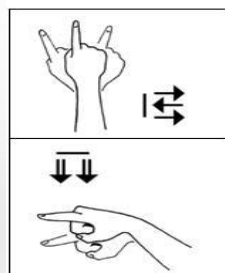
- Movimento: circular do pulso



23

## SignWriting

- Movimento: reto do pulso



24

## SignWriting

- Dinâmicas do movimento

⌒	Movimento simultâneo
⌞	Movimento alternado
⌘	Movimento consecutivo
⌑	Movimento lento
⌒	Movimento rápido
⌒	Movimento tenso
⌒	Movimento relaxado



25

## SignWriting

- Expressão facial (exemplos):

	Testa		Boca com sorriso fechado
	Sobancelhas para cima		Língua lambe o lábio de cima
	Olhos abertos		Dentes

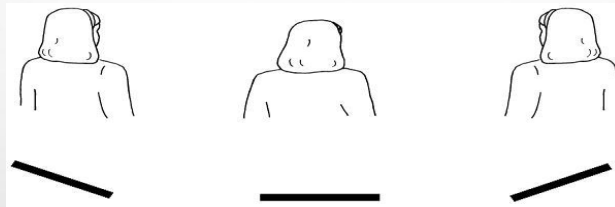


26



## SignWriting

- Posição do corpo: linha dos ombros



27

## SignWriting

- Sinais de pontuação:

┃	Ponto final
┃┃	Pausa
┃┃┃	Ponto de interrogação

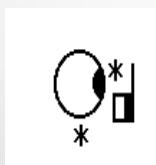


28

## SignWriting

- Aplicação prática na LGP
  - diga a que gestos correspondem as seguintes representações escritas:

1)



2)



3)



29

## SignWriting

- Aplicação prática na LGP
    - faça a representação escrita dos seguintes gestos:
- |                |                 |
|----------------|-----------------|
| 1) Identidade; | 6) Comunicação; |
| 2) Associação; | 7) Intérprete;  |
| 3) Escola;     | 8) CODA;        |
| 4) Portugal;   | 9) Trabalho;    |
| 5) Gesto       | 10) Gramática;  |



30



## **Apêndice 3 - Questionário de avaliação da formação em SignWriting**

### **Questionário de avaliação da formação em SignWriting**

Por favor, responda às seguintes questões e dê-nos a sua opinião sobre a formação a que acabou de assistir.

1) Considera que a formação foi útil?

---

---

1.1) Porquê?

---

---

2) Sente que as horas de formação foram suficientes?

---

---

2.2) Se não, quantas horas de formação acha que seriam necessárias e porquê?

---

---

3) O que pensa da aplicação do sistema SignWriting no ensino?

---

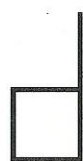
---

---

Obrigada pela colaboração

Rafaela Silva

## Anexo 1 – Configuração da mão: grupo I – dedo indicador



### Group 1 Index Finger



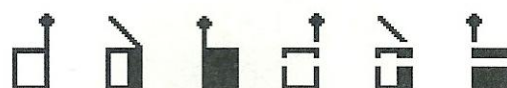
**Index**  
Straight Index Closed Fist



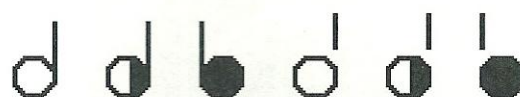
**Index Bent**  
Bent Index Closed Fist



**Index Cup**  
Curved Index Closed Fist



**Index Hinge**  
Straight Index Projects Forward



**Circle Index**  
Straight Index Open Fist



**Angle Index**  
Straight Index Angle Hand

## Anexo 2 – Configuração da mão: grupo II – dedos indicador e médio

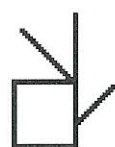


### Group 2 Index & Middle Fingers



						<b>Index Middle</b> Fingers Spread Side
						<b>Index Middle Bent</b> Fingers Spread & Bent
						<b>Index-Hinge Middle</b> Index Projects Forward Middle Finger Up
						<b>Index Middle-Hinge</b> Index Up, Middle Finger Projects Forward
						<b>Index Middle Unit</b> Fingers Together
						<b>Index Middle Cup</b> Curved Fingers
						<b>Index Middle Hinge</b> Straight Fingers Forward
						<b>Index Middle Cross</b> Crossed Fingers
						<b>Middle Bent Cross</b> Middle On Top of Index
						<b>Index Bent Cross</b> Index On Top Of Middle

## Anexo 3 – Configuração da mão: grupo III – dedos indicador, médio e polegar



### Group 3

Thumb, Index & Middle Fingers



#### Thumb Index Middle

Thumb, Index, Middle Spread



#### Thumb Index Middle Bent

3-Hand With Bent Fingers



#### Thumb Index Middle Cup

3-Hand With Curved Fingers



#### Thumb Index Middle Circle

Curved-3, Tips Touch



#### Thumb Index Middle Unit

U-Hand, Thumb Out



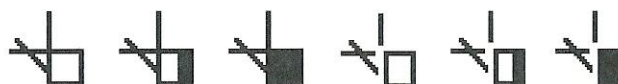
#### Thumb Index Middle Hinge

3-Hand, Fingers Forward



#### Thumb Index Middle Angle

3-Hand, Finger Tips Touch



#### Thumb Middle Angle Index

K-Hand with Angle



#### Thumb Middle Circle Index

K-Hand with Circle



#### Thumb Index Circle Middle

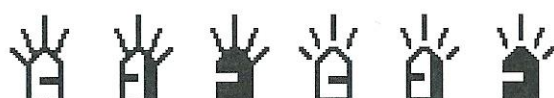
Thumb & Index Touch

## Anexo 4 – Configuração da mão: grupo IV – 4 dedos



### Group 4

Four Fingers



#### 4 Fingers

4 Fingers Straight Spread  
Thumb Crosses Palm



#### 4 Fingers Bent

4-Hand With Bent Fingers



#### 4 Fingers Unit

4-Hand Fingers Together



#### 4 Fingers Bent Unit

Bent-B, Tips Touch Thumb

## Anexo 5 – Configuração da mão: grupo V – 5 dedos



### Part One: Five Fingers Spread

	<b>5 Fingers</b> Five Fingers Straight Spread
	<b>5 Fingers Thumb Forward</b> Thumb Projects Forward
	<b>5 Fingers Bent</b> All Five Bent At Middle Joint
	<b>Fingers Bent, Thumb Straight</b> Thumb Straight Side
	<b>5 Fingers Cup</b> Spread Fingers Curved
	<b>5 Fingers Hinge</b> Spread Fingers Forward

### Part Two: Five Fingers Together

	<b>Flat (5 Fingers Unit)</b> Five Fingers Together
	<b>Flat Thumb Forward</b> 4 Fingers with Thumb Forward
	<b>Flat Thumb Side</b> 4 Fingers Together Thumb Side
	<b>Flat Thumb Bent</b> 4 Fingers Together Thumb Bent



## Group 5

Five Fingers



### Part Three: Five Fingers Together Bent



#### Claw

Five Fingers Together Bent



#### Claw Thumb Forward

Thumb Straight Forward



#### Claw Thumb Side

Thumb Straight Side



#### Claw No Thumb

Thumb Hidden Side



#### Claw Tips Touch

Straight Thumb Touches Claw

### Part Four: Five Fingers Together Curved



#### Cup

Five Fingers Together Curved



#### Cup Thumb Straight Forward

Thumb Straight Forward



#### Cup Thumb Straight Side

Thumb Straight Side





## Group 5

Five Fingers



...Part Four continued...



### Cup No Thumb

Thumb Hidden Side



### Circle

Cup, Tips Touch



### Curlicue

Circle, Thumb Forward

---

## Part Five: Five Fingers Together Angle



### Open Angle

Thumb Straight Forward



### Angle Thumb Side

Thumb Straight Side



### Angle No Thumb

Thumb Hidden Side



### Angle

5 Fingers Straight Tips Touch

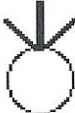



### Oval

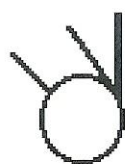
5 Fingers Curved Tips Touch



## Anexo 6 – Configuração da mão: grupo VI – dedo mínimo

										<div>  <div> <b>Group 6</b>            Baby Finger         </div>  </div>
										<div> <b>Index Middle Ring</b>            Spread Fingers Tight Fist         </div>
										<div> <b>Index Middle Ring Bent</b>            Spread Fingers Tight Fist         </div>
										<div> <b>Index Middle Ring Unit</b>            Fingers Together Tight Fist         </div>
										<div> <b>Index Middle Ring Hinge</b>            Three Fingers Forward         </div>
										<div> <b>Index Middle Ring Thumb</b>            Baby Finger Down, Others Up         </div>
										<div> <b>Index Middle Ring Circle</b>            Pineapple with Open Fist         </div>
										<div> <b>Baby Finger</b>            Fist With Baby Finger Up         </div>
										<div> <b>Baby Bent</b>            Baby Finger Up &amp; bent         </div>
										<div> <b>Thumb Baby</b>            3 Middle Fingers Down         </div>
										<div> <b>Thumb Baby Angle</b>            3 Middle Fingers Forward         </div>
										<div> <b>Thumb Index Baby</b>            2 Middle Fingers Down         </div>
										<div> <b>Index Baby</b>            With Tight Fist         </div>

## Anexo 7 – Configuração da mão: grupo VII – dedo anelar



### Group 7 Ring Finger



**Index Middle Baby**  
Ring Finger & Thumb Touch



**Thumb Index Middle Baby**  
Ring Finger Down



**Ring Finger**  
Ring Finger Up



**Ring Baby**  
Ring & Baby Fingers Up

## Anexo 8 – Configuração da mão: grupo VIII – dedo médio



### Group 8 Middle Finger



**Index Ring Baby Circle**  
Middle Finger Down



**Index Ring Baby Thumb**  
Middle Finger Down



**Index Ring Baby Angle**  
Middle Finger



**Index Ring Baby Hinge**  
Open-8 With Thumb Side



**Index Ring Baby Thumb**  
Middle Finger Angle



**Middle Finger**  
Middle Finger Up



**Middle Finger Thumb**  
Middle Finger Up Thumb Out

## Anexo 9 – Configuração da mão: grupo IX – 5 dedos indicador e polegar

	<b>Group 9</b> <b>Part One</b> Thumb & Index Touch		
	<b>Middle Ring Baby</b> Thumb & Index Touch Circle		
	<b>Middle Ring Baby Bent</b> Thumb & Index Touch Circle		
	<b>Middle Ring Baby Curlicue</b> Thumb & Index Curlicue		
	<b>Middle Ring Baby Hook</b> Thumb-Index Claw Tips Touch		
	<b>Middle Ring Baby Hook Out</b> Thumb Outside Index Finger		
	<b>Middle Ring Baby Hook In</b> Thumb Inside Index Finger		
	<b>Middle Ring Baby Claw</b> Thumb-Index Bent		
	<b>Middle Ring Baby Claw Thumb</b> Thumb Straight Side		
	<b>Middle Ring Baby Angle</b> Thumb & Index Tips Touch		
	<b>Middle Ring Baby Angle Out</b> Thumb Outside Index Finger		
	<b>Middle Ring Baby Angle In</b> Thumb Inside Index Finger		
	<b>Middle Ring Baby Hinge</b> Thumb & Index Forward		



## Group 9

Part Two  
Thumb & Index Out



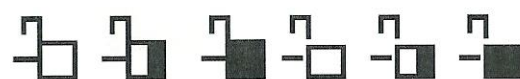
**Thumb Index**  
Straight Out Spread



**Thumb Index Unit**  
Thumb Tight Side



**Thumb Bent, Index Straight**  
Thumb Side Bent



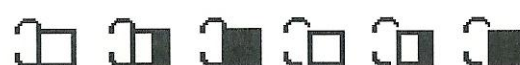
**Thumb Straight, Index Bent**  
Thumb Straight Out Side



**Thumb Index Circle**  
Thumb & Index Tips Touch



**Thumb Index Hook**  
Thumb Touches Bent Index



**Thumb Index Cup**  
Thumb & Index Curved



**Thumb Index Open Cup**  
Curve Opens More



**Thumb Index Hinge**  
Thumb & Index Forward



**Thumb Index Open Hinge**  
Hinge Opens More

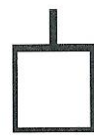


**Thumb Index Angle**  
Thumb & Index Tips Touch



**Thumb Outside Index Angle**  
Thumb Outside Index

## Anexo 10 – Configuração da mão: grupo X – dedo polegar



### Group 10 Thumb



						<b>Thumb</b> Thumb Straight Side
						<b>Thumb Side Bent</b> Thumb Bent
						<b>Thumb Side Unit</b> Thumb Tight on Side
						<b>Fist Thumb Over</b> Tight, Closed Fist
						<b>Thumb Between Index Middle</b> Thumb Protrudes Between
						<b>Thumb Under Middle Hook</b> Tight Fist, Thumb Under Middle
						<b>Fist Thumb Under</b> Tight Fist, Thumb Hidden
						<b>Fist Thumb Forward</b> Tight Fist, Thumb Forward



## Anexo 11 – Movimentos retos para cima e para baixo

### Up-Down Straight Movement

Up-Down movement is parallel with the front wall.  
It is written with **double-stemmed** arrows:



**Wall-Plane-Straight**  
Movement From Elbow



**Wall-Plane-Corner**  
Straight-Corner



**Wall-Plane-Flex**  
Movement From Wrist



**Wall-Plane-Check**  
Diagonal-Corner-Straight



**Wall-Plane-Double**  
Small, Quick Movement



**Wall-Plane-Box**  
Straight-Corner-Straight



**Wall-Plane-Nod**  
Small, Quick Movement



**Wall-Plane-ZigZag**  
Straight-Corner-Diagonal



**Wall-Plane-Cross**  
Cross 1 Way, Then Other



**Wall-Plane-Peaks**  
Mountain Tops



**Wall-Plane-Triple**  
Small, Quick Movement



**Wall-Plane-Twist**  
Straight with Rotation



**Wall-Plane Nod-&-A-Half**  
Small, Quick Movement



**Wall-Plane-Twist-Twist**  
Straight with Rotation



**Wall-Plane-Rooftop**  
Diagonal-Straight



















**Wall-Plane-Twist-Shake**  
Straight with Rotation

## Anexo 12 – Movimentos retos para a frente e para trás

### Forward-Back Straight Movement

Forward-Back movement is parallel with the floor.

It is written with **single-stemmed** arrows:

	<b>Floor-Plane-Straight</b> Movement From Elbow		<b>Floor-Plane-Corner</b> Straight-Corner
	<b>Floor-Plane-Flex</b> Movement From Wrist		<b>Floor-Plane-Check</b> Diagonal-Corner-Straight
	<b>Floor-Plane-Double</b> Small, Quick Movement		<b>Floor-Plane-Box</b> Straight-Corner-Straight
	<b>Floor-Plane-Nod</b> Small, Quick Movement		<b>Floor-Plane-ZigZag</b> Straight-Corner-Diagonal
	<b>Floor-Plane-Cross</b> Cross 1 Way, Then Other		<b>Floor-Plane-Peaks</b> Mountain Tops
	<b>Floor-Plane-Triple</b> Small, Quick Movement		<b>Floor-Plane-Twist</b> Straight with Rotation
	<b>Floor-Plane Nod-&amp;-A-Half</b> Small, Quick Movement		<b>Floor-Plane-Twist-Twist</b> Straight with Rotation
	<b>Floor-Plane-Road-Bend</b> Diagonal Straight		<b>Floor-Plane-Twist-Shake</b> Straight with Rotation



## Anexo 13 – Movimento circular paralelo à parede da frente

### Circular Movement

#### Arm Circles

Arm circles are written with dotted lines. Arrows mark exactly where the circular movement starts. When reading Circle Symbols, place your hand where the arrows are located on the circle, and then move in the direction of the arrows.

#### Single Arm Circles Side-To-Side Parallel Wall Plane



1. One Circle  
Starts High



2. One Circle Starts  
High-Diagonal-Right



3. One Circle  
Starts Right Side



4. One Circle Starts  
Low-Diagonal-Right



5. One Circle  
Starts Low



6. One Circle Starts  
Low-Diagonal-Left



7. One Circle  
Starts Left Side



8. One Circle Starts  
High-Diagonal-Left

#### Double Arm Circles Side-To-Side Parallel Wall Plane



1. Two Circles  
Start High



2. Two Circles Start  
High-Diagonal-Right



3. Two Circles  
Start Right Side



4. Two Circles Start  
Low-Diagonal-Right



5. Two Circles  
Start Low



6. Two Circles Start  
Low-Diagonal-Left



















7. Two Circles  
Start Left Side



8. Two Circles Start  
High-Diagonal-Left

## Anexo 14 – Movimento circular paralelo à parede ao chão e movimento circular à parede do lado

Single Circles Forward-Back Sagittal & Floor Planes	Double Circles Forward-Back Sagittal & Floor Planes
 1. Forward-Back Circle Parallel with Side Wall	 1. Forward-Back Circle Parallel with Side Wall
 2. Forward-Back Circle Left High Diagonal	 2. Forward-Back Circle Left High Diagonal
 3. Forward-Back Circle Parallel with Floor	 3. Forward-Back Circle Parallel with Floor
 4. Forward-Back Circle Left Low Diagonal	 4. Forward-Back Circle Left Low Diagonal
 5. Forward-Back Circle Parallel with Side Wall	 5. Forward-Back Circle Parallel with Side Wall
 6. Forward-Back Circle Right Low Diagonal	 6. Forward-Back Circle Right Low Diagonal
 7. Forward-Back Circle Parallel with Floor	 7. Forward-Back Circle Parallel with Floor
 8. Forward-Back Circle Right High Diagonal	 8. Forward-Back Circle Right High Diagonal

## Anexo 15 – Movimento curvo paralelo à parede da frente

### Up-Down Curved Movement

Up-Down movement is parallel with the front wall. It is written with **double-stemmed** arrows:



1. Curve Up-Side



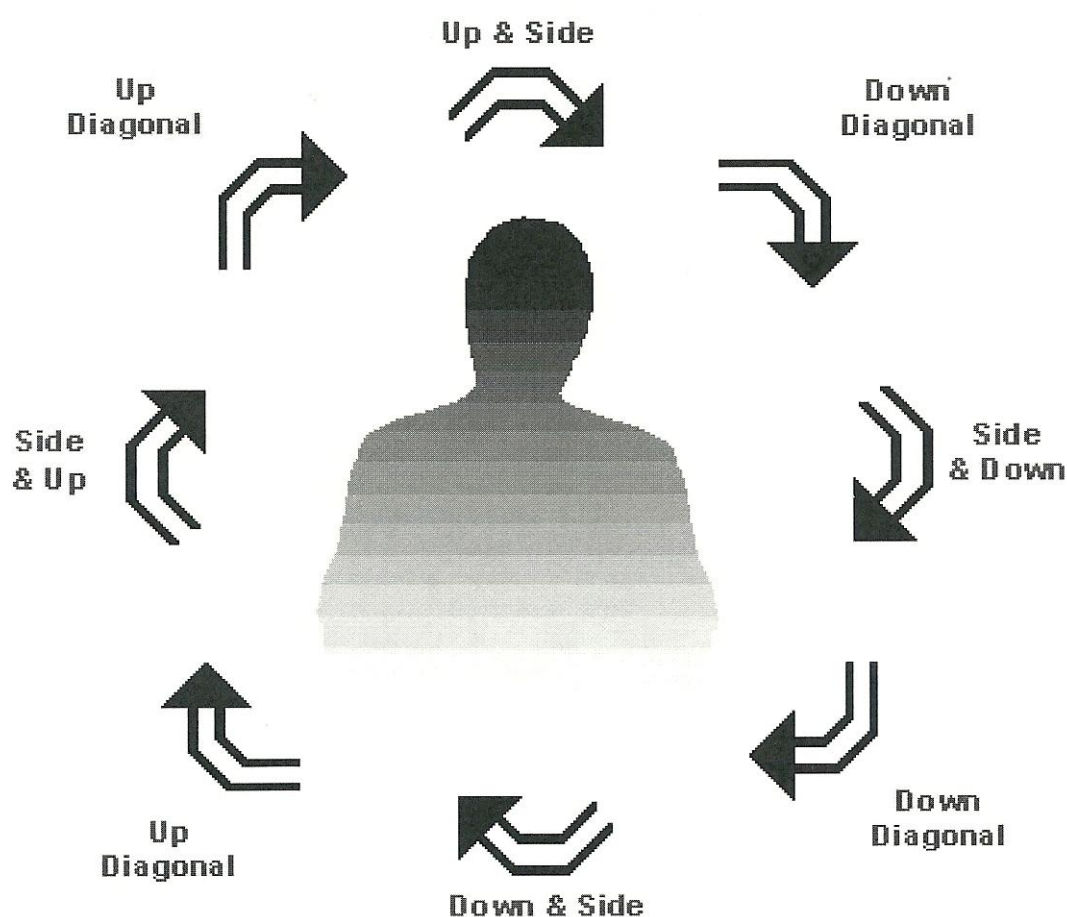
2. Curve Up-Up



3. Curve Up-Down-Up



4. Curve Up-Loop-Up

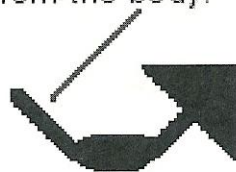


## Anexo 16 – Movimento curvo paralelo ao chão

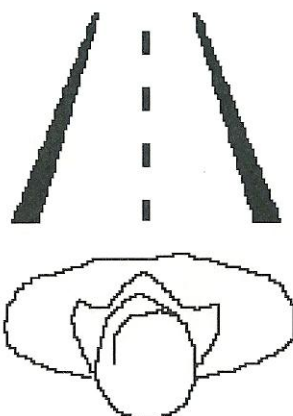
### Forward-Side or Back-Side Curved Movement

The movement is parallel with the floor.  
It is written with **single-stemmed** arrows.

The thinner section means  
**far** from the body.



The thick, dark section  
means **close** to the body.



#### Close & Far Perspective

Like looking down a road,  
**close** is wider and darker.



1. Forward-Side



2. Forward-Side-Side



3. Forward-Loop-Side



4. Forward-Side-Back-Side



5. Back-Side



6. Back-Side-Side



7. Back-Loop-Side

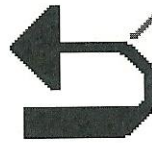


8. Back-Side-Forward-Side

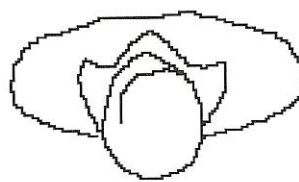
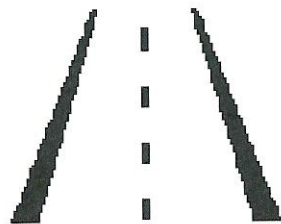
## Side-Forward-Side or Side-Back-Side Curved Movement

Forward-Back movement is parallel with the floor.  
It is written with **single-stemmed** arrows.

The thinner section means  
**far** from the body.



The thick, dark section  
means **close** to the body.



**Close & Far Perspective**  
Like looking down a road,  
**close** is wider and darker.



1. Side-Forward-Side



2. Side-Forward-Side Twice



3. Side-Forward-Side Loop



4. Side-Forward-Side Snake



5. Side-Back-Side



6. Side-Back-Side Twice



7. Side-Back-Side Loop



8. Side-Back-Side Snake



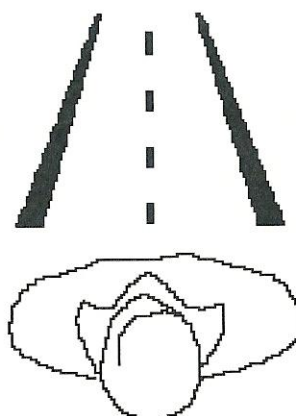
## Anexo 17 – Movimento curvo paralelo à parede do lado

### Forward-Over or Back-Over Curved Movement

Forward-Back movement is parallel with the floor.  
It is written with **single-stemmed** arrows.

The thinner section means  
**far** from the body.

The thick, dark section  
means **close** to the body.



**Close & Far Perspective**  
Like looking down a road,  
**close** is wider and darker.



1. Forward-Over



2. Forward-Over-Over



3. Forward-Loop-Over



4. Forward-Over-Under



5. Back-Over



6. Back-Over-Over



7. Back-Loop-Over

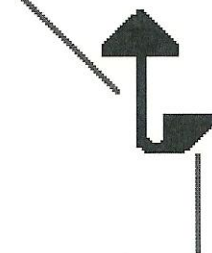


8. Back-Under-Over

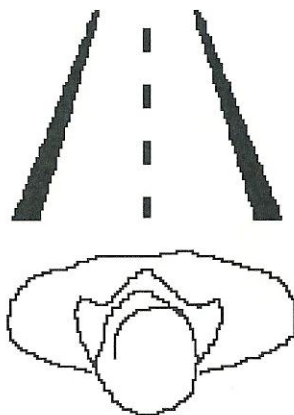
## Forward-Under or Back-Under Curved Movement

Forward-Back movement is parallel with the floor.  
It is written with **single-stemmed** arrows.

The thinner section means  
**far** from the body.



The thick, dark section  
means **close** to the body.



### Close & Far Perspective

Like looking down a road,  
**close** is wider and darker.



1. Forward-Under



2. Forward-Under-Under



3. Forward-Loop-Under



4. Forward-Under-Over



5. Back-Under:



6. Back-Under-Under



7. Back-Loop-Under



8. Back-Over-Under

## Anexo 18 – Movimento horizontal de rotação do antebraço com os dedos para o lado

### Forward-Over & Back-Over Rotations



1. Forward-Over  
Single Rotation



2. Forward-Over  
Double Rotation



3. Forward-Over  
Alternating Rotation



4. Back-Over  
Single Rotation



5. Back-Over  
Double Rotation



6. Back-Over  
Alternating Rotation

### Forward-Under & Back-Under Rotations



1. Forward-Under  
Single Rotation



2. Forward-Under  
Double Rotation



3. Forward-Under  
Alternating Rotation



4. Back-Under  
Single Rotation



5. Back-Under  
Double Rotation



6. Back-Under  
Alternating Rotation



## Anexo 19 – Movimento horizontal de rotação do antebraço com os dedos para a frente

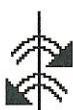
### Side-Over & Side-Down-Side Rotations



**1. Side-Over  
Single Rotation**



**2. Side-Over  
Double Rotation**



**3. Side-Over  
Alternating Rotation**



**4. Side-Down-Side  
Single Rotation**



**5. Side-Down-Side  
Double Rotation**



**6. Side-Down-Side  
Alternating Rotation**

### Side-Under & Side-Up-Side Rotations



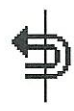
**1. Side-Under  
Single Rotation**



**2. Side-Under  
Double Rotation**



**3. Side-Under  
Alternating Rotation**



**4. Side-Up-Side  
Single Rotation**



**5. Side-Up-Side  
Double Rotation**



**6. Side-Up-Side  
Alternating Rotation**

## Anexo 20 – Movimento vertical de rotação do antebraço

### Forward-Side & Back-Side Rotations



**1. Forward-Side  
Single Rotation**



**2. Forward-Side  
Double Rotation**



**3. Forward-Side  
Alternating Rotation**



**4. Back-Side  
Single Rotation**



**5. Back-Side  
Double Rotation**



**6. Back-Side  
Alternating Rotation**

### Side-Forward-Side & Side-Back-Side Rotations



**1. Side-Forward-Side  
Single Rotation**



**2. Side-Forward-Side  
Double Rotation**



**3. Side-Forward-Side  
Alternating Rotation**



**4. Side-Back-Side  
Single Rotation**



**5. Side-Back-Side  
Double Rotation**

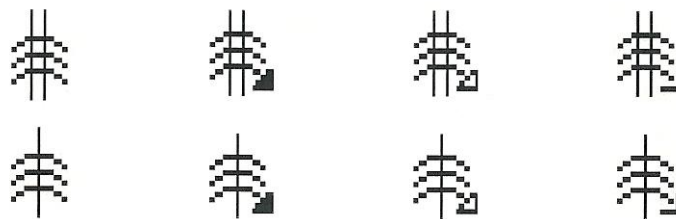


**6. Side-Back-Side  
Alternating Rotation**

## Anexo 21 – Movimento rápido de rotação do antebraço

### Shaking Rotation

Shaking Rotation does not define how many rotations you make. Instead, it is a fast, shaking motion. It can be written with or without an arrowhead. The dark and light arrowheads are needed at times, to show which arm is doing the shaking:



## Anexo 22 – Movimento de rotação do pulso

### Wrist Circles

Wrist circles are written with solid lines. Arrows are placed outside the circle. When reading Wrist Circle Symbols, place your hand at the arrow, and then move in that direction.

#### Single Wrist Circles Side-To-Side Parallel Wall Plane



1. One Circle  
Starts High



2. One Circle Starts  
High-Diagonal-Right



3. One Circle  
Starts Right Side



4. One Circle Starts  
Low-Diagonal-Right



5. One Circle  
Starts Low



6. One Circle Starts  
Low-Diagonal-Left



7. One Circle  
Starts Left Side



8. One Circle Starts  
High-Diagonal-Left

#### Double Wrist Circles Side-To-Side Parallel Wall Plane



1. Two Circles  
Start High



2. Two Circles Start  
High-Diagonal-Right



3. Two Circles  
Start Right Side



4. Two Circles Start  
Low-Diagonal-Right



5. Two Circles  
Start Low



6. Two Circles Start  
Low-Diagonal-Left









7. Two Circles  
Start Left Side









8. Two Circles Start  
High-Diagonal-Left

**Single Wrist Circles  
Forward-Back  
Sagittal & Floor Planes**

-  1. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  2. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  3. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  4. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  5. Forward-Back Circle  
Parallel with Floor
-  6. Forward-Back Circle  
Parallel with Floor

**Double Wrist Circles  
Forward-Back  
Sagittal & Floor Planes**

-  1. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  2. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  3. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  4. Forward-Back Circle  
Parallel with Side Wall
-  5. Forward-Back Circle  
Parallel with Floor
-  6. Forward-Back Circle  
Parallel with Floor

## **Anexo 23 – Expressão facial: zona da testa**

### **Forehead**



**Neutral  
Forehead**



**Wrinkled  
Forehead**

## Anexo 24 – Expressão facial: sobrancelhas

### Eyebrows



Eyebrows Up



Right Eyebrow Up



Left Eyebrow Up



Eyebrows Neutral



Right Eyebrow Neutral



Left Eyebrow Neutral



Eyebrows Down



Right Eyebrow Down



Left Eyebrow Down

**Eyebrows**  
continued...



**Eyebrows Down Inside**



**Right Eyebrow Down Inside**



**Left Eyebrow Down Inside**



**Eyebrows Up Inside**



**Right Eyebrow Up Inside**



**Left Eyebrow Up Inside**



**Eyebrows Down Outside**



**Right Eyebrow Down Outside**



**Left Eyebrow Down Outside**



**Eyebrows Up Outside**



**Right Eyebrow Up Outside**



**Left Eyebrow Up Outside**



## Anexo 25 – Expressão facial: olhos e olhar

### Eyes



Eyes Open



Bug Eyes



Right Eye Open



Eyes Half Open



Left Eye Open



Right Eye Half Open



Eyes Squint



Left Eye Half Open



Right Eye Squints



Eyes Half Shut



Left Eye Squints



Right Eye Half Shut



Eyes Closed



Left Eye Half Shut



Right Eye Closed



Eyelashes



Left Eye Closed



Right Eyelash



Eyes Squeezed  
Tightly Together



Left Eyelash

## Eyegaze



**Eyegaze Up**



***Eyegaze*  
Up-Diagonal**



**Eyegaze Side**



**Eyegaze  
Down-Diagonal**



**Eyegaze Down**



**Eyegaze  
Down-Diagonal**



**Eyegaze Side**



**Eyegaze  
Up-Diagonal**



**Eyegaze Forward**



***Eyegaze*  
Forward-Diagonal**



**Eyegaze Side**



**Eyegaze  
Back-Diagonal**



**Eyegaze Back**



**Eyegaze  
Back-Diagonal**



**Eyegaze Side**



**Eyegaze  
Forward-Diagonal**

## Anexo 26 – Expressão facial: orelhas e bochechas

Ears



Ears

Right Ear

Left Ear

Cheeks



Cheeks  
Filled With Air



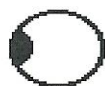
Right Cheek  
Tense High



Right Cheek  
Filled With Air



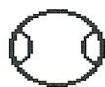
Left Cheek  
Tense High



Left Cheek  
Filled With Air



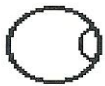
Cheeks  
Tense Middle



Cheeks  
Without Air



Right Cheek  
Tense Middle



Right Cheek  
Without Air



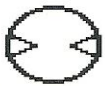
Left Cheek  
Tense Middle



Left Cheek  
Without Air



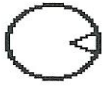
Cheeks  
Tense Low



Cheeks  
Sucked-In



Right Cheek  
Tense Low



Right Cheek  
Sucked-In



Left Cheek  
Tense Low



Left Cheek  
Sucked-In



Whole Face  
Over To The Right



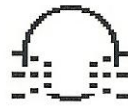
Cheeks  
Tense High



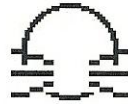
Whole Face  
Over To The Left

## Anexo 27 – Expressão facial: respiração e nariz

### Breathing



Air Out



Air In



Exhale



Inhale

### Nose



Neutral  
Nose



Contact  
Tip of Nose



Wrinkle  
Nose



Wiggle  
Nose

## Anexo 28 – Expressão facial: boca

### Mouth



**Mouth Neutral  
Straight, Closed**



**Closed Mouth  
Protrudes Forward**



**Closed Smile**



**Closed Smile  
with Pressure on  
Sides of Mouth**



**Open Smile,  
Half Straight**



**Closed Frown**



**Closed Frown  
with Pressure on  
Sides of Mouth**



**Half Frown,  
Half Straight**



**Open Mouth**



**Open Mouth  
Protrudes Forward**



**Open Mouth  
Wrinkles Around  
Sides of the Mouth**

**Mouth**  
continued...



**Oval Open Mouth  
Horizontal**



**Rectangular Open  
Mouth Horizontal**



**Oval Open Mouth  
Vertical (Yawn)**



**Rectangular Open  
Mouth Vertical**



**Kiss**



**Kiss Protrudes  
Forward**



**Lips Sucked In  
Pressed Together**



**Upper Lip Over  
Lower Lip**



**Lower Lip Over  
Upper Lip**



**Double Wrinkles  
Around Mouth**



**Double Wrinkles  
Right Side Mouth**



**Double Wrinkles  
Left Side Mouth**



**Single Wrinkles  
Around Mouth**



**Single Wrinkle  
Right Side Mouth**



**Single Wrinkle  
Left Side Mouth**



**Tense Lips**



**Tense Lips  
Protrude Forward**



**Tense Lips  
Sucked Back**



**Lip Corners  
Both Up**



**Lip Corner  
Up Right**



**Lip Corner  
Up Left**



**Upper Lip Up  
In the Middle**



## Anexo 29 – Expressão facial: língua

### Tongue



**Tongue Sticks  
Outside & Up**



**Tongue Sticks  
Outside &  
Up Diagonal**



**Tongue Sticks  
Outside & Side**



**Tongue Sticks  
Outside &  
Down Diagonal**



**Tongue Sticks  
Outside & Down**



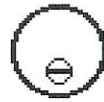
**Tongue Sticks  
Outside &  
Down Diagonal**



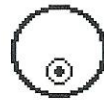
**Tongue Sticks  
Outside & Side**



**Tongue Sticks  
Outside &  
Up Diagonal**



**Tongue Sticks  
Outside Straight  
Center Mouth**



**Tongue Sticks  
Outside Curled  
Center Mouth**



**Tongue Licks Lip  
Outside & Up**



**Tongue Licks Lip  
Outside &  
Up Diagonal**



**Tongue Licks Lip  
Outside & Side**



**Tongue Licks Lip  
Outside &  
Down Diagonal**



**Tongue Licks Lip  
Outside & Down**



**Tongue Licks Lip  
Outside &  
Down Diagonal**



**Tongue Licks Lip  
Outside & Side**



**Tongue Licks Lip  
Outside &  
Up Diagonal**

**Tongue**  
continued...



**Tongue Tip  
Touches Inside Up**



**Tongue Tip  
Touches Inside  
Up Diagonal**



**Tongue Tip  
Touches Inside  
Side Left**



**Tongue Tip  
Touches Inside  
Down Diagonal**



**Tongue Tip  
Touches Inside  
Down**



**Tongue Tip  
Touches Inside  
Down Diagonal**



**Tongue Tip  
Touches Inside  
Side Right**



**Tongue Tip  
Touches Inside  
Up Diagonal**



**Tongue Inside  
Rests Roof Mouth**



**Tongue Inside  
Rests Up Diagonal**



**Tongue Inside  
Rests Left Side**



**Tongue Inside  
Rests Down  
Diagonal**



**Tongue Inside  
Rests Bottom**



**Tongue Inside  
Rests Down  
Diagonal**



**Tongue Inside  
Rests Right Side**



**Tongue Inside  
Rests Up Diagonal**



## **Anexo 30 – Expressão facial: dentes**

### **Teeth**



**Teeth Neutral  
Mouth Open**



**Upper Teeth  
Touch Tongue**



**Lower Teeth  
Touch Tongue**



**Upper Teeth  
Touch Lower Lip**



**Lower Teeth  
Touch Upper Lip**



**Teeth Bite Lip**



**Teeth Bite  
Right Side of Lip**



**Teeth Bite  
Left Side of Lip**

## Anexo 31 – Expressão facial: queixo

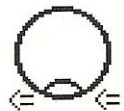
### Chin



**Chin Up**



**Chin  
Up-Diagonal**



**Chin Side**



**Chin  
Down-Diagonal**



**Chin Down**



**Chin  
Down-Diagonal**

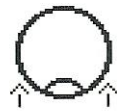


**Chin Side**

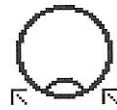


**Chin  
Up-Diagonal**

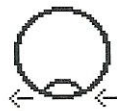
**Chin**  
continued...



**Chin Forward**



**Chin  
Forward-Diagonal**



**Chin Side**



**Chin  
Back-Diagonal**



**Chin Back**



**Chin  
Back-Diagonal**



**Chin Side**



**Chin  
Forward-Diagonal**

## Anexo 32 – Expressão facial: outras partes

### Other



## Anexo 33 – Posição dos ombros

### Shoulders



Shoulders



Right Shoulder Up (Position)



Both Shoulders Up (Position)



Right Shoulder Down (Position)



Both Shoulders Down (Position)



One Shoulder Up, One Shoulder Down (Position)



Shoulder Moves Up



Shoulder Moves Up-Diagonal



Shoulder Moves Down-Diagonal



Shoulder Moves Down



Shoulder Moves Forward



Shoulder Moves Forward-Diagonal



Shoulder Moves Back-Diagonal



Shoulder Moves Back
















Shoulder Moves Up & Down



Shoulder Moves Forward & Back

## Anexo 34 – Posição do tronco

Torso		Torso Pulls Up
		Torso Sinks Down
		Torso Moves In A Curve, Up & Side
		Bend To The Left Side (The Arrow Pushes the Torso Up & Side)
		Body Twists To The Left Side (The Arrow Pushes The Torso In A Rotation)
		Body Twists To The Right Side (The Arrow Pushes The Torso In A Rotation)
		Torso Tilts Forward
		Torso Tilts Forward-Diagonal
		Torso Tilts Side
		Torso Tilts Back-Diagonal
		Torso Tilts Back
		Torso Tilts Back & Forth Body Rocks Forward & Back
		Torso Tilts Back & Forth Body Rocks Back & Forward & Back

## Anexo 35 – Posição da cabeça

### Head Positions

#### Face Direction Lines

This is not movement. It is a stable position marking the direction of the nose and face, relating to the shoulders.



Face Direction, Center



Face Direction, Center, Tilt Right



Face Direction, Center, Tilt Left



Face Direction, Side Right, Center



Face Direction, Side Left, Center



Face Direction, Side Right, Tilt Right



Face Direction, Side Right, Tilt Left



Face Direction, Center Up



Face Direction, Center Up, Tilt Right



Face Direction, Side Right, Up



Face Direction, Side Right, Up, Tilt Right



Face Direction, Side Right, Up, Tilt Left



Face Direction, Center Down



Face Direction, Center Down, Tilt Right



Face Direction, Side Right, Down



Face Direction, Side Right, Down, Tilt Right

## Anexo 36 – Sinais de pontuação

### Punctuation



End of sentence



Pause of normal length (short pause)



Longer pause (the width between the lines determines the length of the pause)



Placed at end of sentence that ends with a question. It represents a blend of the Pause symbol and the "End of the Sentence" symbol. When a sentence ends in a question, there is a slight pause at the end.



Similar to a colon in English. This is used in the middle of a sentence, right before a list of items are discussed.



Placed at the end of a sentence that is signed quickly. Marks a "fast sentence".



Placed at the "beginning and end" of a section of a sentence that is signed quickly. Marks a "fast phrase".



Placed at the end of a sentence that is signed slowly. Marks a "slow sentence".





Placed at the 'beginning and end' of a section of a sentence that is signed slowly. Marks a "slow phrase".



Placed at the end of a sentence that is signed in a tense fashion. Marks a 'tense sentence'.



Placed at the "beginning and end" of a section of a sentence that is signed in a tense fashion. Marks a "tense phrase".



Placed at the end of a sentence that is signed in a relaxed fashion. Marks a "relaxed sentence".



Placed at the "beginning and end" of a section of a sentence that is signed in a relaxed fashion. Marks a "relaxed phrase".



Parentheses. Marks a 'second thought' inside a sentence.



Quotes

## Anexo 37 – Representações escritas de uma criança surda portuguesa

ESCOLA

– Ensino Bilingue de Alunos Surdos

Data: 16/11/2012



### O prémio de quem não desiste

Num dia cinzento de Primavera, o Luizinho, um rapaz alto e magro com o cabelo curto e liso muito espetado, passeava pelo campo. Ele assobiava muito contente, porque não tinha escola. Saltitava e jogava com uma pedra pelo caminho, quando de repente, viu uma maçã muito brilhante pendurada em cima da ravina.

Resolveu apanhá-la e começou a subir a ravina.

A ravina era muito direita e escorregadia (escorregadia) e ele caiu.

Ele tentou outra vez, mas as pedras soltavam-se e ele caía. De repente começou a chover e a trovejar e a terra molhada escorregava mais. Era muito difícil subir.

Lembrou-se de prender uma corda e trepar por ela, mas a corda era fininha e com o peso dele partiu-se. O luizinho voltava a cair, mas não desistia.

Foi procurar paus e pregos e fez uma escada, para encostar à ravina e chegar à maçã maravilhosa. Subiu, subiu e apanhou a maçã.

Foi muito muito difícil apanhá-la. A maçã era tão bonita e cheirosa que o Luizinho decidiu oferecê-la à sua mãe.

1. Qual é o título do texto?

2. Quem é a personagem principal?

3. Como era o Luizinho?

4. Quando é que ele foi passear?

MO

ESCOLA

– Ensino Bilingue de Alunos Surdos

Nome :

Data: 27/10/2011



Muito Bom  
Parabéns!



### A receita do supermercado

A Mariana gostaria de ser bailarina, mas era muito gordinha.

Um dia resolveu ir ao médico pedir um tratamento, mas ele receitou-lhe uma dieta.

A receita  
supermercado.

não será aviada na farmácia, mas sim no



No supermercado, a Mariana comprou alface, tomate, pepino, cenoura, e couve roxa para fazer salada. Para fazer sopa, comprou batatas, nabo, abóbora e ervilhas. Para não ter doenças e não engordar, ela terá de comer muitos legumes.

Só precisa de comer um pão por dia e os doces estão proibidos. Também não precisa de gorduras, e por isso, as batatas fritas são proibidas.

Para crescer, precisará de comer algumas proteínas, por isso, comprou peixe, frango, leite, ovos e iogurtes.

Falta comprar uma coisa, mas ela não se lembra o que é.

Pensou na roda dos alimentos e lembrou-se que tem de comer muito dos grupos grandes, e pouco dos grupos pequenos. O grupos pequenos têm gorduras e proteínas, mas já comprou o que precisa.

## **Anexo 38 – Vídeos dos gestos da LGP escritos em SignWriting**